PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Carolina Salomão Corrêa

Violência urbana e vulnerabilidades:

O discurso dos jovens e as notícias de jornais

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do departamento de Psicologia da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profª. Solange Jobim e Souza

Rio de Janeiro
Março de 2010

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Carolina Salomão Corrêa

Violência urbana e vulnerabilidades:

O discurso dos jovens e as notícias de jornais

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª. Solange Jobim e Souza
Orientadora
Departamento do Psicologia - PUC-Rio

Profª Regina Célia Reyes Novaes
Departamento de Sociologia - IFCS/UFRJ

Profª Eliane Ribeiro Andrade
Departamento de Educação – UERJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 29 de março de 2010

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Carolina Salomão Corrêa

Graduou-se em comunicação social com habilitação em jornalismo na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2006. Desde 2008 integra o Grupo Interdisciplinar de pesquisa da Subjetividade do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Corrêa, Carolina Salomão

Violência urbana e vulnerabilidades: o discurso dos jovens e as notícias de jornais / Carolina Salomão Corrêa ; orientadora: Solange Jobim e Souza. – 2010.

118 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Juventude. 3. Violência urbana. 4. Vulnerabilidade. 5. Subjetividade. 6. Morte. I. Souza, Solange Jobim e. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Para os meus pais, Stella e Maurílio,
pela amizade e paciência.

Agradecimentos

À professora Solange Jobim, minha orientadora, pela acolhida no espaço da Psicologia, pela generosidade em compartilhar o conhecimento e pela fé contagiante de que atuação do pesquisador pode fazer diferença no mundo.

Aos amigos do grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade - GIPS pela amizade, apoio e interlocução durante toda a realização da dissertação.

Aos meus pais, Stella e Maurílio, pelo apoio incondicional a esse projeto, pelas palavras de incentivo e encorajamento, pela paciência e amor.

Ao Luis Fernando, pela companhia, pelo carinho, pela escuta paciente. E, por ajudar sem saber que estava ajudando.

À Sandra Korman, que me ensinou a não negligenciar o prazer nos processos, no trabalho e na vida.

Aos amigos Flávio Mendonça e Leonardo Lima que me apoiaram no cotidiano, me ofereceram carinho, descanso e bom-humor durante os momentos mais exaustivos da escrita.

À professora Eliane Ribeiro pela sua inestimável ajuda na busca de um espaço para a realização de mais uma *roda de conversa.*

Aos jovens participantes das *rodas de conversa*, que compartilharam com generosidade suas idéias e experiências.

À Capes, pela bolsa de estudos que viabilizou o desenvolvimento e concretização dessa pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Resumo

Corrêa, Carolina Salomão; Jobim e Souza, Solange. **Violência urbana e vulnerabilidades: O discurso dos jovens e as notícias de jornais.** Rio de Janeiro, 2010. 118p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação expressa uma preocupação em relação à maneira como a juventude contemporânea vêm lidando com o estado de violência urbana e vulnerabilidades ao qual estão submetidos. Estudos, pesquisas e relatórios desenvolvidos na última década pela UNESCO apontam os jovens como a parcela da população mais vulnerável a problemas como violência, desemprego, dificuldade acesso à educação de qualidade e carências de bens culturais, lazer e esporte. Quando focados na realidade da América Latina os dados mostram que os jovens entre 15 e 24 anos constituem a parcela da população mais expostas a violências externas, tais como homicídios e acidentes de trânsito. No Brasil, do total de homicídios ocorridos no país aproximadamente 56% são a jovens, dito de outro modo, mais da metade das vítimas tem idade entre 15 e 29 anos. A pesquisa partiu da coleta e reunião de notícias de jornais referentes a situações de óbitos e vulnerabilidades envolvendo os jovens para perceber de que maneira os dados estatísticos se presentificam no cotidiano noticiado. As reportagens além de demonstrarem a realidade no campo social serviram de ponto de partida para um amplo debate com jovens de diferentes segmentos sociais acerca da condição da juventude na contemporaneidade. Esses encontros foram nomeados *rodas de conversa.*Através das falas dos jovens nas *rodas de conversa* este trabalho intentou exemplificar o modo pelo qual os jovens vivenciam a violência e experimentam essa realidade permeada por riscos e vulnerabilidades. Em síntese, o objetivo desta pesquisa foi incentivar a reflexão sobre o modo como a violência urbana e a vulnerabilidade afetam a experiência subjetiva da juventude no contemporâneo, oferecendo subsídios para os profissionais, que desenvolvem trabalhos voltados para este público, criarem alternativas intervencionistas de caráter preventivo. Ainda, a intenção desta pesquisa foi a de incentivar o desenvolvimento de políticas públicas para a juventude, um campo de atuação permeado por controvérsias que demandam urgências dos profissionais desta área.

Palavras-chave

Juventude; violência urbana, vulnerabilidade; subjetividade; morte.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Abstract

Corrêa, Carolina Salomão; Jobim e Souza, Solange (Advisor). **Urban violence and vulnerabilities: the youth speech and newspapers news.** Rio de Janeiro, 2010. 118p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research reveals a concern about the contemporaneous youth and how they deal with the state of urban violence and vulnerability that they are submitted. Studies, researches and written reports developed in the last decade by UNESCO show the youth as a portion of population more vulnerable to problems like violence, unemployment, difficulty of access to good education, and also fail to have access to cultural benefits, leisure and sport. When we focalize on Latin American reality the data show that the youths between 15 and 24 years old belong to the portion of population more exposed to external violence such as homicide and traffic accidents. In Brazil, the total number of homicide occurred in the country approximately 56% happens to young people, it means that more than a half of victims are between 15 and 29 years old. This research started looking after news from newspapers related to situations of homicides and vulnerability within the youth population for taking into account the way statistical data are presented to everyday life. The news not only indicated the reality but were also used as a start point to discuss with the young people from different social classes about their condition in the contemporaneousness. These meetings were called "conversations circles". Through the arguments of the young people within the "conversation circles", this research aimed to point out the manners the youth undergo the violence, a reality full of risks and vulnerabilities. Finally, the aim of this research was not only to promote a critical thinking about the way the urban violence and vulnerability affect the inner experience of the young people, but also to offer a knowledge to the professionals that work with young people for creating interventions to prevent these problems. The intention of this research was also to promote public policy directed to youth, a field full of disputes which claims for urgent solutions from the professionals of this area of studies.

Keywords

Youth; urban violence; vulnerability; subjectivity; homicide

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Sumário

Introdução..... 10

1. Cercando o tema e apresentando o problema: violência e vulnerabilidade das populações jovens nos centros urbanos..... 14

2. O jornal: comentador do cotidiano..... 18

3. Vulnerabilidades: delimitando o conceito..... 22

3.1 A origem e desdobramentos do termo vulnerabilidade..... 23

3.2 Vulnerabilidades: social, institucional e individual..... 31

3.2.1 Vulnerabilidade social..... 31

3.2.2 Vulnerabilidade institucional..... 33

3.2.3 Vulnerabilidade individual..... 37

4. Práticas discursivas no cotidiano e o jornal como agenciador de atos de fala..... 41

5. A caracterização dos jovens e seus contextos: percursos da pesquisa de campo..... 44

5.1. Considerações sobre o uso da videogravação nas *rodas de conversas*..... 48

6. Com a palavra os jovens..... 51

6.1 “Acidentes: 1/3 das vítimas é jovem”..... 53

6.2 “Polícia prende 38 jovens com drogas em rave”..... 58

6.3 “Militares são presos por entregar jovens para tráfico”..... 67

6.4 “Jovem é morto na porta de boate em Ipanema”..... 70

6.5 “Morte de jovens por PM causa revolta”..... 74

6.6 “Morre jovem baleado em festa em São Gonçalo”..... 78

6.7 “Morte no navio: Isabella bebeu demais e foi asfixiada pelo vômito, diz PF”..... 80

7. Sobre a consciência do risco: retomando os discursos dos jovens..... 87

8. Considerações finais..... 94

9. Referências bibliográficas..... 100

Anexo..... 109

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

"Cariocas", o adjetivo no plural coloca em pauta todas as diferenças que separa os jovens do Rio de Janeiro em termos de local de moradia, renda familiar, religião, cor, escolaridade, gosto, estilos etc... No entanto, feitas as devidas ponderações, podemos dizer que os jovens cariocas, nascidos a partir dos anos 70 têm um ponto em comum: cresceram e foram socializados em tempos de "cultura do medo".

Regina Novaes (1997)

Guris e gurias mostram suas armas

A arma é passaporte para a visibilidade e instrumento de auto-afirmação ou é só atalho para o cofre? O medo é sentimento que fluidifica os canais da relação congelada, ainda que seja um mau sentimento, ou é apenas condição para que o atalho leve mesmo ao cofre? O que está em jogo é a relação ou é a grana? O assalto, afinal de contas, é um ato utilitário, além de ser uma violação aos meus direitos e liberdades, ou é um gesto simbólico, num contexto afetivo condicionado pela desigualdade e por sucessivas rejeições? É matéria para psicologia ou é caso de polícia?

Luiz Eduardo Soares (2005)

Introdução

O objetivo desta pesquisa é investigar o modo como determinados grupos de jovens vivenciam a violência e explicitam a compreensão do risco e da vulnerabilidade a que estão expostos, bem como a relação que estabelecem com a eminência da morte.

O tema desta investigação parte da constatação de que a violência que aflige o país envolve toda a população, mas atinge principalmente os jovens. Nos debates que se instauram em torno da violência, diferentes visões e enfoques buscam apresentar soluções, porém, nem sempre as propostas estão em comum acordo, mostrando, contudo, unanimidade em relação à gravidade do problema.

Para se ter idéia da dimensão do problema basta saber que, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) do percentual de óbitos por homicídios ocorridos no Brasil mais da metade vitimiza a população entre 15 e 29 anos.

Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo investigar o modo pelo qual os jovens vivenciam a experiência da violência e do risco, tendo como fio condutor as seguintes indagações: (i) qual o impacto nos jovens da convivência indistinta com a morte imposta pela violência urbana? (ii) que tipo de experiência subjetiva em relação à própria morte, a proximidade com a morte do outro desencadeia? (iii) qual a possibilidade que os jovens têm de planejar o futuro, inseridos numa realidade que questiona o porvir a partir da freqüente incidência de morte prematura?

Para responder essas questões desenvolveu-se uma metodologia específica que teve como principal foco a escuta dos jovens – protagonistas da problemática – e a representação que essa faixa etária constrói acerca da própria realidade.

O primeiro capítulo apresenta e dimensiona de maneira sucinta o problema do estado de vulnerabilidade e o contexto de violência urbana que aflige a juventude contemporânea. Nesse capítulo, gráficos e estatísticas expõem a complexidade do problema amparados por recortes de jornais que ilustram a questão no campo social, tema do segundo capítulo.

A pesquisa propriamente dita aconteceu em três etapas: de campo e análise. A coleta e arquivamento de notícias de jornal foi tema do segundo capítulo da dissertação. Neste momento, o jornal foi essencial, pois trouxe à tona

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

uma realidade conhecida muitas vezes apenas a partir de dados e estatísticas, dando maior concretude ao tema. Entre os meses de maio de 2008 a janeiro de 2009 foram pesquisadas e selecionadas, do jornal O GLOBO, notícias referentes a situações de risco, vulnerabilidade e óbito envolvendo jovens no Brasil. Nessa investigação, tendo por base um jornal de grande circulação, buscou-se uma aproximação com o modo como os discursos jornalísticos representam a violência e a vulnerabilidade da juventude brasileira, ou seja, os modos como estes fenômenos se expressam e são disseminados no campo social.

Como jornalista de formação as notícias, independente da editoria, nunca me foram indiferentes. Natural, visto que aproximadamente dois terço do curso de graduação em comunicação social são dedicados a apuração de informações e a melhor maneira de apresentá-las em forma de reportagem ao seu público-alvo. Callado (2002) esclarece melhor essa função:

> O jornalista busca a simplicidade para fazer-se entendido pelo maior número possível de leitores. Nessa busca deve repudiar não somente a adjetivação opinativa como toda e qualquer expressão que possa tornar penosa a leitura do jornal ao homem comum (...) a única coisa importante na imprensa é a notícia. (p.42)

Quando me interessei pela temática da alta incidência de óbitos entre os jovens e iniciei uma investigação ainda experimental sobre o assunto, percebi que meu interesse pelo assunto residia menos na forma e modo como essas notícias são apresentadas – embora esse seja um fato relevante para a pesquisa – mas, mais nas implicações que a propagação dessas notícias tem nos jovem. Nesse sentido, de maneira contrária ao que Callado nos apresenta, todo meu interesse estava para além da notícia e, portanto ficou claro que essa não era uma pesquisa para ser desenvolvida com foco no jornalismo e nas suas práticas. A objetividade e a simplicidade que a abordagem jornalística exige não me permitiriam responder as perguntas que neste trabalho me proponho.

Não quero dizer com isso que não há espaço na mídia para um jornalismo crítico e sensível, se o dissesse estaria sendo injusta com inúmeros colunistas e cronistas que diariamente vão além de suas tarefas de informar e nos convidam a reflexão e ao engajamento. Ao contrário, quero crer que os jornalistas, em sua maioria desejam sim contribuir mais do que fornecendo informação. No entanto,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

em seu papel fundamental de noticiar os fatos de maneira objetiva, respondendo 'onde?', 'quando?', 'quem?', por quê?', 'como?', 'o que?'[1], aquele que escreve a matéria vê-se obrigado a ser demasiado direto e, nesse sentido, pouco reflexivo.

Tampouco sugiro que seja uma prática comum a todos os meios, existem inúmeras revistas e periódicos que se dedicam a investigar os fenômenos sociais convocando especialistas das mais variadas áreas. Entretanto é possível perceber em alguns veículos de comunicação impressa – sobretudo nos jornais diários – que suas reportagens, quase sempre ilustradas, não parecem ter como objetivo trazer à tona a discussão e a reflexão sobre o terrível da violência, ou mesmo produzir uma nova consciência acerca deste tema. Com freqüência, o atroz explicitado nas páginas objetiva meramente o choque, a perplexidade e o aumento das vendas.

É consenso na análise dos diversos fenômenos dos meios de comunicação a concepção de que eles fazem parte de um sistema que se articula à lógica da vida social. E que, nas sociedades modernas, esses meios ocupam um lugar privilegiado de produção e reprodução do real, tornando-se poderosos agentes na organização do espaço relacional (Hobsbawn, 1995). É, portanto, no foco da interação entre o noticiado e o público que essa dissertação se propõe a investigar. As notícias foram na pesquisa importantes agentes de discussão e reflexão sobre o tema. O segundo e o quarto capítulo em especial dedicam-se à elucidação do papel dos jornais na pesquisa.

Concomitante a coleta e arquivamento das notícias de jornal, uma pesquisa teórica foi desenvolvida, tendo como propósito definir o conceito de 'vulnerabilidade', uma vez que consideramos ser este um conceito central para compreendermos a vivência cotidiana da juventude com o risco e a morte. O terceiro capítulo, portanto tratou da revisão bibliográfica acerca do conceito, buscando particularidades e atentando para as especificidades referentes à pesquisa. Essa investigação sobre o termo levou-nos a divisão do conceito em três categorias: individual, social e institucional.

O quarto capítulo trouxe o jornal à cena mais uma vez, desta vez privilegiando sua capacidade de ilustrar a questão e engatilhar o debate nas *rodas*

[1] Na prática jornalística essas seis perguntas constituem o *'lead'* e devem estar presente logo no primeiro parágrafo da reportagem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

de conversa. Este capítulo explica como o jornal auxiliou o desenvolvimento de atos de fala a partir das notícias ali apresentadas.

Na terceira etapa da pesquisa, as notícias coletadas serviram de material para reflexão, no contexto da realização de oficinas com jovens de diferentes segmentos sociais, promovendo um debate sobre as múltiplas faces da vulnerabilidade, evidenciando como os jovens reconhecem ou ignoram a realidade demonstrada pelas notícias. Assim, foram realizadas, no período de maio a agosto de 2009, três oficinas, aqui caracterizadas como *rodas de conversa*, que serão apresentadas detalhadamente ao longo deste trabalho. O capítulo cinco apresenta os jovens participantes e traça o percurso da pesquisa de campo.

O capítulo seis contemplou o resultado das *rodas de conversa* a partir das notícias apresentadas aos jovens. Dividida em subcapítulos, esta parte da dissertação apresentou os temas que cada notícia suscitou no repertório pessoal dos jovens e explicitou as questões mais recorrentes relacionadas às situações de violência e estados de vulnerabilidade expostas nas notícias. O capítulo sete retoma a fala dos jovens e aborda outro aspecto desenvolvido das *rodas de conversa*: a consciência do risco e a noção da morte como uma realidade que permeia a faixa etária pesquisada. Este último capítulo busca responder de forma mais objetiva as perguntas propostas nessa introdução.

De maneira geral, a pesquisa teve como propósito estimular a reflexão acerca dos modos pelos quais a violência urbana e a vulnerabilidade afetam a experiência subjetiva da juventude em relação à morte, oferecendo subsídios para os profissionais, que desenvolvem trabalhos voltados para este público, criarem alternativas intervencionistas de caráter preventivo. Além disto, a intenção desta pesquisa é a de incentivar o desenvolvimento de políticas públicas para a juventude circunstanciadas na participação efetiva deste segmento social, uma vez que este se revela um campo de atuação permeado por controvérsias que demandam soluções urgentes, mas, principalmente, soluções competentes dos profissionais desta área.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

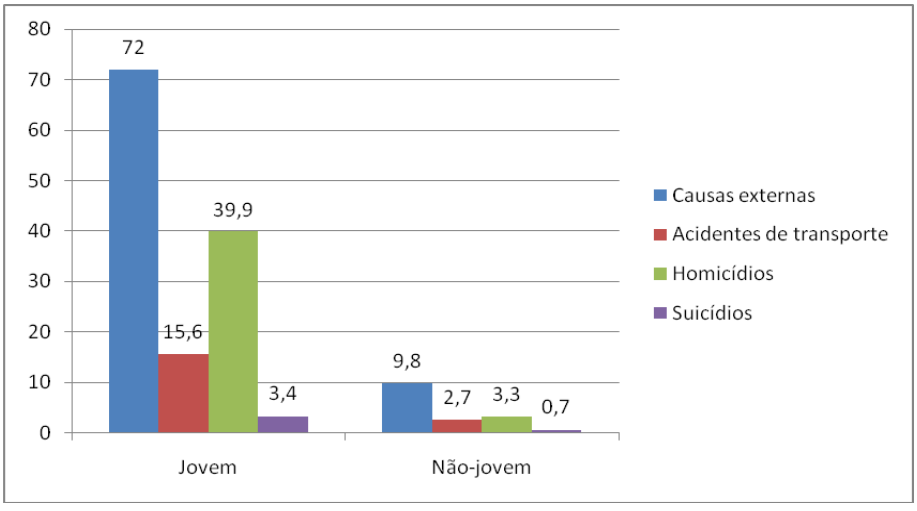
1.

Cercando o tema e apresentando o problema: violência e vulnerabilidade das populações jovens nos centros urbanos

A relação entre a juventude e a violência na sociedade brasileira contemporânea pode ser examinada mediante o recurso a várias fontes de dados. Órgãos oficiais como Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e pesquisas universitárias como as desenvolvidas pela Laboratório da Violência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Lav-Uerj) são exemplos de fontes atuais e confiáveis acerca do tema.

Segundo dados da Unesco as taxas de mortalidade mais elevadas por causas externas (óbitos por violência conjunta decorrentes de homicídios, suicídios, agressões e acidentes de trânsito) estão no grupo entre 15 e 24 anos. Deste modo, a juventude, exposta a violências externas, fruto da desigualdade socioeconômica, ou inserida em uma realidade permeada por riscos impostos ou auto infligidos, configura-se como um período da vida de extrema vulnerabilidade.

Se dividirmos a população em dois grandes grupos: *os jovens*, de 15 a 24 anos, e os *não-jovens*, *de* 0 a 15 e 25 e mais anos, teremos na população *não-jovem* 9,8% de mortes atribuíveis a causas externas, enquanto entre os jovens as causas externas são responsáveis por 72%, como demonstra o gráfico.



Unesco, 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Essas estatísticas encontram-se no relatório Mapa da Violência da Unesco, principal fonte de dados e informações sobre o tema. Publicado bienalmente, o estudo traz os índices mais recentes sobre a violência nos âmbitos nacionais e internacionais e seus efeitos potencializados na população jovem. Em seu último Mapa[2] (2005) o estudo traçou comparações internacionais realizadas em 67 países e evidenciou que o Brasil ocupa o quarto lugar nas taxas de homicídio no que se refere à população em geral e o quinto na sua população jovem. O primeiro lugar é ocupado pela Colômbia, país onde o tráfico também é o principal aliciador da criminalidade, entretanto em alguns estados brasileiros como Maceió e Recife as taxas de mortalidade superam as colombianas. A América Latina é o continente mais vulnerável tendo Colômbia, Venezuela, El Salvador e Brasil como os principais representantes. Para se ter uma idéia da discrepância das taxas de mortalidade entre os continentes, comparado com o resto do mundo, o jovem latino-americano tem 30 vezes mais chances de ser vítima de homicídio do que um jovem europeu.

Recentemente o Laboratório de Análise da Violência da Uerj lançou a pesquisa Índice de Homicídios na Adolescência (IHA)[3] que pretende estimar o risco de mortalidade por homicídio de adolescentes que residem em um determinado território. "Ele foi criado com o objetivo de exemplificar o impacto da violência letal neste grupo social de uma forma simples, sintética e que ajudasse na mobilização das pessoas para a gravidade do problema." O IHA serve como complemento para as informações já fornecidas pelos Mapas da Violência e os Relatórios de Desenvolvimento Juvenil da Unesco. A contribuição do Índice para essa pesquisa deve-se a sua especificidade nos municípios e a atualidade de seus dados. O estudo do Lav-Uerj foi estabelecido através da junção dos dados do Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM) e os dados de população do IBGE.

O IHA realizou uma análise preliminar em 267 municípios com mais de 100 mil habitantes e estabeleceu o número de morte de jovens por homicídios que

[2]WAISELFISZ, J.J. Mapa da violência IV: jovens do Brasil, UNESCO, 2005.
[3] *Índice de Homicídios na Adolescência: Análise preliminar dos homicídios em 267 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes*, Julho de 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

esses municípios estão sujeitos se as taxas permanecerem inalteradas, ou seja, se nada for feito em favor dessa população. O estudo levou em conta variações de risco por cor/raça, faixa etária, sexo e meio utilizado (armas de fogo, outros meios). Analisando as variáveis percebe-se que as taxas atingem seu pico na faixa de 20 a 24 anos, vitimiza mais jovens do sexo masculino, negros e o risco de morrer vítima de homicídio cometido por armas de fogo é três vezes maior do que por outros meios. Esse risco varia em alguns estados. No Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pernambuco e Alagoas o risco de ser vitimizado por arma de fogo chega a seis vezes o risco referentes a outros meios.

Conheça os números

Um retrato dos homicídios de jovens de 12 a 18 anos nas 267 cidades brasileiras com mais de 100 mil habitantes (em 2006)

Rapazes correm **11,91 vezes** mais risco de assassinato do que moças

Negros correm **2,6 vezes** mais risco de assassinato do que brancos

O risco de ser assassinado por arma de fogo é **3,29 vezes** maior do que por outros meios

Nos 23 municípios do Rio pesquisados, esse risco é, em média, **6,2 vezes** maior, a maior incidência de assassinatos por arma de fogo do país

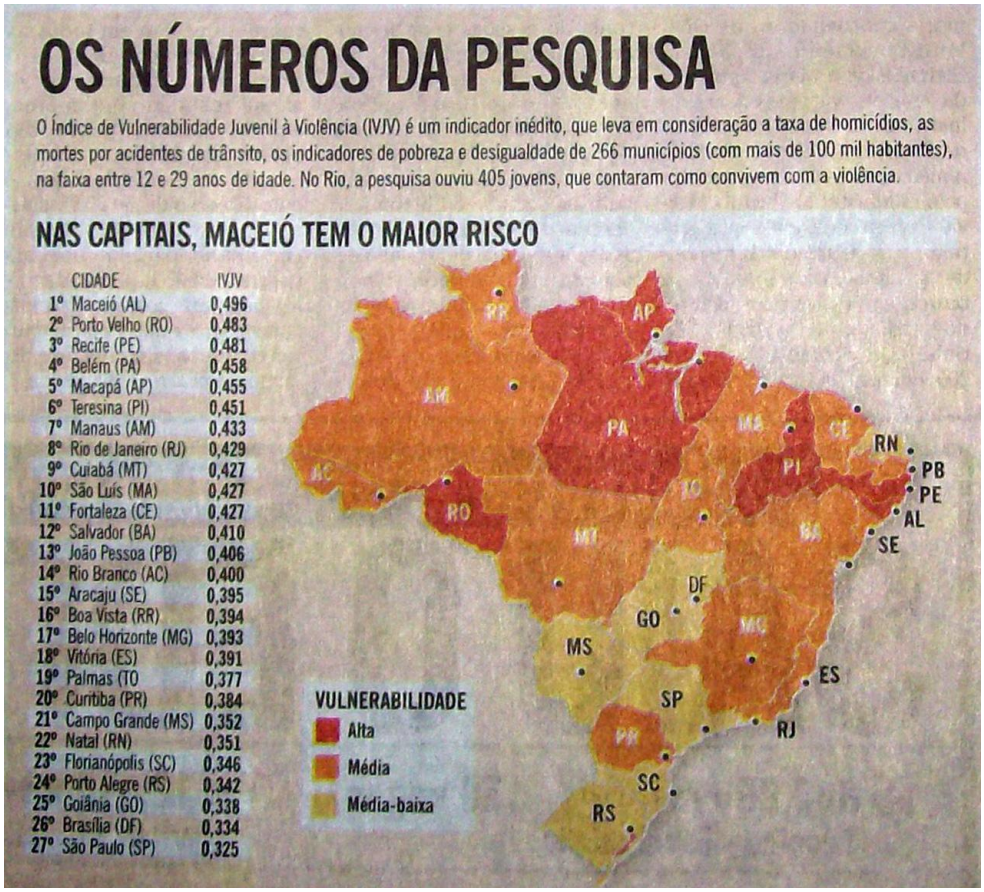
	MUNICÍPIOS	UF	ÍNDICE DE HOMICÍDIOS* NA ADOLESCÊNCIA (IHA-2006)	ESTIMATIVA DE JOVENS DE 12 A 18 ANOS ASSASSINADOS DE 2006 A 2012
1º	Foz do Iguaçu	PR	9,74	446
2º	Governador Valadares	MG	8,49	327
3º	Cariacica	ES	7,32	393
4º	Olinda	PE	6,54	353
5º	Linhares	ES	6,15	118
6º	Serra	ES	6,12	375
7º	Duque de Caxias	RJ	6,07	683
8º	Jaboatão dos Guararapes	PE	6,04	578
9º	Maceió	AL	6,03	826
10º	Recife	PE	6,03	1.263
11º	Itaboraí	RJ	6,00	175
12º	Vila Velha	ES	5,63	315
13º	Contagem	MG	5,54	460
14º	Pinhais	PR	5,48	93
15º	Luziânia	GO	5,41	149
16º	Cabo Frio	RJ	5,39	121
17º	Ibirité	MG	5,24	133
18º	Marabá	PA	5,19	185
19º	Betim	MG	5,00	304
20º	Ribeirão das Neves	MG	4,98	241
21º	Rio de Janeiro	RJ	4,92	3.423
25º	Vitória	ES	4,32	190
32º	Porto Velho	RO	4,19	259
35º	Belo Horizonte	MG	4,02	1.248
36º	Cuiabá	MS	3,83	323
57º	Macapá	AP	3,08	192
59º	Curitiba	PR	3,03	693
74º	João Pessoa	PB	2,78	278
90º	Salvador	BA	2,42	988
103º	Fortaleza	CE	2,23	811
109º	Belém	PA	2,07	448
112º	Natal	RN	2,05	244
122º	Florianópolis	SC	1,76	95
127º	Manaus	AM	1,68	445
129º	Brasília	GO	1,67	567
132º	Porto Alegre	RS	1,66	289
133º	Teresina	PI	1,63	219
136º	Boa Vista	RR	1,59	64
137º	Campo Grande	RS	1,57	173
143º	Goiânia	GO	1,51	259
148º	São Luís	MA	1,45	251
151º	São Paulo	SP	1,42	1.992
161º	Rio Branco	AC	1,23	62
163º	Aracaju	SE	1,20	93
214º	Palmas	TO	0,58	20

*Para cada grupo de 1.000 jovens de 12 a 18 anos

O Globo/O País, 21/07/09

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Outro indicador importante lançado durante a produção da dissertação é o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (IVJV). Desenvolvido pelo Ministério da Justiça e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o IVJV tem abrangência e recorte etário similares ao IHA. O diferencial reside nos fatores levados em conta pelo estudo do Ministério da Justiça. Enquanto o IHA foca-se na probabilidade de homicídios o IVJV considera além das taxas de homicídios, as mortes por acidentes de trânsito, indicadores de pobreza e desigualdade. Neste sentido, em consonância com essa dissertação o Índice trabalha com o conceito de vulnerabilidade enquanto uma categoria mais ampla, produto da junção de múltiplas condições de desvantagem.



O Globo/O País, 24/11/09

Em comum, todos os estudos incluindo o presente trabalho têm a intenção de alertar para a gravidade do problema e reafirmar a necessidade de governo, pesquisadores e sociedade em geral trabalharem de forma articulada e pactuada em prol da juventude.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

2.

O jornal: comentador do cotidiano

Como ponto de partida optamos por apresentar alguns argumentos teóricos que nos orientaram na escolha do jornal como um objeto de pesquisa, com diferentes funções, mas especialmente como instrumento para o desenvolvimento da pesquisa de campo a partir de oficinas com jovens, caracterizadas como *rodas de conversas*. Nesta perspectiva, a respeito da utilização do jornal como estratégia metodológica, Spink (2006) afirma que os jornais fazem parte das múltiplas práticas do cotidiano e, portanto, oferecem pistas para a reflexão das realidades nele apresentadas. Nessa pesquisa, o jornal foi essencial para ilustrar e confirmar uma realidade muito presente, porém conhecida muitas vezes apenas a partir de dados e estatísticas.

Benedito Medrado (2004) ressalta em seu artigo "*Textos em cena: mídia como prática discursiva*" que na sociedade contemporânea, os meios de comunicação assumiram um papel fundamental no processo de construção e circulação de repertórios, tendo em vista, principalmente, sua afluência de público e, conseqüentemente *influência* sobre o cotidiano das pessoas. "Desse modo, ela confere uma visibilidade sem precedentes aos acontecimentos, informações e descobertas" (p.245).

A hipótese é que se é possível dar pouca atenção as estatísticas acerca da situação da juventude na contemporaneidade, é praticamente impossível não perceber sua freqüente presença nos meios de comunicação. É razoável desconhecer quais os municípios mais ou menos violentos para essa faixa etária, no entanto é improvável não perceber a vitimização dos jovens nas editorias dedicadas a cidade e ao país.

Entre os meses de maio de 2008 e janeiro de 2009 foram coletadas aproximadamente 230 notícias protagonizadas por jovens em situações de risco e violência. O levantamento desses dados foi feito no jornal O GLOBO. Este veículo impresso foi escolhido por tratar-se de um jornal de grande circulação e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

abrangência de assuntos, com seções como *Rio* e *O País*, dedicadas, respectivamente, a acontecimentos da cidade e estado do Rio de Janeiro e do país.

Do total de notícias coletadas, mais de 50% comunicavam óbitos, como por exemplo, a notícia de uma bala perdida que mata um jovem em Cordovil (fig.1). A outra metade se dividiu entre informações estatísticas acerca da temática, ou seja, reportagens que trazem dados comparativos do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) entre Rio e São Paulo (fig.2) e planos de ação governamentais para redução dos números de homicídios, tal como a implementação da Lei Seca para diminuir acidentes e óbitos no trânsito. (fig.3).

Bala perdida mata um estudante em Cordovil

Fig.1.

Índice de mortes do Rio é 3 vezes maior que o de SP

Cidade tem menos da metade de jovens, mas o dobro de vítimas; tráfico e violência policial são principais problemas

Fig 2.

Agora é tolerância zero para álcool e direção

Lei que prevê perda da habilitação para quem for flagrado dirigindo com qualquer teor alcoólico no sangue é sancionada

Fig.3.

O processo de coleta das notícias se dava diariamente. Com freqüência havia notícias sobre o tema na capa; entretanto majoritariamente as editorias habituais eram *Rio* e *O País.* Em artigo sobre a tematização social dos jovens no Brasil, Helena Abramo (2007) destaca o lugar do jovem nos meios de comunicação de massa. A autora comenta que da televisão à grande imprensa, passando pelas rádios, revistas etc, assistimos a uma avalanche de produtos especialmente dirigidos ao público adolescente e juvenil, mas também ao crescimento de noticiário a respeito de jovens.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> De forma geral, e grosso modo, pode-se notar uma divisão nestes dois diferentes modos de tematização dos jovens nos meios de comunicação. Nos casos dos produtos diretamente dirigidos a esse público, os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida e estilo de aparecimento, esporte, lazer. Quando os jovens são assunto dos cadernos destinados aos "adultos", no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos "problemas sociais", como violência, crime, exploração sexual, drogadição, ou as medidas para dirimir ou combater tais problemas (p.73).

Embora, a coleta das notícias não tenha se restringido a nenhuma seção específica – abrangendo, portanto matérias de cadernos dirigidos aos jovens e as seções gerais do jornal – a maior incidência de notícias com foco na violência e na condição de vulnerabilidade concentraram-se nessas últimas, reforçando o argumento da autora.

No entanto, o caderno dirigido propriamente aos jovens – no O GLOBO chama-se Megazine – foi útil por ser o espaço no jornal onde o jovem tem a oportunidade de falar de si mesmo. Nesse sentido, comportamento, expectativas e opiniões sobre a temática da pesquisa puderam ser encontradas nesse espaço.

As notícias iam sendo recortadas, digitalizadas e armazenadas em pastas para posterior análise. Inicialmente, foram criadas apenas duas pastas no computador, uma nomeada *riscos*, onde seriam armazenadas notícias em que os jovens haviam assumido comportamentos de risco – direção perigosa, abuso de álcool e drogas ilícitas – e outra denominada *vulnerabilidade*, para guardar notícias referentes à condição de vulnerabilidade dos jovens diante de violências infligidas – balas perdidas, violência policial e decorrentes da ação do crime organizado, são exemplos de notícias arquivadas nessa pasta. Em poucas semanas essas duas categorias já não eram suficientes.

Ocorreu que, à medida que as notícias iam sendo coletadas foi-se percebendo a necessidade de criar mais pastas diferenciadas para armazená-las. Já havia criado categorias para notícias referentes a acidentes de trânsito – com subcategoria para Lei Seca –, crime organizado, crime cometido pela polícia, drogadição, no entanto, a cada dia surgiam notícias de violência de outra ordem, com especificidades e âmbitos diversos. Em setembro e outubro de 2009 duas notícias chamaram a atenção. A primeira foi a reportagem sobre a morte de um jovem espancado por colegas de classe, após um corte de cabelo em Silva Jardim, estado do Rio. A segunda, que teve repercussão nacional, trata-se da reportagem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

sobre o seqüestro de um grupo de jovens na periferia de Santo André-SP que culminou na morte da jovem Eloá, 15 anos, assassinada pelo ex-namorado. Ambas as notícias reforçaram a sensação de que *riscos* e *vulnerabilidade* não seriam conceitos suficientes para categorizar as notícias. Tal constatação auxiliou na percepção de que mesmo nas situações ditas de risco havia um contexto de vulnerabilidade envolvido. Dito de outro modo, todas as notícias falavam de um estado de vulnerabilidade – mais ou menos objetivo – que demandava uma investigação mais aprofundada.

A partir da análise dos conteúdos e das conclusões iniciais percebeu-se a necessidade de buscar uma conceituação para o termo vulnerabilidade, pois este se configurou como central para a análise do problema da violência no contexto das populações jovens. Ainda que todas as notícias tratassem do mesmo tema ficou evidente que as especificidades de contextos sociais e culturais e situações não poderiam ser ignoradas, sendo elemento fundamental para uma conceituação mais precisa do conceito de vulnerabilidade e risco. A heterogeneidade das notícias forneceu a pista da pluralidade do conceito. Embora, o critério da coleta tenha sido a presença do jovem nas notícias relacionadas à condição de vulnerabilidade e violência urbana, o que se constatou foi que em alguns grupos de notícias essa era a única coisa em comum entre elas.

Assim, em paralelo a coleta e arquivamento das notícias de jornal, fez-se necessária uma revisão teórica, tendo como propósito principal compreender e conceituar o termo ‘vulnerabilidade’ a partir da sistematização oferecida por pesquisadores que já vinham se debruçando sobre este tema e oferecendo subsídios para avançarmos sobre esta discussão. Veremos a seguir a discussão do conceito tal como apresentado na literatura consultada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

3.

Vulnerabilidades: delimitando o conceito

Nossa intenção é revisar a bibliografia existente acerca do conceito de vulnerabilidade, assim como apresentar novas configurações deste termo aplicadas à pesquisa especificamente. A busca por particularidades da condição de vulnerabilidade fez-se necessária a partir da observação das notícias coletadas no jornal O GLOBO.

As publicações da Unesco sobre juventude e vulnerabilidade foram o aporte teórico inicial para a compreensão do conceito. Essa escolha se justifica pela atenção que essa organização dedica aos problemas da violência, da vulnerabilidade e cidadania no âmbito da juventude. Além de publicar bienalmente Relatórios de Desenvolvimento Juvenil e Mapas da Violência, pesquisadores da Unesco apresentam, com freqüência, estudos, balanços e debates buscando alternativas que possam subsidiar políticas sociais voltadas para esse grupo etário.

Como já mencionado, durante os meses de maio de 2008 a janeiro de 2009 foram coletadas no jornal O GLOBO variadas notícias tendo como destaque o tema da vulnerabilidade, violência e óbito no contexto da juventude. A reunião dessas notícias teve como objetivo perceber como a realidade conhecida e disseminada através de dados e estatísticas[4] se concretiza através do discurso jornalístico e ganha representação no campo social com apoio dos meios de comunicação. O resultado dessa coleta foi a reunião de aproximadamente 230 notícias protagonizadas por jovens em conjunturas de violência e risco de naturezas diversas. Analisando o material, a percepção primeira foi de que apesar das notícias trazerem o mesmo conteúdo e evidenciarem a fragilidade e o desamparo desse grupo etário, as circunstâncias, o nível de suscetibilidade e possibilidades de proteção e propensão ao óbito são diversas. Embora todos os jovens noticiados estivessem vulneráveis a violência e ao óbito, eram perceptíveis diferenças de realidades e contextos, questionando assim a uniformidade aparente.

[4] WAISELFIZ, J.J - Relatório do Desenvolvimento Juvenil 2003. Brasília: UNESCO, 2004. WAISELFIZ, J.J – Mapa da violência IV: Os jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

O segundo passo foi, portanto buscar semelhanças na multiplicidade de notícias. Através de pesquisa bibliográfica buscou-se traçar a origem do termo vulnerabilidade, tentando compreender a trajetória de um conceito que foi se expandindo e ganhando amplitude e sentido em contextos de usos diversos, para finalmente identificarmos as características específicas de seu uso no âmbito dos discursos sobre violência e juventude, permitindo uma caracterização mais fundamentada e precisa neste contexto que nos interessa particularmente.

3.1 Origem e desdobramentos do termo vulnerabilidade

Originário do movimento de Direitos Humanos, o termo vulnerabilidade difundiu-se na década de 80 no campo da saúde pública ao tratar da epidemia da Aids. As características dessa epidemia, a maneira como ela foi atingindo grupos – de diversas formas e em diferentes países – fez com que se articulasse a incidência do vírus com o contexto sócio-econômico, buscando esclarecer quais grupos sociais e indivíduos poderiam estar mais ou menos vulneráveis a vitimização pela epidemia. A partir dessa articulação os termos *riscos* e *população de risco* foram, gradativamente, substituídos pelo termo vulnerabilidade. Em *"Capacitação Solidária: Um olhar sobre a juventude e sua vulnerabilidade social"*, Adorno (2001) explica:

> É preciso destacar que a noção de vulnerabilidade originada no âmbito das discussões sobre a epidemia de AIDS buscou incorporar a idéia do direito que todas as pessoas deveriam ter de alterar suas condições de vida para tornarem-se menos vulneráveis e, assim, promover a igualdade para todos (p.11).

Em conseqüência de tal abordagem, a prevenção da doença era entendida como resultado de informação e vontade pessoal, dependendo, portanto, da mudança de comportamento realizada voluntariamente pelo indivíduo. No entanto, pesquisadores[5] do termo vêm propondo ampliar o campo das reflexões para além do comportamento individual, compreendendo-o a partir da interação de múltiplos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, concebendo assim que as condições e possibilidades de proteção não se reduzem à simples vontade individual, racionalizada e consciente.

[5] Ayres, 1996; Paiva, 1996; Ayres, Calazans e França Junior, 1998

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Trata-se, deste modo de um esforço para compreender a complexidade da doença e dos recursos necessários para sua prevenção. A argumentação de Paulilo e Jeolás (2000) é de que se biologicamente qualquer indivíduo está sujeito a contrair o vírus, no âmbito sócio-econômico o risco é variável. Vulnerabilidade não é condição intrínseca e incontestável, de outro modo refere-se a situações e contextos socais e individuais articulados.

Vale ressaltar, portanto que a construção do conceito é resultado da confluência das áreas de saúde pública e das ciências humanas preocupadas com as múltiplas dimensões da epidemia, suas conseqüências e impacto social (Paulilo e Jeolás, 2000, p.40). Adorno (2001) elucida o conceito relacionando-o a rede de oportunidades disponíveis e as efetivas possibilidades de acesso por parte da população.

> O termo vulnerabilidade carrega em si a idéia de procurar compreender primeiramente todo um conjunto de elementos que caracterizam as condições de vida e as possibilidades de uma pessoa ou de um grupo – a rede de serviços disponíveis, como escolas e unidades de saúde, os programas de cultura, lazer e de formação profissional, ou seja, as ações do Estado que promovem justiça e cidadania entre eles – e avaliar em que medida essas pessoas têm acesso a tudo isso. Ele representa, portanto, não apenas uma nova forma de expressar um velho problema, mas principalmente uma busca para acabar com velhos preconceitos e permitir a construção de uma nova mentalidade, uma nova maneira de perceber e tratar os grupos sociais e avaliar suas condições de vida, de proteção social e de segurança. É uma busca por mudança no modo de encarar as populações-alvo dos programas sociais (Adorno,2001, p.12).

Nessa definição o autor contempla a pluralidade de realidades sociais e a sua relação com a situação de vulnerabilidade. Percebe-se pela explanação do autor que vulnerabilidade é termo que pede recorrência a diferentes planos, não podendo ser compreendido negligenciando especificidades.

É também sob a argumentação da pluralidade que Ana Sant'Anna (2005) no artigo*"Homicídios no Sul do Brasil: situações de vulnerabilidade segundo seus familiares"* propõe a divisão de três tipos interligados de componentes do conceito de vulnerabilidade: o individual, o social e o institucional. O trabalho tem como propósito avaliar as suscetibilidades dos jovens ao homicídio e a categorização do termo auxilia na compreensão das situações que os tornaram mais vulneráveis ao homicídio. A autora explica que o componente **individual**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

refere-se aos comportamentos e às práticas adotadas pelos adolescentes[6]; o **social** relaciona-se à estrutura da sociedade; e o programático ou **institucional** está associado à capacidade de resposta das instituições públicas às necessidades desses sujeitos.[7]

> Assim, vulnerabilidade pretende expressar a síntese de situações que suscetibiliza as pessoas aos agravos, os potenciais de adoecimento e não-adoecimento relacionados a indivíduos e a grupos que vivem determinado conjunto de situações (p.121).

A divisão em categorias, de fato ajuda a melhor operacionalizar o conceito, perceber particularidades e conjunturas. Nesse sentido, percebemos que a vulnerabilidade não é uma essência ou algo inerente a algumas pessoas ou grupos, mas diz respeito a determinadas condições e circunstâncias, que podem ser minimizadas ou revertidas.

Segunda a autora, os óbitos juvenis fazem parte de uma problemática mais ampla, que diz respeito ao crescimento da violência e suas expressões em diversos contextos e sociedade. De tal modo, a divisão proposta por Ana Sant'Anna (2005) foi adotada na categorização das notícias coletadas no jornal O GLOBO e orientou o nosso olhar para as causas específicas de cada situação noticiada.

Nos debates sobre vulnerabilidades contemporâneas e juventudes, é comum ressaltar-se a exposição a diversos tipos de violências (Abramovay et al 2002 e Waiselfisz, 2004) considerando em particular a alta incidência de morte por causas externas (óbitos por violência conjunta decorrentes de homicídios, suicídios, agressões e acidentes de trânsito) entre jovens. Diversos levantamentos já mostraram que, no Brasil, as taxas de mortalidade mais elevadas por causas externas estão no grupo entre 15 e 24 anos.

'É um genocídio nessa faixa etária'
Caxias, Itaboraí, Cabo Frio e Rio terão 4.402 jovens mortos antes dos 19

O Globo/O País – 22/07/09

[6] Alguns autores utilizam de forma indiferenciada os termos 'adolescência' e 'juventude'. Nessa pesquisa optou-se por utilizar 'juventude' para abarcar jovens de 15 a 24 anos.

[7] Estas três categorias de vulnerabilidade, apresentadas por Ana Sant' Anna (2005), serão tomadas nesta pesquisa como referências na categorização do material jornalístico que servirá de base para a pesquisa de campo com os jovens de diferentes segmentos sociais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Luiz Eduardo Soares (2004) afirma que um verdadeiro genocídio está em curso no país. No artigo "*Juventude e violência no Brasil contemporâneo*" o autor destaca que a vitimização letal protagonizada pela violência urbana alcançou um ponto tão grave que já é possível perceber um déficit de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica brasileira. "Um déficit que só se verifica nas sociedades que estão em guerra" (p.130). Lamentavelmente não há exagero na afirmação. Os índices de letalidade juvenil em cidades como Recife, Rio de Janeiro, Vitória e Maceió comprovam. Com base em dados do Ministério da Saúde e do IBGE, o Laboratório de Análise da Violência (LAV – Uerj) divulgou um estudo recente que estima que 33.504 jovens entre 12 e 18 anos serão vítimas de assassinatos entre 2006 e 2012, caso as taxas de homicídios de 2006 permaneçam inalteradas. A pesquisa analisou informações de 267 municípios com mais de 100 mil habitantes. A cidade do Rio respondeu pelo maior número absoluto: 3.423 – 10% do total – morreriam até 2012.

RETRATOS DO BRASIL: *Laboratório da Uerj analisou informações de 267 municípios com mais de 100 mil habitantes*

Violência matará 33 mil adolescentes até 2012

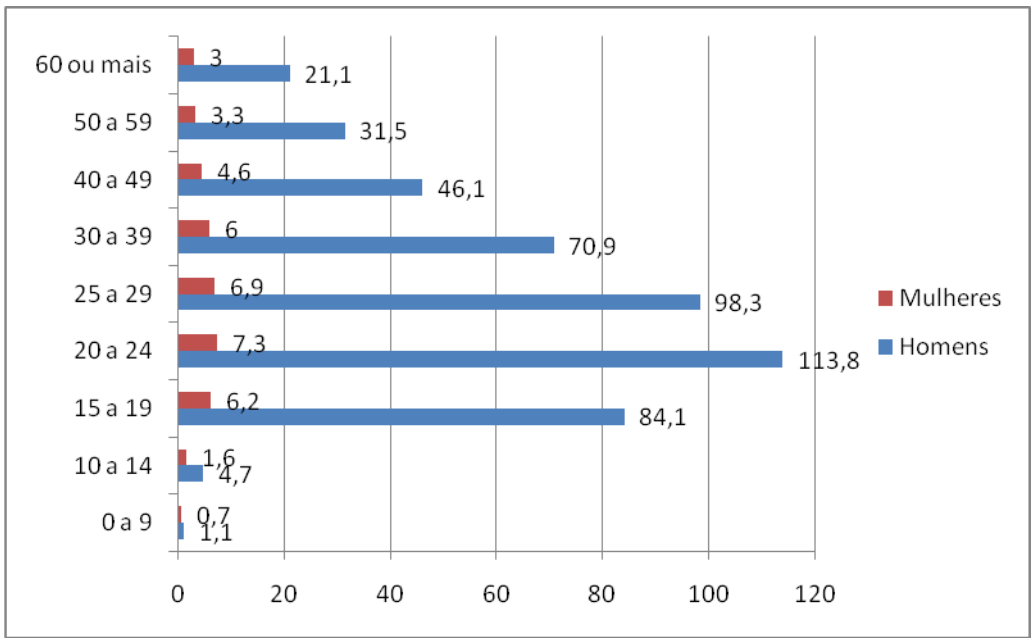
Número de vítimas de assassinato, desde 2006, equivale a dois aviões caindo por mês; 10% delas são do Rio

O Globo/O País – 22/07/09

A confluência de informações dos estudos e estatísticas não deixa dúvidas de que a população mais vulnerável a violências externas – representadas, sobretudo pelos homicídios – tem idade, sexo, cor e territorialidades bem definidos. O primeiro gráfico demonstra a discrepância de homicídios entre homens e mulheres e destaca a faixa etária em que os óbitos se agravam: entre 20 e 24 anos a vitimização por homicídio chega a 113,8 jovens mortos por 100 mil habitantes e esse número só atinge um decréscimo significante a partir dos 50 anos, ainda assim se não forem levados em consideração os números do sexo feminino.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

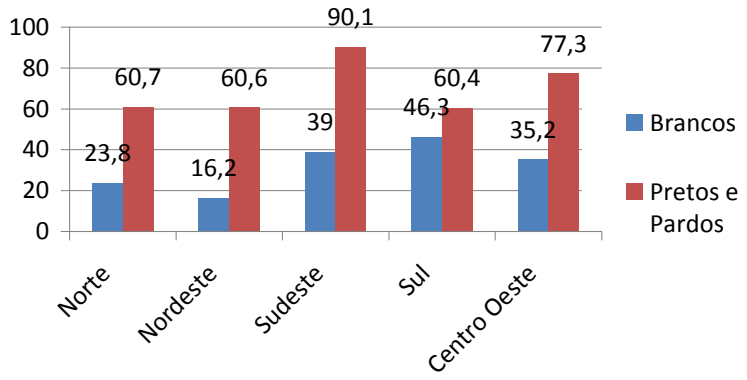
Homicídios segundo sexo e idade da vítima na cidade do Rio de Janeiro, 2006 – taxa por 100 mil habitantes.



Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

Quando os números são analisados tendo como referência a cor ou raça a disparidade permanece crônica. Em algumas regiões do país o número de óbitos de jovens negros é o triplo de jovens brancos, como mostra o gráfico 2.

Homicídios segundo cor e raça da população masculina de 18 a 24 anos de idade por regiões geográficas, 2005 – taxa por 100 mil habitantes.



Fonte:Laeser –Fichário das Desigualdades Raciais

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Em seu "Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2007 – 2008" o Laboratório de Análise Estatísticas Econômicas Sociais das Relações Raciais (Laeser – UFRJ)[8] destacou que entre 1999 e 2005 foram cometidos 3,33 homicídios de pessoas de cor ou raça preta&parda[9] por hora. Entre os brancos a média foi 2,29 pessoas por hora. Quando avaliado levando em consideração a relação com a territorialidade, dados da pesquisa apontam que na faixa de 18 a 24 anos, a maior diferença entre as taxas dos grupos de cor ou raça aconteceu no Nordeste, onde a dos pretos&pardos foi 273,8% superior a dos brancos.

Em reportagem recente, o jornal O GLOBO divulgou o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (IVJV). Diz a reportagem que se trata de um indicador inédito que leva em consideração a taxa de homicídios, as mortes por acidentes de trânsito, os indicadores de pobreza e desigualdade de 266 municípios (com mais de 100 mil habitantes) na faixa entre 12 e 29 anos. Este índice (IVJV) foi desenvolvido pelo Ministério da Justiça em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Assim, como os estudos da Laeser-UFRJ, este mais recente levantamento aponta as regiões norte e nordeste como as mais vulneráveis para a juventude, sendo Maceió a capital mais violenta do Brasil.

Violência é pior para jovens do Norte e Nordeste

Maceió é a capital mais violenta do país; SP é a menos perigosa; e Rio é a oitava pior do ranking, segundo pesquisa

O Globo/O País – 22/11/09

A mortalidade por homicídios entre jovens reflete um dos sintomas do quadro social brasileiro, que vulnerabiliza esse grupo populacional, expondo-os a situações que determinam sua morte de forma precoce e violenta.

Embora a taxa de mortalidade não seja o único dado que evidencia a posição vulnerável em que a juventude contemporânea se encontra, em virtude da presente pesquisa focalizar-se em parte na violência e no óbito juvenil, este é um dado privilegiado ao olhar a questão. Entretanto, essa discussão teórica tem como objetivo, vislumbrar outras possibilidades e compreensões do que chamamos *vulnerabilidade e risco*, além dos padrões de mortalidade.

[8] http://www.laeser.ie.ufrj.br/ acessado em 8 de outubro de 2009.

[9] Para o Laeser-UFRJ os termos negros ou afro-descentes designam igualmente os que nas pesquisas demográficas oficias declaram ter cor ou raça preta ou ter a cor ou raça parda.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Em seu "*Relatório sobre o desenvolvimento Juvenil*" (2003) a Unesco afirma que o expressivo contingente de jovens existente no conjunto geral da população, somado ao aumento da violência e da pobreza e ao declínio das oportunidades de trabalho, estão deixando a juventude latino-americana sem perspectivas de futuro, sobretudo o segmento de jovens que está sendo vítima de situações sociais precárias e aquém das necessidades mínimas para garantir uma participação ativa no processo de conquista da cidadania.

> Cada vez mais as políticas nacionais de juventude em distintos países da América Latina combinariam o enfoque que tem os jovens como vulneráveis, considerando, por exemplo, sua alta representação entre os desempregados, o risco de envolvimento com crimes e transgressões e suas mais altas taxas de fecundidade (Castro e Abramovay, 2005, p.55).

No artigo "*Homicídios, risco e vulnerabilidade: para uma discussão da dinâmica da vitimização por homicídios"* presente no livro *Homicídios no Brasil,* Maria Fernanda Tavares Peres (2007) comenta que o conceito de vulnerabilidade

> traz uma nova forma de pensar a chance do adoecimento: não mais como uma probabilidade não-aleatória, mas como resultante de um conjunto de aspectos *individuais*, *coletivos* e *contextuais* que acarretam maior susceptibilidade ao agravo e interferem na disponibilidade de recursos de proteção. Isso não significa abrir mão das análises de risco, e sim considerar o risco sob o pano de fundo de seus significados sociais concretos (Peres, 2007, p.137).

A autora propõe refletir sobre o risco a partir de um contexto social que o evoca e constitui. Resultado da reunião de idéias e discussões apresentadas no primeiro Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira (JUBRA), o livro "*Juventude Contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*" (2004), organizado por Lucia Rabello de Castro e Jane Corrêa, discute a compreensão dos conceitos de *vulnerabilidade e riscos sociais.* Para discutir juventude contemporânea e a condição de vulnerabilidade em que ela se encontra é imperioso contextualizar o mundo em que essa realidade se dá. Castro e Corrêa (2004) expõem o desafio dos jovens em estabelecer projetos de futuros em "um mundo que cria formas de fragmentação, de dispersão, de consumo desenfreado e de busca de alternativas rápidas e descartáveis de prazer".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> No caso dos jovens pobres, suas escolhas de auto-realização são feitas em condições de severa limitação, sendo a construção de um projeto de futuro restrita ainda mais pelo acesso diferenciado às formas de sua realização material (p.230).

As autoras continuam advertindo que os efeitos dessa exclusão produzida na contemporaneidade engendram uma cultura de violência e medo que antes estava contida nas comunidades e agora se encontra propagada em toda sociedade. Em consonância com esse pensamento, o estudo da Unesco *"Juventude, Violência e Vulnerabilidade na América Latina: Desafios para Políticas Públicas"* (2002) observa que devido à generalização do fenômeno da violência não existem mais grupos sociais protegidos. Assim, a violência não se restringe mais a determinados nichos sociais, raciais, econômicos e/ou geográficos. De tal modo, embora de forma diferenciada, o cotidiano dos jovens das classes mais prósperas, passam a figurar nos noticiários, ora como vítimas, ora como autores de atos de vandalismo e crimes.

É fundamental, portanto, conhecer não apenas o perfil de vitimização por homicídios, mas também sua dinâmica. Buscando compreender como se estruturam as situações de vulnerabilidade. Cano e Ribeiro (2007) destacam que o homicídio não é um fenômeno unívoco.

> Os homicídios respondem a etiologias diferentes, que vão desde brigas e crimes passionais até eventos relacionados à disputa por terras, passando por latrocínios ou conflitos entre membros do crime organizado. Podem ainda ser fruto de pistoleiros, traficantes ou grupos de extermínio (p.52).

Os autores reforçam o argumento da complexidade do cenário a partir da constatação da inexistência de uma classificação consensual sobre os tipos de homicídios existentes. "Cada corporação policial ou cada grupo de pesquisa usa a sua própria classificação em função dos seus objetivos."

Os diferentes estudos realizados na última década sustentam que a violência sofrida e praticada pelos jovens possui fortes vínculos com a condição de *vulnerabilidade social* em que se encontram. Nesses estudos, o conceito de vulnerabilidade social é citado como o resultado negativo da relação entre disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Sem dúvida, o acesso deficitário a serviços básicos tais como esgoto, coleta de lixo, postos de saúde, escolas e creches contribuem para a degradação e precariedade das condições de vida. E é público também que essas carências são comuns a comunidades pobres: bairros de periferias e favelas urbanas. Entretanto, embora significativo, esses fatores expressam apenas uma forma de *vulnerabilidade e risco*, que tem prioritariamente os jovens de comunidades socioeconômicas menos favorecidas como vítimas potenciais. Contudo, esses conceitos mostram-se mais amplos e complexos à medida que estudamos suas diversas formas de expressão e sua presença em diferentes grupos sociais e étnicos.

3.2 Vulnerabilidades: social, institucional e individual

3.2.1 Vulnerabilidade social

Os primeiros trabalhos ancorados na perspectiva da vulnerabilidade social foram desenvolvidos, motivados pela preocupação de abordar de forma mais integral e completa não somente o fenômeno da pobreza, mas também as diversas modalidades de desvantagens social. Assim, essa categoria de vulnerabilidade diz respeito à própria estrutura da sociedade, de direitos e acessos desiguais.

Adorno (2001) explica:

> Mais usualmente utilizada em nossos dias pelos movimentos sociais e de direitos humanos, a expressão *vulnerabilidade social* sintetiza a idéia de uma maior exposição e sensibilidade de um indivíduo ou de um grupo aos problemas enfrentados na sociedade e reflete uma nova maneira de olhar e de entender os comportamentos de pessoas e grupos específicos e sua relação e dificuldades de acesso a serviços sociais como saúde, escola e justiça. (Adorno, p.11)

A notícia “Boletim da violência” exemplifica o estado de vulnerabilidade social a que estão submetidos moradores de comunidades violentas do Rio de Janeiro. A reportagem informa que das dez escolas de pior desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) na rede municipal de ensino do Rio, nove estão localizadas em áreas violentas da cidade. Essa notícia exemplifica uma das facetas dessa categoria de vulnerabilidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Eleições 2008

Boletim da violência

Escolas em áreas de risco diminuem desempenho dos alunos e são desafio para os candidatos

O Globo/Rio 3 – 22/09/08

Vignoli (2001) comenta que a condição de vulnerabilidade social constitui-se a partir da interação de diferentes componentes – tais como posse e controle de recursos materiais e estruturas de oportunidades provindas da sociedade e do Estado – e refere-se à situação em que o conjunto de características, recursos e habilidades inerentes a um grupo social se revelam insuficientes, inadequados ou difíceis para lidar com o sistema de oportunidades oferecido pela sociedade, de forma a ascender a maiores níveis de bem-estar ou diminuir probabilidades de deterioração das condições de vida de determinados atores sociais (In Abramovay, 2002, p.30).

É grande o reconhecimento, entre pesquisadores e autoridades governamentais, de que os jovens constituem hoje uma parcela da população particularmente vulnerável aos problemas sociais e econômicos no país. Na América Latina, indicadores como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH) evidenciam que a juventude ainda está sujeita a sérias limitações, relacionadas a direitos básicos como o acesso ao conhecimento disponível e adequado às modernas necessidades sociais, ou um direito de uma vida longa e saudável, muitos dos quais percebidos nos déficits educacionais, nas formas e inserção no mercado de trabalho e nos padrões de mortalidade[10].

Abramovay (2002) observa que a violência, tendo os jovens como vítimas ou agentes, está intimamente ligada a condição de vulnerabilidade destes indivíduos.

> Atualmente, esses atores sofrem um risco de exclusão social sem precedentes devido a um conjunto de desequilíbrios provenientes do mercado, Estado e sociedade que tendem a concentrar a pobreza entre os membros desse grupo e distanciá-los do "curso central" do sistema social (2002, p.33).

[10] WAISELFIZ, J.J - Relatório do Desenvolvimento Juvenil 2003. Brasília: UNESCO, 2004.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Assim, o conceito de vulnerabilidade social se articula com a percepção de que o local de moradia e as condições de vida da família podem ser fatores de dificuldade, de obstáculo na realização dos projetos pessoais do jovem, ao mesmo tempo em que favorecem estilos de vida e de integração social que podem adicionar riscos à sua trajetória.

3.2.2 Vulnerabilidade institucional

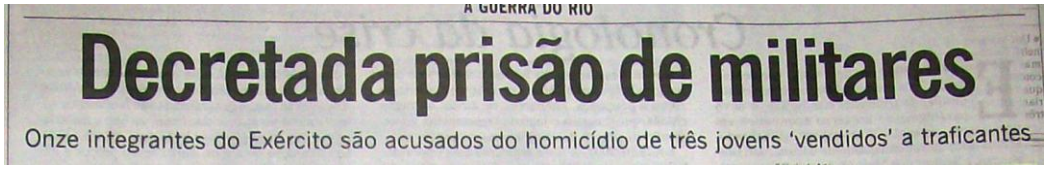
Semelhante a definição dada pela Unesco, vulnerabilidade institucional diz respeito às limitações e incapacidade do Estado fornecer igualitariamente insumos fundamentais para o desenvolvimento dos recursos materiais e simbólicos. No entanto, esse conceito vai além ao reconhecer na omissão do poder público um fator agravante de riscos e vulnerabilidades, quando não é o próprio causador.

A matéria de capa "Decretada prisão de militares" ilustra claramente a subversão do papel da segurança pública. Diz a reportagem:

> "Os militares ocuparam o Morro da Providência em dezembro de 2007 com o objetivo de acompanhar as obras de reforma de 780 casas, conforme projeto apresentado pelo senador Marcelo Crivella. Apesar dos oficiais terem dito que a missão era apenas social, não faltaram críticas as ações da corporação, assim como denúncias de conluio entre militares e traficantes."

Na madrugada do dia 16 de julho de 2008 a Justiça decretou a prisão temporária de 11 militares do Exército acusados de homicídio de três jovens detidos dias antes no Morro da Providência. Os militares foram acusados de terem vendido os rapazes a traficantes do Morro da Mineira que é comandado por uma facção rival. Os corpos dos jovens foram encontrados no domingo em um aterro sanitário.

No caso relatado no jornal, o Estado – representado pelo Exército – não só falha no dever de assegurar a segurança à comunidade como agencia uma barbárie que, naturalmente, deveria combater.


A GUERRA DO RIO

Decretada prisão de militares

Onze integrantes do Exército são acusados do homicídio de três jovens 'vendidos' a traficantes

Rio 8 – 16/06/08

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Gilberto Velho (2002) lembra que o poder público é responsável por iniqüidades geradoras de violência, pela sua inoperância em atender às necessidades básicas de uma população cada vez mais pobre. E, cada vez mais, além de falhar em seu papel de oferecer segurança a toda população, freqüentemente o Estado tem sido promotor de violências sem precedentes. Diferentes autores ressaltam que "o crescimento do crime e da violência resulta não apenas da pobreza e da desigualdade social. Resulta também da incerteza política e dos conflitos institucionais" (Mesquita e Neto et al, 2001, p.34).

Nos jornais, um exemplo dessas iniqüidades citadas pelo autor são as notícias que trazem a associação da polícia com o crime organizado e a expansão da atuação de milícias – grupos constituídos por polícias militares, ex-políciais e políticos – em comunidades antes agenciadas pelo tráfico de drogas. Nesses casos, as milícias chegam às favelas com o marketing da moralidade, prometendo combater o tráfico, aproveitando a lacuna deixada pelo Estado. A esse respeito, em artigo no *Jornal do Brasil*, o sociólogo Ignácio Cano (2002) comenta que o "Estado precisa ocupar o espaço que historicamente deixou vazio, permitindo que outros tomassem o seu lugar. O Estado precisa entrar na favela com algo mais que armas de fogo".

Deputado do PT denunciado por chefiar milícia em favela

Entre dez acusados, Babu é o único beneficiado pela imunidade parlamentar

• O Ministério Público denunciou à Justiça o deputado e policial civil licenciado Jorge Luiz Hauat, o Jorge Babu, o primeiro petista acusado de chefiar uma milícia. Com ele, mais dez foram processados, entre os quais um tenente-coronel da PM. Babu não teve pedida a prisão porque só pode ser detido em flagrante. A sexta reportagem da série Favela S/A revela um total de 180 políticos que transformaram favelas do Rio em currais eleitorais. Entre eles, pelo menos dois — o vereador Jorge Pereira (PTdoB) e sua mulher, a deputada estadual Graça Pereira (DEM) — fazem assistencialismo com recursos da prefeitura. A polícia apresentou Leandrinho Quebra-Ossos, acusado de ser um dos matadores da quadrilha que seria chefiada pelo deputado Natalino, já preso. Páginas 17 a 19

O Globo/Capa – 29/08/08

A notícia "Deputado do PT denunciado por chefiar milícia em favela", trata da denúncia do Ministério Público à Justiça do deputado Jorge Babu. A

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

reportagem informa que o deputado e ex-inspetor policial é suspeito de venda criminosa de serviços clandestinos tais como vans, fornecimento de gás e "gatos" de luz e TV a cabo, além de opressão de votos.

Peralva (2002, p.91) comenta que "a ineficiência das instituições responsáveis pela ordem pública não só abriu oportunidade para o desenvolvimento do crime, mas favoreceu também a privatização da segurança". A autora destaca duas principais formas de manifestação do fenômeno: forças profissionais privadas, que agem freqüentemente à margem da lei, e o desenvolvimento da justiça ilegal no âmbito da própria sociedade civil.

A privatização da segurança coloca em cena um dado ainda mais perverso: o da culpabilização da vítima. Peres (2007) diz que "a crescente mortalidade por homicídios e o alastramento dos casos para além das periferias urbanas deram ensejo a um discurso que transfere aos indivíduos a responsabilidade por sua segurança". Diante da ineficiência dos aparatos de segurança pública e a ausência do Estado, lança-se a idéia de que "cada um de nós deve fazer sua parte para se proteger". É evidente que prudência e cautela sempre foram aconselhadas, sobretudo no ir e vir das grandes metrópoles, entretanto o que essa máxima esconde é a declaração da máquina pública da sua incapacidade de combater a violência e promover ainda que, a passos lentos, a instauração de uma cultura de paz e segurança.

Outro produto sombrio da violência urbana é o endurecimento da atuação das instituições de segurança pública. Ocorre que diante do caos e do medo o desempenho da polícia é comprometido. Em artigo publicado no jornal O GLOBO, Cano (2007) responsabiliza o Estado pelo aumento da insegurança. O autor critica, sobretudo, a maneira que os responsáveis pela segurança pública do Rio de Janeiro "escolheram" para enfrentar a questão da violência. Comparando a atitude a sintomas de um transtorno bipolar o autor argumenta:

> "A magnitude do descaso perante os dramas cotidianos – uma elevada taxa de homicídios, um quinto da população vivendo sob coerção armada de grupos irregulares, numerosas mortes, inclusive de inocentes, em intervenções policiais – só encontra paralelo na intensidade da mobilização dedicada a alguns episódios de grande repercussão" (Cano, 2007, p.7).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Nesses casos, a passividade dá lugar à efervescência e reabrem-se velhas questões da área de segurança pública. A mais comum, ressalta o autor, é a do mito de que o problema é basicamente a leniência da legislação. Nessa linha de raciocínio o endurecimento penal resolveria o problema. Entretanto o autor adverte que o Brasil é o país onde o número de pessoas mortas pela polícia é provavelmente o mais alto do mundo. Em artigo que aborda a questão dos direitos humanos o autor revela que "os dados mostram que a polícia do Rio chegou a matar, durante vários anos, em média, uma pessoa por dia." (Cano, 2001, p.117) Nesse sentido, a própria reação do poder público, no seu empenho em "derrotar o inimigo", tem contribuído para o incremento da insegurança.

Polícia do Rio mata mais que o crime em SP

Taxa de autos de resistência na cidade supera a de homicídios na capital paulista

O Globo/ Rio – 09/07/08

A notícia "Polícia do Rio mata mais que o crime em SP" mostra em números o nível de despreparo e truculência da polícia carioca. Segundo a reportagem, desde 2007 o número de pessoas mortas por policiais em supostos confrontos – classificados como autos de resistência – segue em escala ascendente. "Em 2007, a polícia na capital carioca matou proporcionalmente mais gente que os criminosos e policiais na capital do estado de São Paulo."

> Se é natural que as vítimas diretas da violência apresentem uma reação emocional, é grave que o Estado aja como se dele se esperasse uma resposta quase instintiva, fadada a cair na precipitação, casuísmo ou na vingança. (Cano, 2007, p.7)

A violência impõe ainda um alto custo em termos socioculturais e políticos: espalha o medo, alterando os hábitos das pessoas que dela tentam se proteger, e estimula atitudes irracionais e agressivas na tentativa de estancá-la. Assim a violência possui a propriedade perversa de perpetuar-se, pois tende a provocar reações igualmente violentas que realimentam o círculo vicioso. (Cano & Ribeiro, 2007, p.51)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Isso posto, podemos afirmar que a vulnerabilidade institucional vai além da incapacidade do Estado em cumprir sua função básica de garantir segurança e bem-estar, esse aspecto da vulnerabilidade mostra que, em diversos casos, o poder público é promotor da violência que deveria combater. Segundo Muniz Sodré (2006) essa violência infligida é freqüentemente ignorada: a violência do poder instituído, a violência dos órgãos burocráticos, a violência do Estado, a violência do serviço público, que é a violência invisível, a violência institucional ou estado de violência.

> É uma condição contínua, uma condição estrutural irrebatível, de violência, que deriva de um efeito de inércia que é ao mesmo tempo social e psicológico sobre os indivíduos e é imposto por uma ordem cosmopolita, que é a ordem do Estado, com seus aparatos e suas articulações políticas (Sodré, 2006, p.35).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

3.2.3 Vulnerabilidade individual

Os jovens, por suas características biológicas e psíquicas, necessitam identificar-se com um mundo que lhes ofereça suporte emocional para enfrentarem e desfrutarem essa fase da vida, repleta de inseguranças e conflitos internos. Essas características, aliadas à falta de perspectivas originadas pelas discrepâncias socioeconômicas e culturais, são fatores precipitantes da exacerbação de comportamentos violentos e condutas de risco, desencadeantes dos homicídios, inscritos na vulnerabilidade individual (Sant`Anna, 2005, p.22).

Para Lipovetsky (2004), modos de vida irresponsáveis, comportamentos compulsivos, excessos de toda ordem, violência gratuita e toxicomanias são frutos nocivos da hipermodernidade. Ainda segundo o autor, o hedonismo individual fomentado pela lógica individualista e a cultura do consumo comum ao nosso tempo favorecem um relativismo desenfreado de valores, permitindo o livre curso de toda sorte de elucubrações e de ações possíveis. Os jovens formam um grupo especialmente atingido por essa lógica reinante. É comum em seus discursos e ações a exteriorização dos sentimentos de urgência, angústia, ousadia associada à revolta, desassossego e não pertencimento. A busca pelo risco surge como meio de despressurização dessas sensações.

Em *"O Vestígio e a Aura"*, Jurandir Freire Costa (2005) afirma que dois fenômenos sociais captaram a atenção da vida urbana brasileira, na última década: o culto ao corpo e a violência. "O primeiro é, sobretudo, uma preocupação dos grupos economicamente privilegiados; o segundo uma preocupação de todos". Entretanto, para o autor, ambos os fenômenos dizem respeito à ascensão da lógica individualista e a re-hierarquização dos valores morais.

> No vandalismo urbano, nada está a salvo do aviltamento e da depredação, porque nada ou ninguém é digno da reverência devida à autoridade, isto é, às pessoas e as instituições que corporificam o melhor de todos nós. Onde não há totem não há tabu. Se tudo é espetáculo, se tudo é entretenimento, por que a honra e a vida mereceriam consideração especial? (Costa, 2005, p.175).

Drogas e vandalismo em alto-mar

Comportamento de jovens durante cruzeiro choca tripulantes

O Globo/O País – 23/12/08

A notícia "Morte no navio: Isabella bebeu demais e foi asfixiada pelo próprio vômito", trata da morte de uma menina de 20 anos que morreu em um cruzeiro universitário. O recorte traz ainda relatos de outros jovens que estavam no navio e o depoimento de um dos integrantes da tripulação. Brigas, vandalismo e bebedeira foram as palavras escolhidas pelo funcionário do navio para descrever o comportamento dos jovens no cruzeiro.

Alguns autores mencionam a perseguição ao risco como parte da moderna cultura da procura do desafio, mas também como forma do jovem encontrar sinais que atestem sua dignidade de existir (Spink, 2001). Deste modo, a possibilidade de morte é evidente e está implícita em todo comportamento de risco; no entanto, aparentemente não é isso que tal comportamento quer evocar. Nesse sentido, abuso de álcool, excessos de drogas ilegais, promiscuidade sexual, direção imprudente são, antes de tudo formas de reivindicação de um olhar sobre a realidade de vida do jovem, solicitando uma visibilidade para a falta de sentido dos projetos de vida.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

COMPORTAMENTO

Desrespeito à Lei Seca

William Helal Filho • william@oglobo.com.br

Dois anos depois do acidente que matou cinco estudantes na Lagoa e chocou o Rio, boêmios ainda se arriscam a combinar álcool e direção

Todo carioca se lembra. Há dois anos, na madrugada de 2 para 3 de setembro, um acidente envolvendo um motorista alcoolizado causou a morte de cinco estudantes que saíam de uma boate na Lagoa. A grande comoção fez parte da sociedade acreditar numa mudança de comportamento, que, infelizmente, não veio. Só o rigor da nova Lei Seca reduziu os índices de acidentes, mas ainda hoje não falta quem diria depois de

— Jovem se acha superhom
terro do meu amigo, todos dis
não dirigiriam mais depois de
ninguém cumpriu. E, mesmo
ainda saio de carro e bebo. N
pegar um táxi e passar nos l
curando algo legal para fazer S
caro — tenta justificar Ana, q
de carro ao Baixo na quinta.
Felipe Fonseca, 22 anos, ta
tava a pé, mas vai na mesma

O Globo/Megazine – 02/09/08

A reportagem "Desrespeito à Lei Seca" do caderno Megazine – suplemento direcionado para jovens do jornal O GLOBO – a pretexto da implementação da lei seca relembra o acidente fatal ocorrido em setembro de 2006 envolvendo cinco jovens. O motorista do veículo estava alcoolizado e colidiu com uma árvore na Lagoa a poucos metros da boate onde passaram a madrugada. A reportagem apresenta depoimentos de jovens sobre a nova lei. Em um dos depoimentos, um estudante exemplifica o sentimento de onipotência e irresponsabilidade que alguns autores apregoam como simbólico da juventude.

> – Jovem se acha super-homem. No enterro do meu amigo, todos disseram que não dirigiriam mais depois de beber, mas ninguém cumpriu. E, mesmo depois da lei ainda saio e bebo.

Pais (2005) ressaltando esta mesma linha de raciocínio, diz que "o que conta, para alguns jovens nas condutas de risco, parece ser a possibilidade que têm de, numa fase de vida em que a maioria dos discursos dominantes lhes outorga um vazio de poder, se entregarem a atividades cuja visibilidade é incrementada pelos riscos (reais ou pressentidos) que lhes aparecem associados". Não raro, no entanto, a busca desesperada pela dignidade de existir concretiza-se de forma trágica na aniquilação do próprio ser. O risco a que os jovens se submetem é uma expressão paradoxal de um querer viver.

> Assim, trata-se, também, de compreender o sentido social do risco em suas dimensões objetivas e subjetivas, ou seja, o papel que as situações de risco e modo de enfrentá-las têm no processo de formação identitária. As situações de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> vulnerabilidade surgem quando diante do risco, ocorre uma cisão no processo de formação identitária que pode resultar na adoção do risco como parte da identidade ou do processo de sua formação. (Peres, 2007, p.138)

Vulnerabilidade é, portanto, conceito que pede recorrência a diversas unidades de análise – indivíduos, domicílios e comunidades –, além de se recomendar que identifiquem cenários e contextos. Pede, portanto, olhares para múltiplos planos e, em particular, para estruturas sociais vulnerabilizantes ou condicionamentos de vulnerabilidades (Castro e Abramovay, 2005, p.55).

Cabe ressaltar que as categorias de vulnerabilidade estabelecidas e definidas na pesquisa têm como propósito auxiliar a compreensão da pluralidade do termo e especificar âmbitos e panoramas. Não há, entretanto, intenção ou mesmo interesse de 'engessar' a realidade pesquisada em divisões e conceitos que possam restringir o olhar para a questão. É evidente que embora seja possível perceber diferenças entre os contextos de violência e vulnerabilidade, fica claro também que essas realidades se perpassam e dialogam constantemente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

4.

Práticas discursivas no cotidiano e o jornal como agenciador de atos de fala

Após a revisão bibliográfica do conceito de vulnerabilidade os recortes de jornal voltaram à cena. Em *"Práticas discursivas e produção de conhecimento no cotidiano",* Mary Jane Spink (2004) apresenta uma proposta teórico-metodológica para o estudo da produção do conhecimento no cotidiano a partir da análise das práticas discursivas. A autora dedica o primeiro capítulo a contextualização histórica do método no âmbito da psicologia social, embora o considere "necessariamente interdisciplinar". Spink e Frezza (2004) esclarecem que a produção de sentidos é uma forma de conhecimento que se afilia a perspectiva construcionista.

Com foco na psicologia social as autoras se apóiam nas reflexões de Peter Berger, Thomas Luckmann, Kenneth Gergen e Tomás Ibañez para elucidar o conceito. O construcionismo baseia-se em uma concepção não empiricista do funcionamento da ciência e suas formas de investigação, focando-se no conhecimento do senso comum. A crítica desses autores refere-se ao fato de que a compreensão intelectualista estaria negligenciando o conhecimento que as pessoas têm da realidade. As autoras citam Luckmann e Berger[11] para explicar que "é precisamente este conhecimento que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir" (p.25).

Segundo Gergen, o construcionismo é uma forma de investigação social que "(...) preocupa-se principalmente em explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo elas mesmas) no qual elas vivem" (1985, p. 266). Nesse sentido, uma implicação fundamental da concepção construcionista é a centralidade conferida à linguagem enquanto constituinte das práticas sociais. Introduzindo o conceito de práticas discursivas, Spink e Medrado (2004) falam de *linguagem em uso* com o sentido de referir à dimensão performática da linguagem. Embasados no referencial do construcionismo social, os autores explicam que a produção de sentido é um fenômeno sócio-linguistico que se dá através da linguagem por meio de interações

[11] BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade.* Petrópolis: Vozes, 1976.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

sociais. Deste modo, a autora aponta que a linguagem é ação e produz conseqüências.

> Quando falamos, estamos invariavelmente realizando ações – acusando, perguntando, justificando etc. – produzindo um jogo de posicionamentos com nossos interlocutores, tenhamos ou não essa intenção (...). Um texto escrito constitui um ato de fala impresso, um elemento de comunicação verbal que provoca discussões ativas: pode ser elogiado, comentado, criticado, pode orientar trabalhos posteriores (p.47).

A autora destaca que esse processo não se restringe a comunicações orais – realizadas *face a face* –, mas também inclui as interações midiáticas.

> Os recentes avanços tecnológicos têm trazido mudanças importantes na comunicação midiática, introduzindo transformações substantivas nas formas de experienciar a subjetividade que podem ser apreendidas a partir das novas possibilidades de interação. Para além das modalidades clássicas da comunicação *face-a-face* e mediada pela tecnologia, a interação midiática passa a incluir também, seguindo as reflexões de Thompson (1995), a interação "*quasi mediada*" (Spink, 2002, p.152).

Apoiado nas reflexões de John Thompson (1995), Medrado (2004) define mídia como "a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação e conteúdos simbólicos". (1995, p. 26).

Segundo o autor, a reconfiguração das relações entre o público e privado que a mídia proporciona, por meio de seu poder de dar visibilidade a fenômenos sociais e de construir novas dinâmicas interacionais é questão central no estudo das relações da mídia com a produção de conhecimentos e da própria representação simbólica da realidade.

Medrado segue observando que os pressupostos instaurados por Thompson, através de seu modelo analítico tríplice, composto pelas relações *face-a-face*, *mediada*s e *quase-mediada* sugerem uma ruptura da dicotomia emissor-receptor e problematiza a noção de autoria, uma vez que nas relações *mediadas* e *quase-mediadas* as informações circulam livres de barreiras espaciais e temporais; difundidas sem necessariamente estarem vinculadas com seu emissor original. O autor destaca que a mídia introduziu transformações substantivas nas práticas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

discursivas cotidianas, ou seja, nas formas como as pessoas produzem sentidos sobre os fenômenos sociais e se posicionam (p.245).

Deste modo, Spink (2004) conclui que "um texto escrito constitui um ato de fala impresso, um elemento de comunicação verbal que provoca discussões ativas." A análise de notícias de jornal possibilita uma percepção da situação que se apresenta para além dos números. Nos jornais a informação emerge do cotidiano, noticiada diariamente, citando nomes e causas específicas. Nesse veículo a realidade pesquisada se apresenta em fotos e textos fugindo da estatística fria e distanciada do acontecimento. Assim, como nos sugere Arendt (2006), o jornal – ator político-social – é utilizado na pesquisa como um disparador de discussão, um propagador de *atos de fala* diversos.

Nesse segundo momento, o que nos interessou foi exatamente perceber as ressonâncias dos fenômenos sociais representados nesse veículo midiático na fala dos jovens. Para tanto, na terceira etapa metodológica da pesquisa foram realizadas oficinas caracterizadas como *rodas de conversa* com jovens, em diferentes espaços sociais, objetivando a escuta de suas experiências, suas estratégias de enfretamento e propostas de soluções sobre o tema da violência, risco e vulnerabilidade nas grandes cidades.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

5.

Percursos da pesquisa de campo: as *rodas de conversa*s e a caracterização dos jovens e seus contextos

As *rodas de conversa* tiveram como proposta convidar os participantes a debater o tema da violência e vulnerabilidade, tendo como mote os recortes de notícias, selecionadas de um total aproximado de 230 notícias, coletadas do jornal O GLOBO, ao longo de um período de nove meses. A intenção do recorte foi buscar dentro do número total de notícias coletadas, reportagens que representassem os três tipos de vulnerabilidade estabelecidos anteriormente: *social, institucional e individual.* Como veremos a seguir, sete reportagens foram selecionadas e utilizadas para fomentar o debate nas *rodas de conversa*s.

As notícias selecionadas para o debate nas *rodas de conversas* foram as seguintes:

Data	Editoria	Notícia	Tipos de Vulnerabilidade
27/05/08	Rio 11		Individual
02/06/08	Rio 9		Individual
16/06/08	Capa		Institucional/ Social
29/06/08	Rio 24		Institucional

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

15/07/08 O País 9

Institucional

15/09/08 Rio 11

Social/ Institucional

23/12/08 O País 4

Individual

Aqui cabe a ressalva de que, como dito anteriormente, a divisão das notícias em categorias intentou apenas auxiliar na compressão da complexidade dos contextos de vulnerabilidades, conscientes de que a realidade não cabe em rótulos. Nesse sentido, quando separamos as notícias percebemos que dois ou até três tipos de categorias perpassavam a mesma reportagem. Este fato evidenciou que a teoria não pode prescindir a singularidade dos eventos únicos da realidade.

A partir da apresentação das notícias duas questões foram apresentadas para incentivar o debate entre os jovens e a pesquisadora, a saber: Por que os jovens morrem? Como eles morrem?

Pode ser constatado que, na fala dos jovens durante as oficinas, as categorias de vulnerabilidade e risco, extraídas das notícias de jornal, ganharam maior concretude, na medida em que eram atualizadas a partir de relatos contundentes de histórias de vida e experiências dos próprios jovens. Assim, a análise dos depoimentos dos jovens que se revelaram no âmbito das *rodas de conversas* possibilitou instituir novas categorias de vulnerabilidade, mais específicas e concretas referendadas pela experiência narrada dos participantes.[12]

[12] Vale destacar que as "*rodas de conversas"* foram gravadas em vídeo com a autorização prévia dos integrantes, visando à produção de um material em forma de documentário, que ao valorizar o depoimento dos jovens, amplia a participação deste segmento social, além de permitir o acesso a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

De acordo com Spink (2004), nesta abordagem metodológica, as questões de pesquisa constituem o foco da discussão dos participantes permitindo que todos, pesquisador e jovem, possam se envolver em um processo de construção de sentido. O fazer do pesquisador encaminha o processo para todos os envolvidos de modo que tanto o pesquisador como os jovens são colaboradores na produção de conhecimento.

Nessa perspectiva, os jovens, ao relatarem suas experiências de vida, contribuem para a produção de conhecimento acerca do tema. Suas falas deflagradas pelas notícias amparam as categorias pré-estabelecidas e as reavivam a partir dos relatos pessoais. Nesse sentido, as oficinas de debate com os jovens têm como objetivo valorizar as histórias de vida e perceber o que elas trazem de contribuição para a compreensão do universo controverso da violência e da vulnerabilidade juvenil, sobretudo no desenvolvimento de políticas públicas de combate e prevenção do problema.

Abramo (2007) esclarece que quando o assunto é políticas públicas voltadas para a juventude, diferentes setores da sociedade são consultados, levantam-se dados, estudos e análises para tratar da questão, no entanto, a autora afirma que:

> ... parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da sua tematização quanto das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; dificuldade de ir além da sua consideração como "problema social" e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los (p.77).

Portanto, ouvir o jovem significa resgatá-lo do lugar de objeto e reconstituí-lo como sujeito e, nesse processo, reconstituir sua cultura e história, levando em consideração suas narrativas que, embora fundamentais, têm sido deixadas de fora pelos responsáveis pela elaboração de políticas públicas para este setor.

Os recentes questionamentos sobre a realidade dos jovens vêm suscitando a atualização da categoria de "juventude" em "juventudes", não apenas em função

---

outros jovens interessados neste debate e profissionais da área. Abordaremos posteriormente o tema do uso do vídeo nesta pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

de mudanças estruturais, mas também das práticas sociais dos jovens que – conforme os estudos contemporâneos sobre o tema – apontam para a diversidade de formas de *ser jovem*. Autores como Abramo (1994), Sposito (1997), Dayrell (2007), Carrano(2000), Peralva (2007), Pais (1993) e Melucci (2007) fornecem a estrutura teórica para delimitação do conceito. Segundo Dayrell (2007):

> Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. (p.157)

Pesquisando sobre o tema, Abramo (1994) expôs que:

> a delimitação de faixas etárias (correspondências a etapas do ciclo vital) é um fenômeno universal da vida social. Porém, é de modo particular que cada sociedade define etapas e lhe atribui significados, e nem sempre isso resulta na constituição de grupos homogeneamente etários. (p.13)

Abramovay e Esteves (2009) esclarecem que, ao contrário de grupos homogêneos, a realidade social demonstra que o que existe são grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, as autoras destacam que:

> a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc. (p.23)

A definição das autoras sugere que a concepção de juventude extrapola a mera delimitação dos ciclos vitais derivada da perspectiva do desenvolvimento bio-psíquico do sujeito. Concebendo-a como uma construção social inclui fatores sociais, históricos, econômicos que se associam para a formação do conceito. No caso dos jovens de Belfort Roxo[13] esses fatores são de grande relevância. A própria existência do Programa ProJovem[14] revela a condição da juventude em

[13] Uma das *rodas de conversa* foi realizada no município de Belfort Roxo.
[14] Adiante explicaremos o programa ProJovem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

nossa sociedade. O grupo formado em Belfort Roxo era composto predominantemente por jovens acima de 25 anos, negros e pardos; não coincidentemente esse também é o segmento mais vulnerável a violências e riscos sociais. Segundo pesquisa de Rubens César Fernandes (2004), jovens afastados do sistema de ensino estão particularmente mais expostos aos riscos da violência. Fernandes explica que como a escola é o principal instrumento de que dispõe o governo para interagir com essa faixa etária, esses jovens ficam mais distantes de ações e políticas públicas que o favoreçam. Através de dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) o autor expõe que é exatamente na faixa entre 15 e 19 anos que ocorre a mais alta taxa de evasão escolar. O ProJovem favorece, portanto, jovens que regressam ao sistema educacional.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

5.1

Considerações sobre o uso da videogravação nas *rodas de conversas*

No texto *"Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas"*, Jobim e Souza (2003) destaca que o uso das imagens técnicas como instrumentos mediadores e reveladores das intensas experiências culturais e subjetivas que estamos vivendo pode beneficiar o processo da pesquisa em ciências humanas (p.77). A aposta na prodigalidade desse aparato parte da premissa que os modos de produção de conhecimento não podem estar distantes das práticas sociais e culturais cotidianas e, portanto, cabe ao pesquisador criar estratégias de investigação mais condizentes e integradas com a experiência do sujeito contemporâneo de ver e de ser visto a partir das mediações proporcionadas pelas imagens técnicas.

Na atual pesquisa a câmera foi concebida como um terceiro sujeito na cena, capaz de interferir no próprio desenvolvimento das *rodas de conversa*, favorecendo ou dificultando o surgimento de uma infinidade de comportamentos, expectativas e desejos que são incorporados na forma como o discurso vai sendo produzido naquele contexto específico. Deste modo, vale destacar que:

> tanto o pesquisador quanto os sujeitos envolvidos na pesquisa estão juntos trabalhando acerca de um tema específico e a narrativa se desenvolve a partir de um compromisso que supõe a presença da câmera e todas as conseqüências de sua influência nos rumos que o discurso assume no contexto da entrevista (Jobim e Souza, 2003, p.88).

Isso de fato se verificou no decorrer das *rodas de conversa*. Em vários momentos, foi possível observar que os participantes demonstravam plena consciência sobre os efeitos que a câmera provocava em suas falas. Ou seja, a presença da câmera tornava explícita a preocupação com a repercussão das falas em outros espaços públicos, uma vez que todos levavam em consideração que aquele momento não se extinguiria e a possibilidade de reprodução das imagens e das falas eram infinitas. Neste sentido, é que em uma das oficinas um dos participantes fez questão de verbalizar a importância do registro como via de acesso de suas falas a esfera do poder instituído. Outro participante reconheceu o valor do debate e de sua possibilidade de propagação como meio de mostrar o que os jovens pensam. Nesse sentido, Jobim e Souza destaca o seguinte:

> O uso da vídeogravação em pesquisa acadêmica não se caracteriza somente como um rico instrumento de coleta de dados, mas operacionaliza a condição na qual pesquisador e sujeitos envolvidos poderão ter possibilidades efetivas de construir conhecimentos sobre as práticas sociais e as representações, tecidas nas interações com o cotidiano, expressas na linguagem audiovisual (p.91).

Em última instância, o registro dos depoimentos dos jovens por meio da videogravação permite que, através da edição posterior das imagens, jovens de espaços diversos e a princípio distantes entre si, possam tornar-se interlocutores. Ao se editar os registros das *rodas de conversas*, o que se promove é um amplo diálogo entre os participantes. Assim sendo, a edição em vídeo, tornou possível encontrar pontos em comum e aspectos discordantes que confrontados converteram-se em um grande debate. É nesse contexto que os conceitos de dialogismo e alteridade (Bakhtin, 1999, 2003) se apresentam como fundamentais para a compreensão da dinâmica das *rodas de conversa.* Esses conceitos, tal como o autor os compreende e define, permitem a construção de um modo de se relacionar com o outro, compreendê-lo e produzir conhecimento sobre as relações e experiências que se constituem no ato e no âmbito da pesquisa. A relação de alteridade se estabelece no próprio ato de investigar a partir do encontro e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

confronto da diversidade de lugares e pontos de vista assumidos. Contudo, a presença da câmera no contexto das *rodas de conversas* traz um elemento novo no interior desta dinâmica, uma vez que a câmera se configura como um outro que interfere e modela o discursos em direções mais amplificadas. Portanto, o uso da técnica, a câmera neste caso, é um ator que afeta e é afetado pelos outros atores envolvidos. Assim, o que se busca com a utilização deste aparato é muito menos captar sutilezas legítimas nos discursos dos jovens envolvidos, por meio de uma observação filmada, mas sim compreender como a câmera torna-se outro ator na cena, que afeta todos os envolvidos. A possibilidade de se reproduzir as falas para além do momento presente e em outros espaços estabelece condições de possibilidade que fazem dos discursos ali presentes um ato público. Este aspecto é bem ilustrado no depoimento de um jovem. Em uma das *rodas de conversa*, enquanto a pesquisadora explicava para o grupo que a câmera teria um papel fundamental na pesquisa – para além do mero registro da oficina – pelo fato de permitir a reprodução e propagação das falas construídas para além daquele espaço, um jovem participante levantou a mão e pediu a palavra: *"Por exemplo, a gente quer falar com as autoridades, a gente não pode, mas tem o arquivo que dá para falar com eles, não é mesmo?"*. A intervenção do jovem exemplifica a ubiqüidade do discurso gravado em vídeo, posto que tornado arquivo, os discursos ali produzidos ganham a possibilidade de serem amplificados e, assim, contribuírem para novas discussões sobre o tema, podendo inclusive participar da construção de políticas públicas no país.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

6.

Com a palavra os jovens

Durante os meses de maio, junho e outubro de 2009, foram realizadas as três oficinas, aqui denominadas *rodas de conversas*. A primeira aconteceu na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com estudantes do curso de Pedagogia; a segunda, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com estudantes do curso de Psicologia; e a terceira, em um núcleo do Pró-Jovem, no município de Belfort Roxo[15] [16].

Embora as *rodas de conversa* tenham sido realizadas em espaços distintos, no processo de transcrição das falas e organização dos depoimentos deflagrados a partir das notícias do jornal, privilegiamos o encontro e confronto das diferentes vozes, sem uma preocupação em explicitar os discursos dos jovens a partir do lugar social que ocupam.

Na medida em que esta pesquisa tem como objetivo fundamental a escuta dos jovens sobre o tema da violência e suas implicações nos modos de enfrentamento com esta realidade urbana, o que nos interessa particularmente é a diversidade de experiências deste segmento social, e não um estudo comparativo entre os três grupos de jovens aqui representados. Assim evitamos criar rótulos e interpretações maniqueístas em relação aos depoimentos dos jovens, deixando o leitor livre para desenvolver suas próprias reflexões e críticas. Contudo, o texto construído pela leitura das notícias, os depoimentos dos jovens e as análises produzidas pela pesquisadora com base em especialistas sobre o tema da violência, têm a pretensão de apontar caminhos para o enfrentamento desta questão de grande relevância social.

[15] O ProJovem é um programa do governo federal que cria oportunidades para a juventude brasileira, entre 15 e 29 anos, que vive em situação de exclusão: fora da escola, sem qualificação profissional. Segundo informações do site, "a missão do Pró Jovem é justamente reintegrar esses brasileiros ao processo educacional, promover sua qualificação profissional, garantir um auxílio financeiro durante a realização do Programa".

[16] Inicialmente estabelecemos a faixa etária entre 18 e 24 anos, para caracterizar a juventude participante desta pesquisa, evitando menores de 18 anos por questões legais. Posteriormente, por interferência da própria realidade ampliamos para 31 anos a faixa etária dos participantes. Decidimos contar com a participação de jovens entre 18 e 31 anos para incluir os depoimentos dos jovens integrantes do ProJovem. Este imprevisto deixa claro que as estratégias metodológicas devem estar preparadas para se adequarem as contingências do encontro com o campo, redefinindo o que havia sido pensado previamente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

No artigo *"Subjetividade: a (des)construção de um conceito"* Luciana L. Miranda (2000) comenta o conceito de subjetividade a partir das contribuições de Deleuze (1990), Guattari (1992) e Rolnik (1986) sobre o tema. Segundo a autora, "a subjetividade de um indivíduo é marcada menos por uma etiqueta identificatória do que pela diversidade, pela heterogeneidade dos modos que ela pode assumir." Miranda ressalta que o conceito de subjetividade não se confunde com conceito de identidade, ou com o de individualidade. "A identidade, segundo Guattari, freqüentemente está ligada a algum tipo de reconhecimento, seja ele individual ou coletivo, a um quadro de referência que perpassa enquanto identificação do indivíduo – nome, filiação, impressão digital – (...)".

Assim, ao identificar o falante pelo espaço institucional que ele freqüenta estaríamos enclausurando a subjetividade – que é múltipla e mutável – do sujeito em uma identidade única, individualizada. A subjetividade, segundo Guattari, não é promovida pelos princípios da individualidade, no sentido em que ela não se encontra somente no indivíduo, ela é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais, não havendo entre elas nenhuma hierarquia. Segundo Guattari, "a subjetividade é plural e polifônica, ela não conhece nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca." Nesse ponto, encontramos uma convergência entre o pensamento do teórico francês e a filosofia dos gêneros de discurso de Mikhail Bakhtin. Vale dizer que Bakhtin (2003) aplica o conceito de polifonia, elaborado no âmbito da sua filosofia da linguagem, para defender a natureza múltipla e dialógica dos discursos. Para o autor, a verdade não pertence a uma única pessoa, mas está presente no processo de interação dialógica entre pessoas que a procuram coletivamente. Para Bakhtin, "cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados." (Bakhtin, 2003, p.272). O mesmo ocorre com a noção de subjetividade de Guattari. O autor elucida a idéia a partir do conceito de Agenciamentos Coletivos de Enunciação, como explicita Miranda a seguir:

> Guattari fala em subjetividade enquanto Agenciamentos Coletivos de Enunciação, que compreendem tanto o sujeito da enunciação (sujeito que narra) como o do enunciado (sujeito que diz ou faz), chegando a se confundir em uma só voz, onde uma fala não é necessariamente produzida por um só sujeito, mas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> pode lhe ser anterior e coletiva. Na voz de um sujeito, ecoam inúmeras vozes: sujeito produtor e produto de vetores de subjetivação (Miranda, 2000, p.39).

Para os autores acima mencionados, a constituição do processo discursivo e subjetivo se dá a partir da confluência e alternância de vozes. No entanto, cabe ressaltar que não existe hierarquia entre essas vozes, tampouco lugares determinados. Bakhtin combate a idéia de que existam, no processo de comunicação discursiva, pólos opostos ocupados por quem fala e por quem ouve, sendo o primeiro um sujeito ativo e o segundo, passivo no processo. Para o autor, o ouvinte ao ouvir e compreender o significado do discurso ocupa uma posição, simultaneamente, ativa e responsiva e afirma que "toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante" (p.272).

Ao trazer estas breves reflexões de Guattari e Bakhtin sobre o sujeito e a linguagem, nossa intenção foi apresentar de forma sucinta a base teórica que subsidiou a abordagem metodológica que orientou o trabalho de pesquisa nas *rodas de conversas* e a organização e a análise dos depoimentos posteriormente. Vale dizer que a análise dos resultados das oficinas de debate foi dividida em dois momentos. O primeiro passo foi perceber que tipo de discurso emergia das notícias nos diferentes grupos. Essa escolha se justifica pela percepção de que as reportagens não despertavam necessariamente o mesmo tipo de questão. No segundo momento, analisamos as situações, fatores de proteção e riscos evidenciados na fala dos jovens. A partir dos relatos foram criadas subcategorias do conceito de vulnerabilidade balizadas pelos discursos presentes na pesquisa de campo. A seguir apresentaremos os resultados da análise dos discursos dos jovens presentes nas *rodas de conversas*. Os depoimentos dos jovens aparecem no texto agrupados em torno de cada uma das sete notícias selecionadas para a dinâmica, configurando a presença de posicionamentos diversos e a riqueza de possibilidades interpretativas geradas durante o debate.

6.1

Acidentes: 1/3 das vítimas é jovem

Segundo Detran, de 22 mil acidentados, no ano passado, 7,6 mil tinham até 29 anos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

A reportagem "Acidentes: 1\3 das vítimas é jovem" apresenta um levantamento realizado pelo Detran que constata que das 22.502 vítimas de trânsito – entre mortes e feridos – que tiveram a idade identificada, 7.617 delas (cerca de 33%) eram homens e mulheres entre 18 e 29 anos. A reportagem é ilustrada pela foto do enterro de quatro jovens mortos em um acidente de trânsito recente. Segundo a reportagem os jovens colidiram com um poste após sair de uma casa de show. A notícia trouxe à tona o discurso da imprudência e irresponsabilidade como comportamento típico da juventude.

Embora, a reportagem não explicite o uso de álcool no acidente noticiado, Ariadine supõe que os jovens envolvidos no acidente estavam alcoolizados. Ela defende seu argumento citando experiências próprias.

> Ariadine – *Eu saio, vou para essas baladas também e não tem essa de tô bebendo não vou dirigir, acaba rolando, dirige sim não tem responsabilidade com a própria vida nem com as que estão dentro do carro (...) eu acredito que esse jovens morreram por imprudência, pelo fato de voltarem de madrugada de uma casa de festa, na certa eles deviam estar sob efeito de álcool, perderam o controle do carro, bateram em um poste e morreram os quatro.*

Nesse aspecto, as opiniões não foram divergentes. Nos três grupos houve a concordância de que esse dado estatístico revela uma conduta cada vez mais comum entre os jovens. Em outro grupo, uma integrante diz que se trata de mais um caso entre muitos que ocorrem envolvendo jovens e acidentes de trânsito. Assim como a leitora do grupo anterior, Carolina destaca que a notícia não menciona o motivo da batida, nem cita uso de bebida alcoólica ou imprudência do motorista, no entanto, quando é convidada a opinar sobre a causa ela crê na possibilidade de eles estarem alcoolizados, afinal estavam saindo de uma casa de show.

Apesar de reconhecer que os jovens majoritariamente são irresponsáveis, Ariadine relata que não são todos e que ela mesma é uma exceção. Ela narra uma experiência em que teve que ser o contraponto responsável do grupo.

> Ariadine – *Uma vez a gente tava voltando de uma festa em três carros, era de madrugada e os dois carros da frente começaram a querer fazer "racha". Eu falei para o meu noivo – você não vai participar disso porque poxa além de você não estar tomando conta da sua vida, você tá colocando em risco a vida de quem tá aqui dentro; o carro não é seu, é da sua mãe e vários outros fatores.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

A jovem continua ressaltando, com indignação, que todos os tripulantes dos outros carros eram jovens, inclusive alguns pais de família que deixaram os filhos em casa e saíram com eles. Parando para abastecer no posto a jovem relata que chamou a atenção dos amigos.

> Ariadine – *Falei que era um bando de irresponsáveis que se batesse e morresse era menos mal, pior é sofrer um acidente, ficar internado, paraplégico dando trabalho para os filhos. Falei um monte. Aí fiquei taxada como chata. A gente que tem a cabeça mais no lugar fica com fama de careta, isso e aquilo. Existe essa ideologia entre os jovens: quem bebe é legal, vai se enturmar, vai sentar e conversar. – Pô, cê vai chamar uma pessoa que não bebe? Vai ficar lá fazendo o que? Já perguntam logo.*

Seu discurso fala de uma faceta imediatista, apontado por outros participantes como característica do comportamento dos jovens. Segundo a participante, *"ninguém pensa em se cuidar, pensar na saúde, na integridade física para curtir no futuro. Não, tudo é agora."* O depoimento ressalta também o suposto preconceito que o jovem que não bebe – dito careta – sofre no grupo de amigos.

Uma jovem cita que muitas vezes sofre repressão e deboche de alguns amigos pela postura cautelosa que tem ao entrar em um carro. Entretanto, ela ressalta que faz questão do uso do cinto de segurança e incentiva o uso coletivo.

Contudo, os jovens não foram os únicos responsabilizados pela ascensão dos números de óbitos no trânsito. Na *roda de conversa*, Priscila chamou a atenção para a conivência da polícia com as práticas irresponsáveis dos jovens.

> Priscila – *É o que mais acontece hoje em dia, as pessoas vão para os bares e quando voltam geralmente estão bêbados, eles pegam e não querem nem saber, saem dirigindo e nisso acaba atropelando (...) e a polícia de hoje em dia vê que estão fazendo errado e deixa. Por qualquer dez reais deixa passar. Ás vezes a pessoa tá bêbada e eles só querem o "cachê" para poder liberar. (...)*

Nesse grupo, a fala dessa jovem desencadeou diversos relatos de experiências semelhantes.

> Werigna – *Onde eu moro todas as pessoas têm moto e elas passam para lá e para cá, a polícia para eles, e só quer dinheiro, porque eles não têm carteira. Os próprios policiais têm a consciência que está errado, mas deixa as pessoas permanecerem no erro porque eles só querem dinheiro. Eles querem ganhar em cima daquelas pessoas que estão erradas. (...) Ao invés deles agirem*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> *corretamente, eles descontam nas pessoas que moram na favela e que não tem nada a ver. E as pessoas da favela ficam revoltadas e acabam também fazendo coisas erradas, entendeu? Claro que nada justifica o tráfico, nada disso. Mas tá errado porque os próprios policiais ao invés deles ajudarem eles atrapalham.*

A atuação da polícia foi bastante criticada pela omissão e por sua postura corrupta manifestada através da prática do suborno. A responsabilidade do Estado nos delitos apresentados nas reportagens apareceu em diferentes falas. Os discursos de representação das instituições de segurança são permeados pelo sentimento de descrença e revolta.

Entretanto, os pais também foram acusados de serem cúmplices das irresponsabilidades dos filhos. O desamparo familiar foi uma questão recorrente na fala dos jovens. Em um dos grupos, os pais foram responsabilizados por darem as chaves do carro na mão de filhos que, freqüentemente, não são *'confiáveis'*. *Você tem que confiar, mas saber em quem você tá confiando, saber se ele tem maturidade para dirigir, ir à festa e não beber*, disse Raquel.

Debatendo a questão, o personagem da novela *"Caminho das Índias"*[17] foi lembrado quando o assunto foi a cumplicidade dos pais com as atitudes inconseqüentes dos filhos. Na novela, o jovem Zeca comete diversos delitos sempre amparado pelo pai que parece orgulhar-se da delinqüência do filho.

> Valdemar – *Acho que o jovem tá muito irresponsável hoje em dia também por causa disso: ele apronta na rua, chega em casa o pai passa a mão na cabeça. E já que os pais passam a mão na cabeça tinha que haver punição para os dois (...) As autoridades ficam falando que os jovens são irresponsáveis. São sim, mas mais irresponsáveis são os pais que não estão ali olhando. Apareceu com o negócio em casa, tem que perguntar: - isso aqui é de quem? É da onde? Cê comprou isso aqui com que dinheiro? Hoje em dia não, o jovem sai, quando volta, volta com roupa de marca, tênis e os pais não procuram saber. Depois quando vai procurar saber (o filho) já tá preso, já aconteceu alguma coisa, já matou outra pessoa. Então acho que pai e mãe também devem ser punidos de uma determinada forma. Não só os filhos, os pais também.*

Em *"A juventude como sintoma da cultura"* Maria Rita Kehl (2004) fala do prestígio que a condição de ser jovem adquiriu na contemporaneidade. Mais que uma etapa etária, "juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, é uma fatia do mercado onde todos querem se incluir." A elasticidade do conceito chegou ao

[17] Novela da Rede Globo, 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

ponto de podermos afirmar que dos 18 aos 40 anos, todos os adultos são jovens. Entretanto, esse prestígio é recente e em parte tributário da indústria cultural. Citando Nelson Rodrigues, a autora destaca que de 1920 para o novo milênio, o Brasil passou de uma "paisagem de velhos" para uma "paisagem de jovens". Diferente dos jovens de outrora,

> o adolescente das últimas décadas do século XX deixou de ser a criança grande, desajeitada e inibida, de pele ruim e hábitos anti-sociais para transformar-se em modelo de beleza, liberdade e sensualidade para outras faixas etárias. O adolescente pós moderno desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas responsabilidades (Kehl, 2004, p.93).

É interessante perceber que em diversos depoimentos ouvimos opiniões que se afiliam com o pensamento da autora. Na fala dos jovens essa irresponsabilidade é problematizada.

> Graziela – *Acho que os pais hoje estão muito jovens, os pais estão sendo influenciados pelos filhos. Hoje os pais estão permitindo aos filhos coisas que não eram permitidas há vinte anos, como dar carro na mão do filho, deixar os filhos fumarem. Antigamente, os pais fumavam, mas não deixavam os filhos fumarem.*

"A vaga de "adulto", na nossa cultura, está desocupada" (p.96). Kehl explica a afirmação a partir do já mencionado declínio da autoridade da condição de adulto. Com seus saberes e experiências questionadas, os mais velhos sentem-se desconfortáveis com a responsabilidade de educar. A impopularidade da categoria adulto – visto agora como careta – dissipou o conflito de gerações, na medida em que ninguém quer ocupar o outro lado.

> Mães e pais dançam rock, funk, e reggae com seus filhos, fazem comentários cúmplices sobre sexo e drogas, freqüentemente posicionam-se do lado da transgressão nos conflitos com a escola e com as instituições (p.96).

Diz a autora que esta liberdade recai em desamparo. Vivendo em um mundo em que as regras parecem ser feitas por eles e para eles os jovens atuam socialmente destituídos de referenciais e parâmetros, uma vez que pais e educadores estão empenhados em aparentar eles também juventude. Kehl destaca que a liberdade e a cumplicidade concedida pelos pais "bebedores de cerveja" e "mães quarentonas joviais" poderia revelar-se saudável se, "em vez de tolerância

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

e compreensão, não revelasse uma grande omissão em oferecer parâmetros mínimos para orientar seus filhos" (p.96).

O agravante, no entanto, é que segundo pesquisas com jovens a família é apontada como principal referencial de apoio e admiração. No estudo *"Mostrando a real: um retrato da juventude pobre do Rio de Janeiro"*, Castro et al (2005) entrevistou 1.300 jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro. Essa investigação revelou, entre outras coisas, a importância da família na formação identitária do jovem. A família apareceu como esteio mais importante nas trajetórias de vida e seu apoio foi apontado como vital para ampliar as chances de realizar os projetos de vida. Na ausência do Estado como suporte para a vida social até mesmo no que diz respeito ao controle da criminalidade, refluem sobre a família todas as expectativas de amparo e apoio. Quando perguntados a respeito da figura que eles mais admiram – valendo conhecidos, pessoas públicas e até fictícias – mães, pais e conhecidos com grau mais próximo de parentescos foram os mais citados.

> Werigna – *Adolescentes que pegam o carro emprestado dos pais, até mesmo esses jovens que são filhos de gente de alta sociedade, eles pedem o carro para os pais e os pais vão lá e deixam porque são filhinhos de papai, aí depois que morrem eles vão ver, aí vai querer sentir a dor, não adianta, porque ele deu o carro na mão de uma criança, de um jovem, de um adolescente, aí não adianta querer chorar e lamentar.*

Percebemos que a notícia desencadeou nos grupos três tipos de discursos distintos. Quando questionados sobre o motivo do óbito na reportagem, os jovens trouxeram a questão da imprudência dos jovens, a corrupção da instituição policial e a responsabilidade dos pais nos delitos dos filhos.

6.2

Polícia prende 38 jovens com drogas em rave

Projeto Noite Legal apreende maconha, ecstasy e anestésico veterinário em festa em Cachoeiras de Macacu

A reportagem "Polícia prende 38 jovens com drogas em rave" não trazia um óbito, mas relatava uso abusivo de entorpecentes tais como: maconha, ecstasy e anestésico veterinário em uma festa eletrônica no interior do Estado. Pela primeira vez na oficina uma participante usou o pronome 'nós' para se referir aos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

jovens. Até aquele momento, ‘eles’ e ‘os jovens’ tinham sido os termos adotados. Mais uma vez a falta de limites dos jovens e a pouca participação familiar dos pais na vida dos filhos foram apontadas como as causas desse problema. Diz Gabriela:

> Gabriela – *Acho que a gente tem muita facilidade sim, mas se o pai controlar mais, a gente consegue não utilizar, sabe? Eu ando nesse meio, conheço pessoas que usam, cada um na sua, mas eu nunca usei porque fui orientada. Acho que o problema é mesmo falta de limites.*

Comentando a notícia, participantes de outro grupo trouxeram questões similares. Raquel destaca que o uso de entorpecentes é uma escolha pessoal e pondera que embora se fale muito em drogas em raves, existe substâncias lícitas que são igualmente prejudiciais.

> Raquel – *Todo mundo tem seu direito de escolha, certo? Cada um sabe o que está fazendo quando se droga. Mas também envolvem outros casos como acidentes de trânsito, não com ecstasy, mas com álcool e outros tipos de drogas em geral que mudam o comportamento, as pessoas ficam mais agressivas, tendo briga e outros acidentes.*

A jovem destaca ainda que essas notícias são positivas porque alertam para os riscos envolvidos no uso. No entanto, o risco parece ser o de ser pego e não o do óbito.

> Raquel – *O bom de espalhar essas notícias é porque (elas) inibem, porque sempre rola aquele medo – ah! Eu posso ser pego. Um pai receber o telefonema que seu filho foi pego com drogas não é nada agradável para ninguém.*

A fala da jovem desperta a questão do nível de consciência que os jovens têm em relação aos seus próprios comportamentos e atitudes. Como nos diz Olievenstein (1985), as experiências dos usuários de drogas não são empreendidas de forma solitária ou voluntariamente, como supõe a jovem. Segundo o autor, eles as realizam no interior de uma história, de um contexto socioeconômico, imersos em momentos socioculturais, vinculados a sistemas familiares e condicionados pela manipulação e apelo da sociedade na qual vivem. Assim, afirmar que o uso de drogas é gesto autônomo e consciente constitui equívoco, uma vez que a ingestão de drogas se estabelece a partir da interação dos dados desta história.

Vinícius complementa dizendo que outras notícias, como a dos acidentes de trânsito e apreensão de drogas em rave falam desse comportamento.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> Vinícius – *A droga existe, né, em toda sociedade, há milhares de anos, a droga sempre existiu, acho que seria interessante uma educação mesmo, uma conscientização sobre a maneira como usar, o que isso pode causar e isso não acontece, o jovem é completamente desinformado sobre isso.*

Birman (2007) destaca a presença do consumo regular de drogas em diferentes tradições sociais e culturais, em sociedades tradicionais e em sociedades complexas. O ritual de drogas no Ocidente relaciona-se com o advento da cultura grega. A partir dos séculos XIX e XX esse consumo se intensifica progressivamente em nossa sociedade, mas só vem configurar-se como um problema nos anos 50, o que levou a reestruturação teórica do campo das drogas. Birman cita que o consumo e circulação das drogas em larga escala fez surtir uma multiplicidade de questões antes nunca visitadas em diferentes níveis de complexidade. O autor lembra que "a circunscrição epistemológica do campo das drogas é bastante recente (...). Há poucas décadas a farmacologia e a psiquiatria eram as disciplinas que detinham a hegemonia teórica no universo das drogas." As ciências humanas estavam excluídas desse processo. A psicologia figurava como disciplina periférica. Birman explica que a reestruturação teórica do campo das drogas se deu a partir de uma urgência social e política de investigar a questão das drogas no campo social. "A farmacologia e a psiquiatria mostraram-se limitadas em suas abordagens, o que exigiu a produção de outras leituras teóricas" (p.220). A sociologia pôde circunscrever as complexas redes sociais de produção e consumo das drogas, analisando a relação destas redes com os mundos dos crimes, da polícia e do Estado. Para o autor, a interdisciplinaridade dos estudos sobre drogas é resultado não somente de um imperativo teórico, mas também de ordem política, ética e antropológica.

Birman parte do argumento da *estetização da existência* para explicar o que para ele é uma questão fundamental, um "grito contido": de que forma a droga – lícitas e ilícitas – se tornou de maneira geral e irrestrita instrumento legítimo para o evitamento da dor e do sofrimento psíquico?

Para o psicanalista, depressão, transtorno do pânico e toxicomania são psicopatologias da pós-modernidade originárias de certo modo do imperativo moral do que devemos ser na sociedade do espetáculo, "uma norma de sanidade a que devemos nos submeter e adequar". O argumento da estetização da existência advém da necessidade cada vez mais performativa da inserção dos sujeitos no

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

espetáculo da cena social. Nesse sentido, panicados e depressivos são os fracassados da cultura do narcisismo.

> A psicofarmacologia e drogadição fornecem os instrumentos básicos para que as individualidades possam se inscrever nos trâmites brilhosos da cultura do narcisismo. Os psicofármacos, pelo enorme efeito antidepressivo e tranqüilizante, visam transformar miseráveis sofredores em seres efetivos da sociedade do espetáculo (Birman, p.247).

Costa (2004) credita também à moral do espetáculo parte da carga pelo consumo excessivo de drogas na sociedade contemporânea.

> Ninguém se arrisca a morrer por *overdose* porque se deixou manipular pela propaganda de mercadorias. No Brasil, a publicidade de drogas é ilegal, seu uso é condenado, do ponto de vista médico, e a venda brutalmente reprimida, malgrado a corrupção policial. Apesar disso, uma multidão de brasileiros pobres e ricos continua a se drogar, porque lhes é sugerido pela moral do espetáculo que o êxtase químico é a estrada pavimentada para a felicidade (p.175).

Segundo o autor, não é a ilegalidade do gesto, nem mesmos os riscos para saúde ou a contribuição para a rede ilegal e violenta do tráfico de drogas que escandaliza e perturba. O mais atordoante, diz o autor é que nenhum desses argumentos é suficiente para levar as pessoas a abandonarem seus hábitos.

> Jovens e adultos são conscientes das implicações pessoais e sociais do consumo de drogas. Se não param de se drogar é porque dizem em alto e bom som o que relutamos em admitir: o comércio de drogas é sórdido, mas tudo vale a pena quando o prazer não é pequeno (p.176).

Birman (2007) reforça o argumento de Costa (2004) citando a fetichização do gozo pela incidência da droga no corpo do sujeito. A droga se transforma em instrumento para a promoção do gozo absoluto. Deste modo, o autor alerta para o ideal de estetização que abarca a existência do sujeito. É a estetização da existência que toma volume como estilo existencial do sujeito.

> Apenas nesse contexto podemos interpretar o fantástico crescimento das toxicomanias nas últimas décadas, pois, seja pelo narcotráfico, pela farmocodepêndencia ou pelos psicofármacos, o que está sempre em pauta é a transformação do sujeito inseguro, deprimido e panicado em cidadão da sociedade do espetáculo (Birman, 2007, p. 248).

Em outro grupo, a notícia sobre a apreensão de drogas em rave suscitou uma discussão sobre a falta de oportunidade para os jovens.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> Priscila – *Muitas pessoas, jovens como eu, não estão tendo a oportunidade de estudar, não estão tendo o estudo que é necessário para conseguir emprego. Por não ter emprego eles vão apelar pelo lado mais fácil, entendeu? Então, eles vendendo drogas as coisas são mais fáceis. Por que os jovens não estão tendo oportunidade.*

Priscila acredita que os jovens que estavam vendendo drogas na rave estavam obedecendo a ordens dos pais. Nesse caso, o crime é motivado pela necessidade do sustento ou pelo próprio vício. A jovem ressalta que isso não ocorre somente com jovens pobres, segundo ela "muitos riquinhos, estão assaltando carros e pessoas atrás de dinheiro para comprar drogas".

Branco (2005) aponta que segundo a Organização Internacional do Trabalho, na última década, a juventude, que representa 25% da população economicamente ativa, foi afetada sensivelmente pelo desemprego. Estima-se que, mundialmente, uma em cada cinco pessoas com idade entre 15 e 24 anos está desempregada, ou seja, que existam hoje 88 milhões de pessoas jovens sem trabalho, o equivalente a 46% dos desempregados no mundo (p.129).

O depoimento de alguns jovens ratifica os dados e mostra as conseqüências dessa exclusão.

> Robson – *Muitas vezes os jovens estão procurando por uma oportunidade de emprego, tá batendo na porta, não tem, pô, tá levando um "não". Aí chega para o pai revoltado e diz: - pô, pai não to conseguindo emprego, e o pai vai falar: - você é vagabundo, você é preguiçoso, você é isso e aquilo. Eu já passei muito por isso (...) a minha mãe sempre joga na minha cara que eu sou vagabundo e não gosto de trabalhar, mas eu mostro para ela que eu gosto de trabalhar. Eu posso perder um emprego hoje, amanhã eu to procurando outro. Sabe por quê? Eu tenho que mostrar o meu potencial não é só para ela, mas para as outras pessoas que estão ao meu redor.*

Castell apud Abramovay et al.(1999) define exclusão social como um processo que se articula com um contexto. Diz o autor:

> Certos indivíduos e grupos são sistematicamente excluídos do acesso a posições que lhes permitiriam condições de vida autônoma segundo padrões sociais definidos e valorados dentro de contexto específico. A exclusão social é, portanto um processo e não uma condição; e o que é ou não excluído, pode variar no tempo dependendo do grau de educação, das características demográficas, dos preconceitos sociais e das políticas públicas (p.51).

As autoras apontam que ninguém está fadado eternamente a posição de excluído, no entanto para superar essa condição faz-se necessário a soma de um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

conjunto de ações que segundo os jovens depoentes não estão sendo implementadas.

Priscila enquanto mãe reconhece que é papel dos pais a formação moral dos filhos, mas argumenta que a falta de oportunidade de emprego leva os pais que precisam sustentar seus filhos a gestos desesperados.

> Priscila – *É falta de ensinamento dos pais? É sim, mas também eles não estão tendo chance. Os próprios pais não estão tendo chance. Não estão conseguindo emprego. Alguns conseguem e tem emprego, mas os que não conseguem têm que sustentar a família (...) hoje tá muito difícil e muitos apelam pelo lado mais fácil: drogas. E, ás vezes estão fazendo os próprios filhos venderem as drogas.*

Em *Cabeça de Porco* (2005) o antropólogo Luiz Eduardo Soares, o rapper MV Bill e seu empresário Celso Athayde desenvolvem um precioso trabalho a seis mãos. O livro, que é resultado de uma pesquisa iniciada em 1998 por Celso e Bill, traça um painel realista e ao mesmo tempo sensível sobre a violência instaurada no país.

A aposta dos autores é que se existe solução elas residem na articulação de ações sociais e políticas preventivas que exorcizem estigmas, preconceitos e simplificações. Nesse sentido, é preciso debruçar-se sobre o drama da juventude brasileira em um esforço de compreendê-la no que ela tem de múltiplo e singular.

No capítulo *"Invisibilidade e reconhecimento"* os autores desenvolvem a teoria da invisibilidade como resultado de indiferença e preconceito. Preconceito esse que arma o medo que dispara a violência. Dizem os autores que no nosso esforço de não perceber a violência, na tentativa vã de não se afetar estaríamos, de fato, produzindo mais violência.

> É a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem ungida de valor, envolvida pela aura da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. Nós nada somos e valemos nada se não contamos com o olhar alheio acolhedor, se não somos vistos, se o olhar do outro não nos recolhe e salva da invisibilidade – invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e incomunicabilidade, falta de sentido e valor (2005, p.137).

O autor constata que, na ausência do olhar, a inserção pela violência e pelo crime salta como alternativa e, a arma será o passaporte para visibilidade. No entanto, não basta dar visibilidade ao jovem invisível, é preciso olhar sem preconceitos e garantir, sobretudo acesso a estruturas de direitos e oportunidades.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

No grupo, houve depoimentos que evidenciaram o apelo e poder de sedução do tráfico. Na fala dos jovens falta de oportunidade de emprego, dificuldade de acesso a bens essenciais, tais como saúde e alimentação foram motivos citados para a incursão no crime organizado. Os jovens depoentes não tinham a intenção de justificar ou defender a adesão ao crime, no entanto também deixaram claro que não cabia a eles julgar a escolha dos outros. Diz o jovem:

> Rodrigo – *A questão não é só: ah, vou pular para a vida do crime porque lá é mais fácil e eu não quero trabalhar não. É porque hoje tá mais difícil trabalhar do que entrar para a vida do crime. Eu quero estudar, trabalhar, sou dona de casa, faço tudo direitinho, bato lá na porta atrás de emprego e não tem nada, fechado. Quer dizer: tá tudo mais difícil. Então onde ela vai procurar? Onde tá mais fácil. E onde tá mais fácil? No morro, nesses lugares errados, conseqüentemente não vai ser bom para você nem para o seu filho. Às vezes, as pessoas vão por necessidade, claro, tem gente que vai por maldade, coloca uma pistola na cintura e tá tirando a maior onda, mas tem gente que vai porque tem necessidade. E, ás vezes, a questão não é porque o pai te ensinou errado, é porque o mundo hoje em dia, para trabalho, para estudo tá muito difícil. Então, tá muito mais fácil entrar para a vida do crime. Se o governo dá oportunidade para você estudar, por que não dá oportunidade de você mais na frente conseguir um emprego? Eu tenho estudo, mas as portas não se abrem, então eu vou para onde? Como eu vou sustentar minha família? Meu filho passou mal e eu não tenho dinheiro nem para o ônibus. O que eu vou fazer? Vou colocar um negócio na cintura e sair por aí.*

Soares destaca a existência, Brasil afora, de uma cultura da violência, gestada, alimentada e reproduzida pelo tráfico de drogas, que a utiliza seja para recrutar jovens vulneráveis a seu apelo, seja para integrá-los a seu sistema de trabalho e poder. Diz o autor:

> (...) Se o tráfico recruta, atrai, seduz, é porque traz benefícios. Os benefícios são as evidentes vantagens materiais, como dinheiro, acesso ao consumo, e são também os bens simbólicos e afetivos, como a sensação de importância e poder, o status, o sentimento de pertencimento a um dotado de identidade – tudo isso significa valorização pessoal, reforço da auto-estima (Soares, 2005, p.285).

A solução melhor e mais realista, segundo os autores, para a redução da capacidade de recrutamento do tráfico não está na tentativa de destruí-lo, mas sim de competir com ele. E nesse sentido Soares ressalta que para isso não bastam empregos ou frentes de trabalho. Para o autor hoje a demanda dos jovens é por superação da trajetória dos pais e, sobretudo por cidadania.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> Às vezes, qualquer emprego resolve, em geral não é assim que acontece. Os jovens não querem repetir a trajetória de fracasso dos pais. Eles não querem ser apenas pintores de nossas paredes, mecânicos de nossos carros, engraxates de nossos sapatos. Eles querem o que os nossos filhos querem: internet, música, arte, dança, esporte, cinema, mídia, tecnologia de última geração, criatividade. Já se foi o tempo em que bastava acenar com a integração subalterna para calar demandas. Agora, quem demanda quer mesmo a tal cidadania, que significa pleno acesso ao mundo dos direitos e a tudo o que nossa sociedade pode oferecer (2005, p.286).

Trata-se também, portanto de uma luta contra um destino que parece fadado a se cumprir. Trata-se de uma luta contra a invisibilidade infligida pelo preconceito e por estigmas históricos. Preconceito estes conhecidos por relatos, mas com muita freqüência vividos na pele.

> Robson – *Todo mundo fala que quem mora no morro é bandido. Não é. Tem trabalhador lá em cima também. Tem gente honesta. Tem criança que nasce, cresce lá em cima, para poder ser um vereador de amanhã, um prefeito. E estão crescendo com uma mentalidade diferente. Mas todo mundo pensa que se é "negrinho" é pivete. Tantas vezes fui lá na cidade procurar emprego, - cê mora onde? Belfort Roxo. Ih, tem emprego aqui não, tem emprego para quem mora no baixada não. Por que isso? Primeiro olharam para a minha cor, depois olharam para o local onde eu morava. Isso é discriminação.(...) O que acontece com os jovens de hoje em dia? Estão vendo que as portas estão se fechando, estão correndo para o mundo do crime, estão correndo para o mundo das drogas, eles estão achando que ali tem dinheiro fácil. É isso que tá acontecendo. Não é porque mora na favela que é bandido, não.*

No caso relatado por Robson, ele não está invisível, no entanto o que o seu possível empregador vê são apenas estigmas e preconceitos atrelados a sua imagem. E "quando visibilidade é um simples sinal de suspeita, ela é o outro lado da invisibilidade e apenas revigora seus efeitos" (Soares, 2005 p.188). Robson segue seu depoimento dizendo-se confiante no futuro, mas ressaltando que a oportunidade tem que ser dada. Em seu relato ele expõe seu sonho e as dificuldades já enfrentadas para realizá-lo.

> Robson – *Eu tenho uma filha de dois anos também, é como eu falei, eu quero estudar, eu tenho o maior sonho de entrar na PM, seja lá o que for, mas para honrar a minha pátria. Na verdade, eu adoro instrumento, sou instrumentista, eu gosto de tocar instrumento. Então, eu queria entra na PM não é nem para botar o peito aberto lá na favela, eu queria tocar na banda da PM ou do exército. Eu chorei quando eu não servi o exército, eu chorei na frente do sargento, e o sargento me zuou na frente da rapaziada toda, mas eu falei não é vergonha porque eu queria defender a minha pátria, honrar a minha farda, mas infelizmente a oportunidade não veio, não foi dada. Quem sabe amanhã pode vir essa oportunidade?*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Entretanto, houve também espaços para discursos baseados na meritocracia, na capacidade do jovem de escrever sua própria história. Expressões como "suar a camisa", "batalhar", "correr atrás" foram empregadas para sugerir posturas pró-ativas nos jovens. Segundo depoimentos, aliado a falta de oportunidade existe muito comodismo por parte dos próprios jovens.

> Werigna – *Hoje em dia o jovem só quer saber de vida boa, de balada. O jovem, na maioria entre aspas, não quer saber de trabalhar. Eu tive muita oportunidade, quando eu tinha 15 anos de ter uma vida melhor, só que eu não quis. E já me ofereceram drogas, já me ofereceram uma vida de prostituição, eu não quis. Porque eu acho assim, o jovem diz: eu tô nesse caminho porque não tem outra alternativa. Tem sim, se você tiver caráter e vergonha na cara, você pode procurar um emprego, nem que você acorde 5 horas da manhã e saia para procurar, assim que o comércio tiver abrindo, você bate lá e já entrega o seu currículo, entendeu? Mas aí os jovens falam: ah, eu tô nessa vida porque aquele supermercado não me dá emprego, diz: a culpa é do Lula. A culpa não é do Lula, é da gente mesmo que não corre atrás. Eu acho que tudo a gente joga a culpa no governo e eu não acho que é bem assim. Nós temos que ter vergonha na cara, temos que ter caráter e correr atrás daquilo que nós queremos. Porque se a gente quiser fazer uma faculdade, quiser um trabalho, nós temos que correr atrás, vamos estudar, não depender dos outros, porque sem estudo nós não somos nada (...) não adianta dizer que não teve oportunidade, você teve várias, a partir do momento que você nasceu você já teve várias oportunidades, então começa por aí.*

> Graziela – *E, sinceramente, na minha opinião, embora muitas jovens digam que não, "ah, eu não consigo isso, eu não consigo aquilo." Tudo que é batalhado, tudo que é valorizado, se ele quiser correr atrás ele consegue sim. Eu antes até pensava: ah, eu nunca vou conseguir fazer faculdade porque é difícil, depois que eu comecei a estudar eu vi que se a gente quiser, se a gente tiver força de vontade, a gente chega lá sim, demore o tempo que demorar, mas quando chegar vai ser valorizado (..) acho que o jovem tem que lutar pelos seus ideais.*

> Valdemar – *O que sinto hoje é que falta empenho do próprio jovem mesmo, em conseguir um trabalho, em conseguir ser alguém. Porque tem pessoas que têm uma certa facilidade e outras não. Esses que têm facilidade eu até entendo, porque se eu tô dando para você, você não vai correr atrás mesmo. Falta mais empenho do jovem em buscar aquilo. Hoje em dia você vê que os jovens só querem saber de festas, bebidas, drogas. Então o que eu vejo na realidade de hoje é que o jovem não tem consciência daquilo que eles estão fazendo.*

Ao final de uma das *rodas de conversa* Cilaine pediu para ler um texto que ela escreveu, aparentemente durante a realização da dinâmica. O texto trouxe questões que foram debatidas durante o nosso encontro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> Cilaine – *O que precisa mudar?A desigualdade social precisa mudar para minha vida melhorar de verdade. O Brasil precisa de pessoas honestas que queiram lutar pelo nosso país. Precisamos de um tratamento igual, precisamos que haja oportunidade para todos e não para um grupo restrito. Acredito que com a igualdade social no nosso país minha vida vai melhorar de verdade. Os jovens hoje em dia não acreditam mais em promessas, onde as coisas erradas passam a ser certas. A mídia passa uma imagem falsa e na realidade é bem diferente. Muitas vezes somos direcionados a procurar alguém com autoridade para nos ajudar, quando fazemos isso somos desfeiteados e muitas vezes nos tratam até mal.*

Cilaine explica que a mensagem que deseja passar com o seu texto final faz referência a tudo que foi debatido na *roda de conversa*: preconceito, desigualdade social, necessidade de força de vontade para alcançar os objetivos. A jovem conta que quando decidiu vender produtos cosméticos para ganhar um dinheiro extra foi desencorajada por colegas, no entanto ela afirma que insistiu em seu objetivo e obteve sucesso. Cilaine reconhece que a dificuldade é grande, mas com determinação e esforço é possível.

6.3

Militares são presos por entregar jovens para o tráfico

Delegado acusa 11 homens pela morte de moradores da Providência

Esta foi talvez a notícia mais controversa. Trata-se de uma chamada de capa que denuncia 11 homens pela morte de três jovens do Morro da Providência. Segundo a reportagem, os militares ocupavam a comunidade em virtude de uma obra promovida pelo então candidato a prefeito, Marcelo Crivella. No grupo, Pedro iniciou sua fala ressaltando o discurso "sensacionalista" da notícia. Segundo o jovem, a reportagem recriminou muito os policiais e militares, mas não deixa claro o que os jovens estavam fazendo. Ele acredita que esses jovens

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

(Providência), ainda que ele não pudesse afirmar, provavelmente estavam relacionados a facções criminosas rivais e por isso foram assassinados. O fato de eles terem sido vendidos por militares, aparentemente não gerou surpresa, nem desaprovação por parte do jovem. *"Talvez, o cara não fosse matar à toa, os jovens devem ter aprontado alguma coisa (...) para os caras morrerem assim de graça eles não deviam ser inocentes, eu não acho"*, enfatizou. Pedro destaca ainda o oportunismo dos policiais, existem denúncias de que os jovens foram vendidos por R$ 60 mil reais, no entanto, na visão do jovem vender é um crime menor.

> Pedro – *Os policiais sabem que botando na cadeia não iria adiantar e eles não iam ganhar nada com isso, então eles quiseram ganhar alguma coisa em cima disso (...) tudo bem, os militares venderam, mas a acusação de assassinato, isso eu não sei.*

Nessa fala, ele mais uma vez critica a notícia dizendo que ela acusa muito os policiais ao invés de investigar os traficantes que mataram os jovens. Percebe-se que para esse jovem, os traficantes do morro rival são os verdadeiros algozes dos rapazes da Providência e que o crime foi motivado pela rivalidade existente entre as facções dos morros vizinhos. Jordana também criticou a abordagem do jornal, no entanto sua colocação referiu-se a atenção dada a certas notícias e a invisibilidade de outros. Para a jovem, reportagem como essas da Providência envolvendo jovens anônimos e pobres são raras.

> Jordana – *Morrem milhões de jovens na favela e nunca aparece no jornal, todos esses jovens aqui (referindo-se as notícias) não têm nada a ver com tráfico e é onde morrem mais jovens. Acho que a mídia negligencia demais esses jovens.*

Pedro justifica dizendo que fazer jornalismo na favela é complicado e arriscado lembrando o caso do jornalista Tim Lopes que foi torturado e morto. Vinícius argumenta que existem jornais populares que exibem diariamente notícias sobre a morte de jovens envolvidos com o tráfico, mas ressalta que são quase sempre anônimos.

Jordana destaca que esses jornais falam do ponto de vista do policial e cita chamadas como: *"morreu três vagabundos na favela".* Para ela não há imparcialidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

A jovem defende que existe sim a possibilidade de investigar os assassinatos ocorridos dentro da favela, para ela o motivo da omissão dos jornais e a falta de interesse da "elite" nesse tipo de crime. *Só interessa quando morre alguém que você conhece.*

A respeito das constantes violações dos direitos humanos, Cano (2001) ressalta que embora exista um viés de classe muito forte que faz com que as pessoas de classe econômica baixa tenham seus direitos mais violados, o autor aposta na aliança entre as classes em favor de mudanças mais profundas.

> Se nós tentarmos mudar só a partir das vítimas mais freqüentes, dos excluídos não teremos o mesmo respaldo social. A morte de um favelado ocupa um pequeno espaço na mídia, salvo exceções. É estrategicamente crucial criar alianças, para que a plataforma pela mudança seja mais ampla do que é hoje em dia. (p.122)

Em outro grupo, a notícia promoveu uma discussão acerca da impunidade e do preconceito. Diz o jovem:

> Rodrigo – *Na minha opinião tá faltando muita competência. (...) Você não vê na cara de cada um, não tá na cara da pessoa o que a pessoa é, o que a pessoa fez. Não tá na cara. Então, as pessoas pensam, os polícias pensam que você é o que eles pensam que você é. "Aquele ali é preto então ele é um trombadinha, um marginal, vamos abordar ele." Na minha opinião, tem que ter uma limpeza geral dentro da polícia, nos quartéis, na sociedade. A sociedade tá muito disposta a qualquer coisa que pareça fácil demais. Então é por isso que tem muita gente se dando mal. Então, na minha opinião a gente tem que começar a limpar primeiramente a nossa casa. Nossa casa, eu me refiro aos governos, as prefeituras.*

O depoimento de Rodrigo evidencia a descrença da população na eficiência e honestidade das autoridades. Segundo o jovem, é preciso realizar uma verdadeira faxina nas instituições públicas. Para analistas, o crime organizado que se estrutura em torno do tráfico de armas e drogas, por meio de mecanismos em níveis diversos, corrompeu amplos segmentos das corporações policiais, em alguns casos atingindo desde as bases até as chefias (Lemgruber, Musumeci e Cano, 2003). Em alguns estados, a violência policial transformou-se em um problema maior e afeta diretamente as populações pobres das favelas e das

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

periferias, que se vêem encurraladas entre a violência dos grupos armados de traficantes e a violência e a corrupção policiais (Ramos e Lemgruber, 2004).

Valdemar opina dizendo que os recrutas viram nos três rapazes uma fragilidade e resolveram "pregar uma peça". No entanto, o jovem acredita que os militares não dimensionaram os riscos e a repercussão do assunto. Outros jovens na *roda de conversa* concordaram que no serviço militar tem uma prática de "castigos", infligidas pelas patentes mais altas. Eles concordaram que era para ser uma "brincadeira" que teve conseqüências inesperadas. Debatendo a notícia, Filipe comenta a possibilidade de ter sido apenas uma fatalidade: *"eles podiam estar no lugar errado, na hora errada"*. No entanto, seu colega de grupo, Rodrigo argumenta que eles não poderiam estar no lugar errado, uma vez que eles moravam ali: *"o que ocorreu foi uma covardia motivada pelo tédio, crueldade e divertimento"*.

Neste grupo, o fato que mais revoltou os jovens foi a punição diferenciada pela patente. Para os jovens, se estavam todos envolvidos, todos deveriam ser julgados e punidos igualmente. Nesse momento, ressaltou-se o pouco compromisso que muitos oficiais têm com o seu trabalho. Para dois jovens depoentes, policiais, bombeiros e autoridades devem estar comprometidos com suas funções 24h por dia. Dentro ou fora das instituições, vestindo ou não uniformes.

> Filipe – *Quando aconteceu esse fato, eu ainda não tava no serviço obrigatório, foi na época do Pan. Teve na Providência e depois teve em outras comunidades. Mas, hoje em dia, o oficial, o sargento já foram todos soltos. Hoje, só tem um ou dois soldados que eram recrutas que continuam presos. Agora o sargento que tava dirigindo e o oficial que deu a ordem estão todos soltos.*

Em meio à discussão, Eliane surpreendeu-se com o fato de os jovens terem sido vendidos. Para a jovem, a mercantilização dos corpos, denota a banalização da vida.

6.4

Jovem é morto na porta de boate em Ipanema

PM que fazia segurança de filho de promotora atira em estudante durante briga, é preso e confessa o crime

Gustavo Stephan Reprodução do Orkut

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

A notícia "Jovem é morto em porta de boate em Ipanema" trouxe mais uma vez as fraturas do Estado em relação à segurança pública. Traz a reportagem que o jovem Daniel Duque, de 18 anos foi morto por um PM que fazia segurança de outro jovem, filho de uma promotora.

> Vinícius – *Se você vai para uma boate, normalmente você vai para se divertir, encontrar os amigos, confraternizar. Se você leva um segurança consigo? Não sei, talvez isso também reflita um pouco a violência que tem na cidade (...) e a polícia de hoje em dia, como eles estão tão agressivos.*

Em outro grupo, a notícia levantou a questão da relação de poder que existem entre os jovens. Uma participante que conhecia a boate narrou sua experiência dentro da casa noturna. Elaine relatou que, embora a entrada de pessoas armadas seja proibida e que de fato exista um controle, a sensação de poder que o porte de arma confere existe dentro da boate, assim como o poder conferido pelo dinheiro.

> Elaine – *Ninguém entra na boate armado, realmente ninguém entra. A arma fica na portaria e quando você entra você tem que deixar a arma, você tem que deixar documentos e provar que você tem porte daquela arma, realmente eles cobram isso. Só que o que acontece? Quando você entra todos os seguranças sabem que naquele grupo tem uma pessoa armada e se ele tá armado então ele tá com poder.*

A jovem ressalta ainda que para entrar na boate você tem que pagar no mínimo oitenta reais e mais trezentos reais para reservar uma mesa, então existe uma disputa de poder muito grande, balizada pelo poder de fogo e pelo poder aquisitivo.

Narrando o episódio que ela viveu a jovem conta:

> Elaine – *A gente não sabia que tinha que reservar mesa, a gente ficou sentado na mesa, tudo bem, até que chegou o dono da mesa que, diga-se de passagem, era bem abusado, aquela coisa: três homens e um mundo de mulheres atrás. Aí o segurança veio e pediu para a gente sair e o segurança colocou a mão no ombro desse meu amigo que é policial, aí meu amigo falou – 'tira a mão de mim', porque ele sabe que ele tem um certo poder a mais, vamos dizer assim, porque ele tem o porte daquela arma, ele pode atirar e ele é um cara imponente, ele vai marcar a presença dele. Aí nisso o menino dono da mesa já ficou meio assim – ele tá reclamando? Já querendo arrumar uma confusão, aí o segurança falou para ele (sussurrando) – ele é policial.(...) Então lá dentro tem isso, um jogo de poder, quem pode mais?*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

O depoimento da jovem traz um aspecto interessante e fundamental para a análise do conceito de violência e vulnerabilidade. Ela relata uma noite na boate onde o jovem foi morto. A jovem explica a dinâmica e as regras de sociabilidade da boate e destaca a relação de poder que existe dentro da casa noturna. Seria ingenuidade pensar que se trata de um caso isolado dessa boate específica. O jogo de poder, a competição e as fronteiras existem – em maior ou menor grau – em qualquer espaço de socialização. Naquela madrugada houve um ato de violência que culminou na morte do jovem, entretanto, em seu depoimento a jovem privilegia o jogo de poder e auto-afirmação que impera na boate e conjectura se o fato não pode ter contribuído para a morte do rapaz.

A boate em questão fica localizada na zona sul do Rio de Janeiro e é freqüentada majoritariamente por jovens de classe média alta, jogadores de futebol, artistas. A casa noturna figura com freqüência nos jornais – alternando coluna social e página policial – como um lugar associado à juventude e vaidades, confusões relacionadas a excesso de álcool e brigas de relacionamento (grupos que se rivalizam, briga motivada por ciúmes dos jovens com seus pares). Como a narrativa da jovem expôs é um lugar onde diferentes relações se operam e embora se proponha a ser ambiente de lazer, é também lugar de muita tensão. Em seu relato o conflito que gera a tensão ocorre em virtude de dois poderes que concorrem: o poder aquisitivo e o poder reivindicado e adquirido pelo porte de arma. O amigo de Elaine não tinha 300 reais para reservar a mesa, sequer sabia que a reserva era necessária, entretanto, não se intimida com a presença do "dono da mesa", segundo a própria jovem seu poder está assegurado pelo porte da arma. Esse poder parece ser legítimo e evidente entre os freqüentadores da boate, visto que ao ser informado por um segurança do estabelecimento que o rapaz que ocupou equivocadamente sua mesa é policial, o "dono da mesa" contém sua ira. Cabe ressaltar que a boate não procura evitar esse tipo de conflito, de forma contrária, ela aparece como promotora de competições de toda ordem. Preços exorbitantes no cardápio, área vip, cofre para armas na portaria são recursos para serem empregados como signos de poder e status.

A jovem complementa dizendo que a pouca idade dos freqüentadores agrava o quadro. No caso de Daniel Duque que tinha apenas 18 anos e era a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

primeira vez que ia a boate ela acredita que ele estava no auge de mostrar "esse poder" e isso pode ter causado a confusão que resultou na sua morte.

Em outro grupo, a possibilidade de o jovem assassinado estar envolvido na confusão de fato, também foi considerada.

> Suzana – *O jovem foi só comemorar o aniversário de amigo e foi morto, 18 anos, novo. Aqui, no caso, foi um PM que matou que deu um tiro nesse jovem. (...) Mas, se ele fosse consciente também ele não se envolveria em briga nenhuma, comemoraria o aniversário da pessoa tranqüilo, sem briga nenhuma, entendeu?*

Nesse momento, Thaís relata a história do assassinato de um amigo de 14 anos que também foi baleado pela polícia. Segundo ela, o jovem foi assassinado por estar no lugar errado, na hora errada. Embora, ela também advirta que ele era viciado e isso pode ter contribuído. A questão da impunidade mais uma vez veio à tona.

Valdemar acompanhou o caso pelos noticiários ressalta que o policial envolvido no crime até hoje não foi punido. Ele acredita que por tratar-se do segurança do filho de uma promotora de Justiça, o caso não vai dar em nada, apesar das passeatas, apelos e manifestações.

> Valdemar – *Se eu não estou enganado esse é o caso do menino Daniel Duque, não é? (...) No máximo esse policial vai responder a esse processo administrativamente. Esses dias eu vi na internet, ele não foi punido, ele continua fazendo a segurança do mesmo jeito. É aquilo que eu disse, eu acho isso errado, você errou, você tem que pagar. Não interessa quem ou o que você é.*

De maneira similar aos comentários sobre a notícia do assassinato dos jovens da Providência, impunidade também foi questão abordada no caso Daniel Duque. Esse dado destaca uma questão que me parece relevante. Trata-se do fato de que a leniência da justiça resultante do corporativismo das instituições policiais opera sem distinção de classe social. Distingui-se o caso pela repercussão midiática – tempo de exposição nos jornais impressos e televisionados – pelos apelos e passeatas, pela comoção social, no entanto em ambos os casos os algozes dos jovens permanecem incólumes.

Nesse sentido a polícia é inimiga dos dois segmentos sociais, seja a vítima rica ou pobre a punição não vem. Seu comentário encontra eco nos depoimentos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

de alguns jovens. A descrença na polícia e o terror diante da sua atuação se expressa em depoimentos tais como:

> Robson – *Na minha opinião não tem solução. Pode até os "poderosos" tentar fazer alguma coisa, mas ele não consegue. Pode entrar Fulano, Beltrano que não vai conseguir. E isso não vem só deles (autoridades), vem de nós, vem do ser humano.*
>
> Gisele – *O policial é afastado, mas é ridículo, agora eles afastaram o policial, agora que ele já matou uma menina de 21 anos, sabe? (A jovem se refere a notícia "Morte de jovens por PMs causa revolta")*
>
> Vinícius – *É, hoje em dia o policial sai da PM e vai para a milícia,né. Hoje em dia a gente não sabe se tem mais medo de bandido ou de policial.*
>
> Jordana – *Acho que os policiais estão muito impessoais, é a questão de ganhar pouco, de falta de preparação, óbvio existem aqueles que acreditam na ideologia de ser um policial, mas acho que a maioria tá ali mais para um trabalho alienado, para ganhar dinheiro, e também de uma maneira ilegal, tipo, como você é policial você pode ganhar com suborno. Acho que é uma má preparação, mas acho que também não há uma vontade de fazer esse trabalho. Acho que não existe a idéia de que o policial tá ali para garantir a segurança. Acho que a visão que se tem do policial é que ele tá ali mais para punir. (...) e acho que eles usam a profissão deles para se safar: – ah, eu matei, mas eu sou policial então não vou ser julgado.*

6.5

Morte de jovens por PMs causa revolta

Governador do Paraná classifica ação de injustificável e diz que policiais serão punidos

Cilaine segura o recorte de jornal e expõe para o grupo: "Morte de jovens por PMs causa revolta". A reportagem traz que a estudante Rafaeli Ramos Lima, 21 anos, foi morta por engano por policiais militares, na cidade de Porto Amazonas, região central do Paraná. A jovem voltava de um baile de formatura com um amigo e conta a reportagem que os PMs confundiram o veículo com outro que teria furado um bloqueio policial e abriram fogo acertando a cabeça de Rafaeli.

Sua opinião é que da mesma forma que existem policiais competentes e bem preparados, existe também muita incompetência e despreparo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> Cilaine – *Como hoje em dia a violência tem avançado, o cidadão fica ao mesmo tempo apreensivo (em uma blitz) pensando se são realmente policiais ou bandidos. E, ao mesmo tempo, eu vejo policiais que não sabem distinguir também. Por exemplo, no caso dessa jovem, a operação não tinha nada a ver e o policial despreparado e, nessa situação houve a morte dessa jovem.*

Após a fala de Cilaine, Robson relatou um episódio que viveu na Central do Brasil envolvendo policiais e guardas da empresa de transporte. Com seu depoimento o jovem pretendia mostrar que além de preparo, faltam boas intenções na ação policial,

> Robson – *Aconteceu um fato comigo, eu tava na Central do Brasil, eu tava dentro do trem e eu segurei a porta do trem, eu tava errado, certo? Só que todo mundo já viu reportagens, mesmo dentro do trem um monte de gente segurando a porta do trem. E eu vejo aquele papelzinho assim: segurar a porta do trem pode dar pena de reclusão de 5 meses a 2 anos de reclusão, né? Eu achava que aquilo era bobeira e tal e segurei e quando tava chegando perto da estação terminal da Central do Brasil "geral" "meteu o pé" e sempre tem que ficar um bucha, né? No caso, o bucha fui eu, aí eu fiquei lá. Aí o guarda que tava na linha – observando quem tava pulando catraca para não pagar passagem – passou um rádio lá para a plataforma. Chegando o trem na plataforma já me enquadraram, cercaram tudo. No caso, eu tentei me esquivar para um lado e para o outro, mas não teve jeito. Aí o guarda me jogou na grade, o guarda lá da Supervia, me jogou na grade e falou: - vamos conversar, vamos desenrolar. Eu disse: - vamos desenrolar. Nisso, já tinha uns 20 minutos que a gente tava conversando veio um policial do nada já jogando algema no meu braço dizendo: - cê tá preso; sem saber o que tava ocorrendo. Se ele sabia, talvez ele podia ter chegado um pouco mais manso, vamos conversar e tal. Não, ele chegou jogando algema no meu braço, - você tá preso. Eu disse: - meu irmão, eu não to preso, eu não matei, não roubei, não cheirei, eu não fiz nada, só simplesmente segurei a porta e guarda veio aqui conversar comigo, tudo bem eu to indo para o meu trabalho e você tá me atrasando. Ele falou: - eu não quero saber, se você não estivesse fazendo besteira eu deixava até você passar, joga a mão para trás. Eu falei: - eu não vou jogar a mão para trás porque eu não vou ser preso. Ele falou assim: - fala baixo comigo que você não tá falando com a sua mãe. Eu falei: - eu não falo baixo nem com a minha mãe, eu vou falar baixo com o senhor? Ele falou: agora você tá preso mesmo porque você me desacatou. Então ele ficou me enfezando até uma hora eu chegar a certo ponto de eu esculhambar com ele e mandar ele para um lugar estranho. Aí ele falou: - agora joga a mão para trás. Quando eu joguei a mão, joguei na cara dele, - então segura aí e dei na cara dele. –Agora você tá preso mesmo, artigo 2.60, cinco anos de reclusão, cê vai ficar preso, não tem conversa mais, eu tentei até te aliviar. Eu disse: - como cê tentou me aliviar, cê você tá me deixando mais nervoso? Eu tremia tudo, pernas, braços, tremia tudo. Eu falei assim: - cê não tava querendo me acalmar, cê tava querendo me deixar mais nervoso. Aí ele falou para as guardas da supervia: eu vou matar ele. Aí o supervisor falou: - mata ele lá fora, aqui dentro não. Então, ele agem sem noção, e como ele (outro jovem) falou, ás vezes eles estão com problema em casa, eles querem levar um problema de casa para o trabalho.(...) Acho que o tava faltando é competência, e falta treinamento. Não para os policiais só, não, é para todo mundo, até para a gente mesmo: às vezes a gente anda na rua despercebido e de repente leva uma porrada de um carro (...) a gente tem que tá ligado, todo*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> *mundo, não só o presidente que tem que tá alerta não, todos que estão ao nosso redor: polícia, bombeiro, médico, até os professores.*

Soares (2004) comenta que, enquanto o crime se organiza e penetra as instituições públicas, as polícias têm sido com freqüência inaceitável, ineficientes e, muitas vezes, desrespeitosas dos direitos humanos e das leis que lhes cabe defenderem (p.131).

Neste grupo a maioria dos participantes tinha relatos de experiências negativas envolvendo a polícia. Abusos de poder, violência física, humilhações e extorsão foram violências mencionadas pelos participantes. Em estudo sobre a percepção dos jovens sobre a atuação da polícia, Novaes (2003) destaca a multiplicidade de visões que existe acerca da imagem da polícia, que de comum só tem há negatividade.

> Em qualquer grupo, todos têm algo a contar sobre a polícia. Os mais ricos contam que foram 'achacados' e dizem: 'tivemos que negociar'. O que, via de regra, termina em ter que 'molhar a mão do policial'. Os mais pobres, sobretudo, se forem negros, contam que foram humilhados. As jovens mulheres falam que foram paqueradas, seduzidas ou desrespeitadas. Os moradores das favelas, conjuntos habitacionais, periferias e vilas dizem que são sempre vistos como os maiores suspeitos (p.112).

Entretanto, diante das notícias que tinham a polícia militar como autores dos crimes, os jovens apresentaram um discurso equilibrado. Comentando a reportagem, negligência, falta de preparo e más condições de trabalho (falta de armas e baixos salários) foram os motivos apontados para as freqüentes ações desastrosas da polícia.

> Érica – *Eu acho que é negligência, falta de preparo e imprudência, né? Porque eu acho que o policial deve ser bem preparado e não sair atirando assim, sem ter um motivo concreto. Porém, na sociedade em que a gente vive o policial é muito julgado, por diversos motivos, eu tenho parentes militares então eu sei como é. Se você faz uma coisa e acaba errando, você é condenado, e se você não faz aquela coisa você é tachado de que não sabe fazer, que não é bem preparado, é condenado do mesmo jeito.*

Em resposta ao número de notícias que trazia a polícia como autora do crime Pedro comenta: *"na certa o PM tava fazendo o dever dele, porque se fosse um carro de assaltantes, se ele não matar os caras matam ele"* Rafaela retruca que não há necessidade de *"chegar atirando"* e seu colega de grupo retrucou que muitos policiais estão morrendo e justificou que a polícia *hoje em dia* age dessa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

forma em virtude do medo permanente, *"é por isso que tá morrendo policial direto, eles vivem em uma guerra, guerra civil e, por isso eles saem atirando. É uma atitude brutal, mas tem o medo dele, a tensão na hora."*

No entanto, a opinião predominante é que a polícia é um órgão corrupto, a notícia sobre a morte de um jovem na porta de uma boate em Ipanema, alvejado por PM que fazia a segurança do filho de uma promotora pública, ajudou a reforçar o argumento da corrupção, inexperiência e brutalidade como marcas da atuação da PM. Todos os participantes concordaram que a presença da polícia não traz segurança, pelo contrário, todos assumiram temer bandidos e PM igualmente.

Vinícius propõe duas questões para "jogar no ar": *"quem nunca foi roubado e quem nunca pagou suborno para a polícia?"*

Ele conta:

> Vinícius – *Esses dias tava com a minha mãe andando de carro, fomos parados pela polícia e o documento do carro tava irregular, entendeu? E, pô, minha mãe e cidadã que paga imposto, não tinha ninguém portando droga nem nada, ninguém criminoso, entendeu? Mas é isso você perde dinheiro para polícia. Você sofre o reflexo dessa polícia corrupta e bandida.*

Kehl (2004), ainda no artigo sobre a juventude como sintoma social, chama esse comportamento de criminalidade *soft*. De acordo com a autora, os jovens ricos convivem com essa criminalidade dentro e fora de casa. "O problema é que a cultura da malandragem adolescente é uma resposta à cultura da malandragem que se propaga, de forma mais disfarçada, entre os adultos."

> Os pais que temem a má influência dos "maloqueiros" do bairro sobre seu filho, são os mesmos que oferecem caixinha ao guarda para liberar uma multa de trânsito, são os mesmo que contratam e demitem funcionários sem pagar direitos trabalhistas e são as mesmas mães que param o carro em fila dupla na porta da escola atrapalhando o trânsito (p.104).

Nesse depoimento, chamou atenção a incongruência do discurso do jovem. Embora o jovem culpe a corrupção da polícia pela violência, ele não se reconhece corrupto ao subornar os PMs. Outra jovem, no entanto, destaca o papel de responsabilidade e culpa daquele que suborna.

> Elaine – *Para mim, a pessoa que estando completamente bêbada pega dez reais para ser liberada é muito pior do que o policial que pegou os dez reais. Tudo bem que o cara tá lá, cumprindo o papel dele que é o de impedir que aquilo*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

aconteça. Mas, a partir do momento que você tá fazendo uma coisa errada e você suborna uma pessoa para liberar e depois critica essa pessoa você é tão errada quanto aquela pessoa. Tudo bem que você não está trabalhando, mas seu papel social onde fica?

6.6

Morre jovem baleado em festa em São Gonçalo

Estudante de 17 anos ficou sete dias em coma; PM é suspeito

As notícias que tinham jovens como vítimas da PM foram tratadas sem surpresa, Érica disse que *"parece reprise, só muda nome e lugar"* referindo-se a notícia "Morre jovem baleado em São Gonçalo"**.** A reportagem comunica o falecimento de um jovem de 17 anos, após uma semana em coma. O estudante foi alvejado por um tenente da PM ao sair de uma festa de aniversário. Érica comenta a notícia e relembra o caso da criança morta por policiais na Tijuca. Na ocasião, o carro da família foi confundido e os policiais abriram fogo matando uma criança de três anos.

Em um determinado grupo, a notícia foi comentada pela jovem em tom de repúdio ao comportamento do PM envolvido no caso.

> Rafaela – *A notícia fala de um estudante de 17 anos que estava em uma festa de aniversário e segundo testemunhas parece que ele estava em uma briga e o policial, tenente ao invés dele chegar e apartar a briga, ele disse que deu um tiro para separar, só que na verdade o jovem chegou no hospital com dois tiros na cabeça e um no pescoço. Ele disse que só deu um tiro para separar a briga. Mas, de qualquer forma foi errado porque não é assim que se separa uma briga.*

Segundo ela, não existe motivo qualquer que justifique a execução de um jovem de 17 anos ainda que ele estivesse envolvido em alguma coisa errada. *"Eu acredito que não haja um motivo, e não acredito que um jovem de 17 anos*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

mereça tomar um tiro na cabeça e morrer". Truculência e despreparo foram mais uma vez termos usados para se referir ao trabalho dos policiais do Estado.

No entanto, houve ponderações de que a policia é muito julgada independente do que faça.

> Valdemar – *Falar do policial é complicado. Vê-se muito o lado do civil, e acho que tem que ver o lado do civil, mas tem que ver o lado do policial também. O cara tá estressado, não tem aquela preparação, ele não consegue ter um bom relacionamento com a sua família em casa, então ele já vai para o serviço estressado. E não tem uma psicóloga para acompanhar diariamente o policial. (...) Eu já fui abordado várias vezes por policial e ele já chega apontando arma para você, dando chute em você, ele não quer saber. Então eu acho que o policial tem que ter mais preparo para pode realizar o seu serviço da melhor forma possível para não acontecer o que aconteceu com esse jovem. (...) eu acho que o policial vive 48 horas no ar, ele sai do seu trabalho, vai fazer segurança e depois volta para o seu trabalho de novo. Então acho que isso é uma coisa que deve ser repensada, tem que dar mais suporte ao policial e não só ver as vítimas. Claro que tem que dar apoio a vítima, tem que dar assistência para as vítimas – é claro – as famílias, mas tem que dar uma assistência também ao policial. Condições para ele realizar o trabalho dele.*

As questões referentes às mazelas da segurança pública não são recentes, no entanto as políticas de ação para melhoria ainda são esporádicas e pouco eficientes. Ramos e Lemgruber (2004) registram que apenas a partir da década de 90 começaram a ser registrados esforços sistemáticos de elaboração de políticas públicas de segurança baseados numa perspectiva contemporânea, identificada com a combinação entre eficiência e direitos humanos. Segundo as autoras o perfil socioeconômico e a baixa capacidade de pressão política das principais vítimas da violência são pistas importantes para explicar o despertar tardio dos governos e da sociedade civil brasileira para o tema da segurança pública e para a necessidade de modernização, controle e democratização das instituições policiais (p.48).

O depoimento de Érica sobre a morte do jovem em São Gonçalo evidencia que a lógica da pouca representatividade das vítimas também faz parte do imaginário dos jovens.

> Érica – *Esse jovem estava em uma festa, mas também não era um bairro de classe alta, era um bairro de classe baixa e essa é a diferença, né? Talvez isso já tenha sido esquecido, talvez não seja como no caso do Daniel (Duque) que até hoje ainda é lembrado. Talvez esse ninguém saiba o nome, ninguém saiba quem seja. Por ser uma classe diferenciada o contexto muda. Porque é diferente você*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> *matar uma pessoa de uma classe completamente desfavorecida e outra de uma classe alta.*

Em "*A letalidade da ação policial"*, Cano (1997) ressalta que

> o número de vítimas fatais é maior nas intervenções nas favelas da cidade. Em contrapartida, o número de feridos é superior nas intervenções no asfalto. Conseqüentemente, a letalidade das atuações policiais nas favelas é mais de duas vezes superior à de suas ações no asfalto. No entanto, os confrontos dentro das favelas parecem representar um risco comparativo menor para os próprios policiais, e um risco menor também para as vítimas acidentais (balas perdidas) (p.80).

Em 523 confrontos armados em favelas, a polícia matou 512 pessoas. Fora das favelas, foram mortas 430 pessoas. Considerando o percentual da população que vive nessas áreas no Rio de Janeiro, este dado representa uma incidência de mortes seis vezes maior no interior das favelas. Os dados fornecidos por Cano ajudam a reforçar a teoria da jovem de que diz que existe diferença na abordagem e ação da polícia segundo a classe social e contexto urbano.

6.7

Morte no navio: Isabella bebeu demais e foi asfixiada pelo vômito, diz a PF

Segundo delegado, primeiros depoimentos não confirmam consumo de drogas

Juliana lê a notícia e expõe para o resto do grupo – "Morte no navio: Isabella bebeu demais e foi asfixiada pelo vômito, diz PF" –, a reportagem trata da morte de uma menina de 20 anos que morreu em um cruzeiro universitário. O recorte traz ainda relatos de outros jovens que estavam no navio e o depoimento de um dos integrantes da tripulação. Na declaração, o funcionário não identificado relata o comportamento dos jovens, expõe os excessos com bebidas e a promiscuidade no sexo. Em trio, Bárbara, Eliane e Juliana apontaram a facilidade de acesso a drogas e bebidas alcoólicas como a principal causa da morte da jovem.

Entendendo que a dinâmica se tratava do tema da violência, Jordana começou sua fala ressaltando que a notícia não está relacionada à violência como as outras, para ela o caso da Isabella fala do comportamento irresponsável que os jovens têm em relação às drogas. O comentário da jovem evidencia a necessidade

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

da divisão do termo vulnerabilidade. Para ela, existe claramente uma diferença entre o óbito envolvendo violência urbana e mortes causadas pela irresponsabilidade juvenil. Na pesquisa, os dois casos também são tratados como distintos, entretanto a diferença reside apenas na categoria, estando o jovem vulnerável em ambas as situações.

Juliana destacou a falta de limite e inconseqüência como comportamentos naturais dos jovens e argumentou:

> Juliana – *Os jovens fazem as coisas sem pensar no depois, o que interessa é o agora, eles nunca pensam nas conseqüências do ato, apenas no prazer do momento, por exemplo, esses jovens do barco estavam dormindo com qualquer um, bebendo muito, destruindo tudo, se drogando mesmo.*

A relação com o tempo foi questão também na fala de outros jovens. Em muitos depoimentos o jovem foi retratado como imediatista. Pressa e urgência foram termos utilizados para descrever a relação do jovem com o tempo. No entanto, houve considerações sobre o futuro. Ironicamente, com freqüência a juventude é vista como um momento de transitoriedade no qual o jovem é incompleto, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Nesse sentido, Dayrell (2007) destaca que essa perspectiva esconde uma tendência de encarar a juventude, *o que não chegou a ser*, negando o presente vivido.

Podemos concluir que existe um conflito de visões: se na teoria o presente é desvalorizado, na fala de alguns participantes sobre os jovens este parece ser o único tempo que existe. Entretanto, não existe soberania de verdades. Em outra fala Juliana destaca sua preocupação com o futuro, trazendo à tona a relevância, a ansiedade e as inquietações em relação ao porvir.

> Juliana – *Hoje nós estamos vivendo essa violência toda e amanhã, o que nós vamos estar vivendo? A gente tem que pensar sempre no futuro, não é no presente não, porque o presente nós já estamos, o passado já foi. A gente tem que pensar sempre lá na frente.*

Em outro depoimento, a participante demonstrou uma preocupação com a transmissão de valores desses jovens que um dia serão pais. A jovem destaca que as ações do presente podem acarretar conseqüências graves no futuro e lembra o compromisso dos jovens com sua própria geração.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> Juliana – *(...) Os jovens de amanhã serão pais de outros jovens. E que tipo de exemplo que eles poderão dar? Então eu acho que as pessoas têm que pensar muito no que elas fazem hoje porque amanhã podem trazer conseqüências gravíssimas para a vida delas. Então o que tá faltando realmente, é todo mundo parar e pensar em tudo que tá fazendo e tentar ver o que pode fazer para de fato ser a diferença, nesse mundo, nessa geração. E que venha impactar essa geração de uma forma boa, de uma forma que venha mostrar que fazer a coisa certa é bom e não ficar mostrando apenas as coisas ruins.*

Em outro grupo encontramos opinião semelhante. Ambos os depoimentos clamam por atitudes responsáveis e conseqüentes por parte dos jovens.

> Cilaine – *É eu acho que falta consciência mesmo. E eu tenho isso para minha vida: o que a gente planta a gente vai colher. A maioria aqui tem filhos e os que não têm vão ter um dia, e tem também a questão do exemplo: do cidadão honesto, do cidadão de bem, então tem que procurar educar da melhor forma possível para que a criança se torne um adolescente e um adulto com mais consciência, com responsabilidade, com honestidade.*

Valdemar conclui:

> Valdemar – *Eu penso assim, hoje o jovem tá muito irresponsável com ele mesmo. Porque tem várias maneiras de você se divertir sem você usar bebida alcoólica, sem você usar droga. O jovem hoje em dia ele pensa em se divertir, para mostrar para os outros. Se o jovem hoje em dia olhar para dentro dele mesmo ele vai ver que não precisa de droga, não precisa de bebida para se divertir. (...) Hoje tem a internet, coisa que os jovens de vinte anos atrás não tinham. E pelo alto poder de controle o jovem tá usando muita droga, principalmente o jovem de classe média alta, que onde você vê que ocorre mais prisões, mais mortes, são mais os jovens de classe média alta, porque na favela eles usam ali mesmo, têm pessoas que têm condições de comprar, outras não. Mas, o jovem de classe média alta tem o poder, ele acha que com a ilusão da droga ele tem o poder. Então eu acho que tá totalmente errado.*

O jovem relembra ainda outro caso que aconteceu poucos meses depois, sobre uma menina que morreu afogada por excesso de álcool em uma piscina e ninguém viu.

Valdemar acompanhou o caso da jovem Isabella na imprensa e lembra que meses depois saiu um laudo comprovando que ela havia usado outras drogas que agravaram seu quadro. “Não foi só o vômito”, conclui.

Kehl explica que os abusos e excessos praticados pelos jovens têm suas causas no imperativo do gozo que a cultura lança sobre essa faixa etária. Como agravante a autora cita a falta de interdição paterna responsável por oferecer limites e, portanto, proteger os jovens dessa “obrigação”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> A fantasia de um mundo regido pelo gozo é ao mesmo tempo fascinante e ameaçadora. Do ponto de vista do indivíduo, parece um paraíso sem limites; por isso mesmo acena com os horrores da pulsão de morte (...). O gozo, afinal, é aquilo que pede para ir sempre além dos limites do prazer – nisso consiste seu vínculo com a pulsão da morte. O gozo ameaça a vida do corpo e a vida psíquica. A adolescência na nossa cultura é a idade na qual se representam as formas imaginárias do mais-gozar (Kehl,2004, p.100).

Graziela lê a notícia e explica que a reportagem apregoa o motivo da morte a asfixia pelo vômito, entretanto ela ressalta que sua morte está relacionada a uma combinação de entorpecentes.

> Graziela – *Ela foi para essa festa, ela tem 20 anos, foi com mais jovens e se embebedaram, extrapolaram, quebraram o navio, fora as drogas que havia no navio. Ela se asfixiou com o vômito e dizem que daí veio o óbito dela, mas eu, na minha opinião, acho que o que causou também foram drogas. Os jovens hoje em dia acham que felicidade e curtição estão nisso: "ah, eu vou beber porque aí eu tô feliz", "vou me drogar porque a vida é uma festa" e eu acho que não é assim, eu acho que tem muitas coisas para se fazer na vida que dá a mesma emoção que uma droga dá, que um ecstasy dá e eu acho que isso é vida jogada fora. Isso não leva ninguém a lugar nenhum, leva sim: para o buraco, amanhã tá lá na vala.*

No entanto, houve depoimentos críticos a determinação descuidada de que o jovem é naturalmente uma fonte de problemas. Em um grupo, Eliane fala da possibilidade do jovem ocupar um papel transformador na sociedade através de um protagonismo juvenil.

> Eliane – *Eu acho que o jovem é sempre visto como um problema, só o fato de você ser jovem, para sociedade você é um problema, você é perigoso. E, eu acho que, só pelo fato da gente tá aqui discutindo, cada um tem uma história. Ela diz: eu não faço isso, cada um tem o exemplo de uma pessoa que não faz. Então eu acho que a gente tem que tentar mudar isso, tem que tentar mudar a forma como o jovem é visto, e cabe a cada um fazer a sua parte. Uma andorinha só não faz verão, não faz. Mas, eu posso contagiar quem tá do meu lado e formar um grupo consistente. (...) Eu acho que tem que mudar essa visão, jovem não é um problema, ele pode sim se tornar um problema se não for bem orientado, se ele não tiver um aparato, sabe? Uma pessoa que olhe, que oriente, que converse.*

No artigo *"Juventude Brasileira, entre a tradição e a modernidade"* Gonçalves (2005) faz uma crítica, que é também uma contestação sobre o modo como os jovens são vistos e representados na sociedade contemporânea. Lembra a autora que, com freqüência aparece na história da preocupação social e acadêmica o interesse pela juventude. Entretanto, com igual freqüência a discussão surge contaminada por verdades canônicas referentes a crises e excessos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

> A juventude, na visão clássica, é entendida como "uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema" (Foraccchi, 1972, p. 160); estudos contemporâneos reafirmam seus *excessos pulsionais* (cf. Souza, 2005) como motores da construção das formas pelas quais o jovem se apresenta à sociedade. A primeira visão acentua o conflito e a busca pela experimentação; a segunda encaminha a postura individualista e narcísica, considerada típica da sociedade e da juventude contemporâneas (p.207).

Através de uma pequena revisão histórica, a autora retoma a gênese da abordagem da questão. Na turbulenta Chicago dos anos 1920, jovens irlandeses, italianos, afro-americanos e judeus tornaram-se objeto de estudo da sociologia que buscava investigar a possível relação entre juventude, violência e desordem social. A guerra entre gangues na década de 20 e a explosão demográfica nas cidades em 1950 contribuíram para o olhar negativo lançado aos estudos sobre a juventude. A partir daí, excessos e comportamentos disfuncionais tornaram-se alvos de programas de controle e prevenção.

> Firmou-se no imaginário social a associação entre a juventude e as grandes questões de cada tempo: no século XXI, quando grassam as preocupações com o individualismo exacerbado e a criminalidade crescente, o jovem emerge como individualista e responsável, em grande parte, pela criminalidade urbana (Gonçalves, 2005, p.208).

Contudo, em consonância com o depoimento de Eliane, a autora não concorda que a juventude – em toda a sua multiplicidade de vivências e organização – possa ser reduzida a hegemonia de pontos de vista ligados a desordem e criminalidade frutos de uma natureza narcísica e individualista.

Seguindo a mesma linha crítica ao determinismo, em *"Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil"*, Helena Abramo (2007) concorda que embora muito se fale sobre os jovens, poucos são os estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação. A autora inicia o artigo fazendo uma breve revisão de como a juventude foi sendo representada ao longo das décadas e de que modo. Segundo a autora, o que ocorre é que a juventude é sempre tematizada pela geração que a antecede e, deste modo está sempre sujeita a comparações e julgamentos segundo referenciais do passado. A geração de 80 foi julgada apática, individualista, consumista e indiferente por que a ela foi traçado um paralelo com os jovens da década de 60. Isso não significa dizer que os adjetivos empregados para defini-la são falsos e que parte das suposições não

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

se concretize, no entanto, as sucessivas comparações tornam a juventude presente sempre deficitária de um traço ou característica, seja positivo ou não. A crítica da autora é que pouca chance é dada para que o jovem do presente fale de si mesmo.

> E nessa formulação, como encarnação de impossibilidades, eles nunca podem ser vistos, ouvidos e entendidos como sujeitos que apresentam suas próprias questões, para além dos medos e esperanças dos outros. Permanecem, assim, na verdade, semi-invisíveis, apesar da sempre crescente visibilidade que a juventude tem alcançado na nossa sociedade, principalmente no interior dos meios de comunicação (p.84).

Também nesse sentido, Sarti (2004) fala da indefinição do lugar do jovem na sociedade contemporânea. Diferentemente das organizações sociais antigas que configuravam a transição da juventude para o mundo adulto em ritos de passagem, a sociedade atual deixa para o jovem um lugar de apenas contestação.

> Ele é um não-mais-criança e um não-adulto e, freqüentemente, considerado problema para o mundo adulto, o "aborrecente". Em contraposição a essa idéia, a proposta de desenvolver o protagonismo juvenil nos programas para jovens apontam para a importância de pensá-los como agentes de soluções para seus próprios problemas (p.124).

Aqui a autora adere à proposta da jovem depoente na sugestão de deixar o jovem participar das resoluções acerca das problemáticas referentes a esse grupo etário.

A respeito da participação familiar nas questões referentes aos problemas da juventude, Eliane denunciou que existe muita negligência e omissão por parte dos pais. Diz a jovem:

> Eliane – *A Isabella é uma menina de 20 anos, se ela tivesse todo um apoio psicológico por parte dos pais, uma abertura, talvez, uma conversa, não sei, mas acho que isso poderia ter sido evitados não só o problema dela mais da grande maioria dos jovens"(...) os pais precisam dialogar mais com os filhos e não impor, orientar.*

A falta de diálogo trazida pela jovem encontrou ressonância na fala de outras colegas. A incomunicabilidade entre pais e filhos foi questão recorrente. Segundo relato de Juliana a falta de tempo e a crença de que bens materiais suprem a falta de afeto têm contribuído para o enfraquecimento da relação.

De acordo com Kehl (2004) muitos pais não servem de referência por que os próprios estão desprovidos de referenciais. O imperativo da juventude destituiu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

o adulto do lugar daquele que sabe. Nesse sentido, "a rede de proteção imaginária constituída pelo que o Outro sabe se desfaz, e a própria experiência perde significação" (p.97). A autora ressalta que a gradativa desvalorização da experiência descarta o passado em favor de uma eterna juventude e esvazia de sentido a própria vida. A tristeza e a depressão são deflagradas quando "em busca de perspectivas para o futuro os jovens olham para a vida dos mais velhos e encontram um espelho deformado de si mesmos". Indaga a autora: como ingressar no mundo adulto onde nenhum adulto quer viver? Assim, a rebeldia dos jovens também estaria justificada na teoria da hegemonia do modelo jovem. A explicação, tomada da visão psicanalítica, esclarece que o imperativo do "mais prazer" ao que o jovem é impelido encontra-se desprovido dos limites e freios paternos para o excesso do que ele *quer* e *não quer* cometer. Deste modo, na ausência de interdição o jovem chegado à adolescência responde com pânico e revolta o que, na verdade é angústia.

> A rebeldia dos adolescentes hoje parece antes um apelo a que os pais manifestem alguma forma de autoridade e façam restrição ao gozo. Não se trata da insatisfação de quem se sente aquém da liberdade e dos prazeres que gostaria de desfrutar, e sim da angústia de quem se vê diante da demanda de gozar ilimitadamente (...) (Kehl, 2004, p.99).

Eliane e Juliana deixam claro em suas falas as conseqüências negativas da liberdade excessiva e falta de diálogo na relação entre pais e filhos. Ambas as jovens concordam que comunicação e carinho são elementos escassos na dinâmica familiar e Juliana destaca o papel coadjuvante dos pais na vida dos jovens. Na opinião de Eliane, a participação dos pais na vida da jovem Isabella poderia ter evitado a tragédia. Kehl (2004) concorda com os depoimentos das jovens. Diz a autora que, na ausência de referência e restrição por parte dos pais os jovens se vêem condenados a liberdade e a excessos de toda ordem que pode culminar em conseqüências fatais quando a vida é feita arremedo de um parque de diversões sem limites.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

7.

Sobre a consciência do risco: retomando os discursos dos jovens

"Abrindo um antigo caderno foi que eu descobri:
Antigamente eu era eterno."
(Leminski) [18]

> "Podemos dizer que os jovens cariocas, nascidos a partir dos anos 70 têm um ponto em comum: cresceram e foram socializados em tempo de "cultura do medo" (Novaes, 1997, p.119).

O pequeno poema do escritor curitibano Paulo Leminski faz alusão a um tempo completamente distinto do citado por Regina Novaes. Leminski, professor, poeta escritor, nascido na década de 40, viveu o auge de sua fase adulta em meio ao golpe de 64 e início do governo militar no Brasil. Ninguém pode dizer que era o melhor dos tempos, lutava-se contra a ditadura, o cerceamento da liberdade de expressão, repressões de toda ordem. Pode-se até dizer que se convivia com o medo, no entanto não se tratava de uma "cultura do medo" como menciona Novaes. As coerções eram combatidas nas ruas, sobretudo pelos jovens. Abramo (2007) destaca que

> no Brasil, é particularmente nesse momento que a questão da juventude ganha maior visibilidade, exatamente pelo engajamento de jovens de classe média, do ensino secundário e universitário, na luta contra o regime autoritário, através de mobilizações de entidades estudantis e do engajamento nos partidos de esquerda; mas também pelos movimentos culturais que questionavam os padrões de comportamento – sexuais, morais, na relação com a propriedade e o consumo (p.82).

Os movimentos juvenis de contestação e contracultura condensavam a esperança de transformação. Ao mesmo tempo em que quatro baianos cantavam que *é preciso estar atento e forte/não temos tempo de temer a morte*[19]. Outros tempos, sem dúvida.

[18] Melhores poemas de Paulo Leminski. (seleção Fréd Góes) Global, São Paulo, 1996.

[19] "Divino Maravilhoso" (1976) é uma composição do grupo de MPB Doces bárbaros dos anos 70 formado por Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gilberto Gil e Gal Costa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Em consonância com a epígrafe de Novaes, Daniel Cara e Maitê Gauto (2007), no artigo *"Juventude: percepções e exposição à violência"* destacam como a experiência da violência entre os jovens – marcada pela vigência dos altos índices de homicídios juvenis – e a sensação de medo promoveram uma mudança significativa no padrão de preocupações dos jovens. Diz os autores que

> se o ingresso no mercado de trabalho se configurou como uma preocupação clássica dos jovens, as questões relativas à violência constituem suas preocupações contemporâneas, obtendo uma impressionante centralidade a partir de meados dos anos 1990. Assim, é possível dizer que o sentimento do medo e um traço característico das populações jovens atuais. (p.179)

No início do trabalho afirmou-se que a proposta fundamental desta pesquisa era investigar o modo pelo qual os jovens vivenciam a experiência da violência e do risco, tendo como fio condutor três questionamentos básicos: qual o impacto nos jovens da convivência indistinta com a morte imposta pela violência urbana? Que tipo de experiência subjetiva em relação à própria finitude a proximidade com a morte do outro desencadeia? Qual a possibilidade que os jovens têm de planejar o futuro, inseridos numa realidade que questiona o porvir a partir da freqüente incidência de morte prematura?

A partir dos depoimentos dos jovens sobre as notícias de jornal foi possível ter uma idéia de como os jovens se relacionam com as situações de riscos e violências impostas. Mas foi, sobretudo a partir da segunda rodada da *rodas de conversa* que os jovens forneceram, de forma mais objetiva, respostas para as indagações propostas na introdução do trabalho.

Após o debate sobre as notícias de jornal os participantes foram questionados como eles experimentam a realidade permeada por violências e estados de vulnerabilidades múltiplas. – "Com medo" foi a resposta imediata e uníssona. Na fala da jovem Rafaela é possível perceber o medo e desconfiança como conseqüências primárias da convivência com a violência.

> Rafaela – *É com muito medo porque hoje em dia, qualquer atitude que você tenha já te olham de lado, já acham que é o contrário, sabe? Um jovem andando na rua de bermuda, chinelo e camiseta você já olha para ele assim... será que ele vai me assaltar?(...)"É complicado porque as coisas foram muito distorcidas com o tempo. Acho que não existe mais aquilo que é certo e o que é errado porque a gente mistura, a gente confunde. A gente não sabe se estamos seguros e se o outro está seguro*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Cano (2009) em artigo "*A vivência subjetiva da violência entre jovens do Rio de Janeiro*" busca exemplificar o modo pelo qual os jovens vivenciam a experiência da violência a partir de relatos e evidências colhidas ao longo dos anos em múltiplos projetos de pesquisa relativos à violência.

O autor pontua as reações mais freqüentes perante a violência, listando desde dores físicas e traumas até sentimentos de impotência, raiva e desejo de vingança. Este último responsável pelo incremento da violência uma vez que a retroalimenta e a reproduz. O depoimento de Rafaela revela o medo que desencadeia as sensações de insegurança e desconfiança permanentes, reações também contempladas pelo autor. A esse respeito Cano comenta que "um dos elementos mais importantes na determinação do nível de ameaça subjetiva é o grau de previsibilidade do evento negativo." Isso se deve pelo fato de que quando o evento é relativamente previsível é possível estabelecer estratégias para se defender ou evitar. No entanto, "quando é aleatório, pode acontecer em qualquer lugar e momento ou com qualquer pessoa, o evento é vivenciado como algo muito mais ameaçador e as pessoas tendem a se sentir mais vulneráveis." (p.59). A sensação de imprevisibilidade se confirma também na fala de Robson.

> Robson – *Hoje a gente sai de casa sem destino, a gente sai de casa, mas não sabe se a gente volta. Nós estamos vivendo em um mundo muito perigoso, a gente bota o pé para fora do portão de casa e a gente não sabe se vai botar o pé do portão para dentro.*

Jordana complementa dizendo do medo nas ações corriqueiras do cotidiano. *"Medo de ir para lugares que a gente freqüenta e morrer. A gente não sabe se vai para a Lapa um sábado e vai voltar para a casa."* Em seguida, Carolina narra um acidente envolvendo amigos de amigo e comenta como é difícil perceber o risco mesmo estando tão perto.*"Aconteceu tão perto, você fica muito assustada, você não consegue se tocar do que aconteceu. Eu poderia ter entrado naquele carro e ter voltado junto com eles para casa (...) e você fica com medo de tudo"*

Ambos os depoimentos, de Jordana e Carolina, falam de um sentimento de insegurança e perplexidade diante de fatos violentos e de risco. A morte dos amigos de Carolina em um acidente de trânsito a conscientiza do risco ao qual ela estava sujeita, entretanto a jovem reconhece que a proximidade do fato ao mesmo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

tempo que alerta também a impede de perceber com clareza. Nos dois casos, o resíduo das experiências é o medo.

Nessa perspectiva, Soares (2005) chama atenção para a importância da dimensão subjetiva no trato do problema da segurança pública. O antropólogo destaca que um evento violento gera mais vítimas do que aquelas envolvidas diretamente no fato. A violência desencadeia a cultura do medo e da insegurança e por isso constitui equívoco negligenciar os desdobramentos do ato violento.

> A dimensão subjetiva é parte relevante da segurança pública e deve ser um dos alvos de qualquer política de segurança que mereça este nome: seja porque as pessoas sofrem não só pelo que vivenciam no domínio estrito dos fatos criminais, seja porque sua experiência interior, indissociável da cultura intervém no mundo prático e gera fatos de várias maneiras diferentes. (2005, p.185).

No depoimento de Gisele é perceptível o incremento da violência em seu imaginário a partir do conhecimento e proximidade de violências que ela propriamente não viveu. A jovem fala da impossibilidade de não se afetar com os eventos violentos uma vez que eles podem acontecer em qualquer lugar e a qualquer pessoa.

Confrontada com notícias que apresentavam óbitos causados por policiais e por motivos banais, a jovem mostrou-se indignada e disse ser *"impossível não se afetar com essa realidade".* Apontando para outras notícias ela diz:

> Gisele – *é complicado, porque todos esses lugares: a boate, as festas, são lugares que a gente costuma freqüentar, como aquele menino que foi morto na Lapa, são lugares que a gente freqüenta, que todos nós iríamos no final de semana e se a gente não conhece a pessoa (vítima) conhecemos alguém que conhece, sabe? E não tem como não marcar, não tem como não traumatizar de certa forma.*

Nesse momento, a consciência da fragilidade da vida foi ressaltada. O passado foi trazido como um tempo idealizado com mais paz e ideologias.

> Gisele – *Foi-se o tempo em que as gerações jovens se consideravam imortais (...) hoje em dia todos nós temos a consciência de que a gente pode sair e vai morrer, por mais que digam que não, tem dentro de cada um esse receio porque não tem como se alienar. Você pode não ler jornal, você pode não ver essas notícias, mas você conhece alguém que conhece a pessoa que morreu ali na esquina."*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Gisele destaca que a permanente convivência com a morte e com o risco cria traumas e deixa marcas e narra um diálogo que teve com uma criança de sete anos, freqüentadora de uma instituição onde a jovem faz trabalho voluntário.

> Gisele – *Eu fiquei com ela porque a mãe dela tinha ido para o enterro da sua prima, aí ela me perguntou: – "porque toda a minha família tem que morrer?" Ela já perdeu o pai, ela perdeu a prima, ela já perdeu a irmã. E aí? Ela tem sete anos, entendeu? Ela convive com isso e isso a traumatiza de uma forma. E o que eu ia responder para ela? O que eu ia falar para essa menina. 'Porque minha família tem que morrer de tiro, onde eu moro, em frente à minha casa?Não tem o que falar, vou falar o que?*

Para a jovem a impossibilidade de se alienar deve-se também ao fato das mortes acontecerem em lugares conhecidos, tantas vezes freqüentados e pela rede de relacionamento que resulta numa sensação de proximidade do fato e da vítima.

A esse respeito, Jordana ressaltou que ao mesmo tempo em que a morte (do outro) pode trazer reflexões positivas como o senso de responsabilidade, prudência e precaução, ela pode também tornar-se experiência banal, uma vez que estamos todos vulneráveis e podemos morrer a qualquer momento, mais vale viver a vida sem preocupações, aproveitando ao máximo os momentos. Assim banalizada, a morte torna-se demasiado habitual para ser notada e excessivamente habitual para despertar emoções intensas (Bauman, 1998, p.199). Seu depoimento expõe duas possibilidades de experiência subjetiva em relação à própria finitude que a morte do outro pode desencadear: o zelo e a inconseqüência.

> Jordana – *Acho que a violência afetando os jovens é meio oito ou oitenta. Porque assim, eu vejo muitos jovens com medo de sair para a rua, eles ficam muito em casa, no condomínio, muito com medo e vejo outros que falam – ah! Eu posso morrer a qualquer momento então eu vou fazer o que eu quero e isso explica um pouco desse negócio do jovem ser muito morto, é porque tem isso, de aproveitar o momento, sabe?*

Ela continua:

> Jordana – *E os que são afetados diretamente ou indiretamente acabam tendo uma consciência maior, tipo, talvez política sobre a polícia, a violência. Acho que os jovens, alguns, estão mais conscientes, estão querendo participar, mas não tem muito uma ideologia de acreditar que vai fazer uma passeata e que as coisas vão mudar, ele tem essa consciência e não tem muita esperança.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Foi interessante perceber que apesar do alto nível de consciência dos jovens acerca dos riscos impostos pela violência urbana, nenhum participante explicitou um medo real de morrer. Embora, se reconheçam em um contexto de risco todos concordaram que não dá para fazer nada e que a vida deve ser vivida evitando paranóias. Nesse sentido, o futuro não aparece como um tempo questionável. Segundo os jovens, embora o perigo exista, ele é uma contingência da vida e não dá para viver pensando nele.

> Jordana – *Acho que é mais os pais que sentem a gente vulnerável, eu não me sinto muito vulnerável não (...) óbvio que sim, mas acho que não tenho muito essa consciência: ah! Vou para Lapa pode acontecer alguma coisa, to passando pela Rocinha posso tomar um tiro. Acho que é o meu dia-a-dia, acho que eu reprimo isso para não ficar com medo.*
>
> Vinícius completa: *"pois é, cê vai deixar de viver? O negócio é esse.*

Cabe ressaltar, no entanto que nessa pesquisa não conversamos com jovens envolvidos em atividades criminosas. Quando consultamos estudos, pesquisas e publicações[20] focadas na experiência de jovens trabalhadores do crime organizado percebemos que a noção de finitude e expectativas para o futuro se alteram. Eis um exemplo. Em uma das *rodas de conversa*, uma jovem citou o caso do seu sobrinho – viciado em droga e envolvido em atividades ilícitas – e em seu depoimento Graziela prevê uma vida curta e um final violento para o jovem.

> Graziela – *tem um fato que acontece lá na minha família com um sobrinho meu que é jovem, ele rouba, ele se droga e hoje ele fala que não quer saber de mais nada, porque a mãe não deu carinho, o padrasto não deu carinho, e hoje em dia ele culpa até a gente também, minha mãe que é a avó dele, eu que sou tia. E hoje em dia ele mesmo fala que a vida dele é boa porque ele fuma, ele rouba, ele cheira. E eu acho que isso não leva e nunca vai levar ninguém a lugar nenhum.(...) Ele diz: ah, eles não vão me pegar mesmo, eu sou menor de idade. Eu digo: mesmo que você não pague lá na cadeia, eu acho que você vai encontrar alguém que vai fazer uma covardia com você e acho que vai ser bem pior. Isso não leva ninguém a lugar nenhum, leva sim: para o buraco, amanhã tá lá na vala.*

[20] SOARES, L. E.; MV BILL; ATHAYDE, C. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
MV BILL; ATHAYDE, C. *Falcão: os meninos do tráfico.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Outros depoimentos destacaram que a preocupação, de fato, é dos pais e criticou a vulgarização da condição de risco dos jovens.

> Elaine – *Acho que socialmente é normal as pessoas verem os jovens nessa condição de estar em perigo sempre. Acho que ninguém pensa que nós não estamos em uma condição de perigo. Toda vez que eu saio de casa minha mãe fala – oh, cuidado porque você é muito jovem. Socialmente é assim. Você pode ser jovem, mas tá quieto dentro de casa, você tá correndo mais risco que todo mundo e é fato isso, entendeu? Então acho que ficou muito banalizado. Ah! Você é jovem, então não sai não porque com você é mais perigoso, tá mais fácil você morrer, se você tiver acima de 30 então tá mais fácil você se salvar. É normal. Não deveria ser, mas é normal.*

Sua colega de grupo, Érica destacou que o medo é proveniente também da ação dos outros. Embora, a jovem seja segura em relação as suas posturas e ações, em sua fala é perceptível o desconforto frente à falta de autonomia e insegurança em relação ao outro, desconhecido.

> Érica – *Hoje em dia a gente tem medo até de sair de casa, mas não por mim, eu não bebo, não bebo por opção, mas conheço gente que bebe. Então tenho aquele receio porque, por exemplo, você tá em um show ou em uma boate e você esbarra em alguém, a pessoa já acha que você tá querendo confusão. Eu não tenho medo por mim, eu confio em mim, eu tenho medo é pelos outros. É como no trânsito: a gente sabe que não bebeu, mas e os outros?*

Analisando a fala dos jovens percebemos que as representações coletivas em torno da violência têm uma elevada dose de envolvimento pessoal, tanto nesta como em outras áreas da nossa vida social. Baseada nos temores, nas experiências imediatas ou próximas, nos sistemas de valores, na dramatização de certos fatos e na banalização de outros, essas representações tendem a assumir o caráter de "verdade" universal e gerar medo e insegurança ou ganhar ares de espetáculos e sensacionalismo levando a crer que a situação não é drástica como aparenta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

8.

Considerações finais

As categorias de vulnerabilidades mais amplas definidas no início da pesquisa se reapresentaram na fala dos jovens. Seus depoimentos conferiram especificidades para as divisões do termo. Situações de vulnerabilidade social, individual e institucional emergiram nas experiências pessoais citadas pelos jovens participantes. As múltiplas modalidades de desvantagens sociais que caracterizam a vulnerabilidade social se concretizaram nas situações vividas por grande parte dos jovens. Limitações relacionadas a direitos básicos como saúde e educação, dificuldades de inserção no mercado de trabalho e exclusão social foram exemplos mencionados.

Os episódios de vulnerabilidade institucional se presentificaram nas notícias que traziam a polícia e o estado como autores de atos violentos. Em todas as *rodas de conversa* houve narrativas relacionadas a experiências negativas a esse respeito. A truculenta atuação da polícia e a corrupção mascarada pelo corporativismo dessa instituição foram temas de diversos depoimentos. Medo e descrença foram sentimentos expressados nos discursos para referir-se as expectativas de ações das autoridades em favor da mudança do quadro violento.

No entanto, de maneira análoga se fizeram presentes ressalvas a respeito das condições de trabalho dos policiais, seus baixos salários e a existência de um número significativo de profissionais honestos. Nessas falas, a expressão "honrar a farda" foi amplamente utilizada para designar o desejo desses policiais.

O conceito de vulnerabilidade individual está intimamente relacionado às características da contemporaneidade[21]. Diversos autores (Kehl, 2004; Lipovetsky, 2001; Bauman, 1998; Ehrenberg, 2000) apresentam nossos dias como tempos de urgência, de fluidez dos laços afetivos, comportamentos compulsivos, excessos de demandas e possibilidades. Essas características foram explicitadas nos relatos trazidos pelos jovens. A partir das notícias que representavam essa categoria mais ampla de vulnerabilidade, os jovens revelaram uma visão negativa

[21] Alguns autores preferem hipermodernidade (Lipovetsky, 2001) ou pós-modernidade (Bauman, 1998)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

da juventude. Em muitas falas os jovens foram representados como irresponsáveis e inconseqüentes, contudo as acusações vieram sempre acompanhadas de justificativas. Desamparo ou cumplicidade por parte dos pais, ausência de referências e modelos de boa conduta na própria sociedade e pressões sociais de conduta e performances foram citados como vetores das atitudes execráveis dos jovens.

Entretanto, em meio às acusações, surgiu um discurso interessante em defesa do jovem e da sua imagem na atualidade. Nessas falas o potencial transformador dos jovens foi destacado e sua capacidade de agenciar mudanças e de contagiar grupos foram percebidas como fundamentais para qualquer ação que se pretenda eficiente.

Percebemos que as *rodas de conversa* percorreram caminhos distintos de percepção do tema. É interessante observar que embora algumas questões tenham sido comuns em todos os grupos, tais como a questão do desamparo familiar, a irresponsabilidade dos jovens e as críticas a polícia, houve também discursos muito específicos e contextualizados. A opção por organizar os discursos a partir da notícia justifica-se pela atenção curiosa à pluralidade de questões que uma mesma reportagem foi capaz de suscitar: relações de poder, impunidade e corporativismo policial foram temáticas levantadas a partir de uma mesma notícia.

Outro ponto interessante foi o uso feito das notícias de jornal. Em determinado grupo a notícia foi o referencial principal para a fala dos jovens, os participantes pareciam conhecer bem a notícia e, em alguns casos, o próprio sujeito da notícia. Entretanto, em outro encontro os recortes foram apenas o ponto de partida para depoimentos que falavam muito pouco da notícia, nesses casos a reportagem era mero gancho para relatos de experiências pessoais, com personagens e contextos próprios. Dito de outro modo, podemos afirmar que enquanto em um grupo a notícia foi encarada como algo para se discutir sobre ela, em outros, a notícia foi tratada como algo para se falar a partir dela.

Em todas as *rodas de conversa* foi perceptível o conhecimento prévio dos participantes acerca das notícias trazidas. Em uma *roda* chamou-nos a atenção o conhecimento de um participante sobre os fatos para além das informações fornecidas pela reportagem. O jovem acompanhou diversos casos através da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

internet e contribuiu com dados atualizados sobre as investigações dos episódios citados na notícia.

No espaço das *rodas de conversa* ocorreu uma confluência de discurso. Alguns jovens tinham a fala marcada pelo tom de desamparo e desesperança em relação a mudanças no quadro violento em que o jovem está inserido. Nesses casos, o relato das experiências com o risco e a vulnerabilidade foi pautado pela experiência de perda, algumas recentes, de amigos e conhecidos.

Em algumas falas, participação familiar e engajamento político foram amplamente discutidos. Em outros depoimentos, entretanto foi constatada uma tendência conformista e passiva frente ao problema. Nesses casos o discurso dos participantes foi pouco solidário, e a problemática da violência quando não estava sendo lançada para o Estado, foi tratada como problema de cada um.

Enquanto o discurso em algumas *rodas* foi visivelmente mais realista, contemplando políticas públicas, estratégias de enfretamentos e posicionamento crítico frente ao problema da violência urbana; a outra apresentou uma postura mais intimista, pessoal.

Em *"Espaço urbano e constituição subjetiva da desigualdade social: um possível leitura das políticas da diferença"* Jobim e Souza e Passarelli (2006) oferecem pistas para uma reflexão dos modos de ser e estar na cidade, e demonstram de que maneira a via pública cria espaços de visibilidade e anonimatos no jogo das relações sociais. Diz os autores que

> A cidade se oferece como espaço de tensão, de confronto, de encontros e desencontros, enfim, de desafios para enfrentarmos nossos limites interiores em um permanente aperfeiçoamento daquilo que cada um pode oferecer de si na relação com o outro. Tudo isso acontece quando há situações em que as pessoas são confrontadas com barreiras potencialmente conflituosas de identidade e diferença que devem ser negociadas no curso das trocas sociais. Isto significa que as desigualdades sociais apenas indicadas pelas diferenças sociais podem ser elaboradas a partir de uma relação social ativa entre diferentes (Jobim e Souza e Passareli, 2006, p.124).

De maneira análoga à noção de cidade que os autores nos oferecem, as *rodas de conversa* também proporcionaram um espaço de confluência e encontro de pontos de vista heterogêneos que devidamente organizados auxiliam na compreensão do problema e na busca por soluções.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Assim, as *rodas de conversa* foram, sobretudo espaços de escuta dos jovens, que possibilitaram reposicioná-los no debate acerca de políticas públicas e ações voltadas para essa população. Em seus depoimentos foi possível identificar suas principais queixas, suas aspirações e expectativas em relação ao futuro e, principalmente suas sugestões de enfrentamento do problema. Majoritariamente, os depoimentos falavam de uma descrença do poder instituído apregoada a corrupção e a falta de interesse em melhoras significativas e verdadeiras. Em artigo sobre juventude e cidadania, José Machado Pais (2005) questiona o motivo da ineficiência de inúmeras intervenções políticas dirigidas à juventude. O autor defende que os insucessos das investidas governamentais advêm de uma má investigação do campo onde se pretende intervir. "As políticas de intervenção podem ser equívocas se não *ancorarem* em estudos rigorosos da realidade, se a deixam perder de vista" (p.126). Trata-se, portanto de consultar, sobretudo aqueles a quem se pretende beneficiar. Nesse sentido, nos debates sobre políticas públicas para a juventude, os jovens não podem estar fora do processo de formulação porque são eles que irão narrar a realidade do problema que se pretende combater.

Para utilizar um exemplo das *rodas de conversa*: quando a questão do uso e comercialização de drogas é alvo de programas de combate e prevenção, freqüentemente suas ações focam-se na questão da saúde coletiva, com intenção de auxiliar o usuário e na segurança pública para repressão da venda e do uso. No entanto, quando o uso de drogas foi tema nas *rodas de conversa* os jovens sugeriram como solução educação acerca do uso – no sentido de disponibilidade de acesso a informação sobre suas conseqüências e legislação a respeito do tema – e criação de oportunidade de emprego para neutralizar a força atrativa do tráfico. Não significa dizer que a repressão ao crime organizado seja desnecessária e que os dependentes químicos não devam ser amparados, no entanto na fala dos jovens percebemos o desejo por medidas que atinjam a gênese do problema, nesse sentido as ações do governo soam paliativas e conformadas.

Pais esclarece que o equívoco é proveniente, em grande parte, por um erro de contexto. Argumenta o autor que os programas e ações governamentais agem de forma determinística e estática, como em um jogo de xadrez, onde os

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

movimentos são limitados e de algum modo previstos. De modo inverso, as ações humanas são inacessíveis, indeterminadas e dinâmicas.

> Ou seja, as políticas de juventude têm por objeto uma realidade complexa: não apenas porque as trajetórias dos jovens são complexas, mas porque elas decorrem em terrenos labirínticos (p.127).

Para ilustrar a questão o autor cita o caso de uma pesquisa etnográfica que realizou na ilha Santa Maria dos Açoures. Em sua investigação, Pais (2005) constatou uma alta evasão de jovens da ilha chegada a época de ingresso no ensino superior. Em Portugal, quando finalizam a escolaridade obrigatória, os jovens são obrigados a escolher uma área de especialização de acordo com os cursos universitários que pretendem seguir. Ocorria que os estudantes optavam por cursos e especializações que não existiam na ilha.

> O Ministério da Educação, perante estes "dados", aparentemente "objetivos", decidiu satisfazer as supostas pretensões dos estudantes, numa lógica de "oferta-procura"; as escolas secundárias de Santa Maria passaram a fornecer especializações nas áreas até então mais procuradas. Surpreendentemente, os jovens passaram a preferir as áreas que tinham sido extintas por falta de procura (p.127).

O autor explica que o fracasso da bem-intencionada ação do ministério da educação é fruto e exemplo de uma política feito de cima para baixa, impositiva desconectada daqueles a quem elas se dirigem. No caso da ilha de Santa Maria dos Açoures não se levou em conta as subjetividades ocultas, os contextos de vida que revelariam o verdadeiro motivo da evasão dos jovens. O caso citado pelo autor é sugestivo porque evidencia as poucas chances de êxito de políticas de intervenção desancoradas de estudos rigorosos da realidade e alheia aos desejos dos seus pretensos beneficiados.

E foi este exatamente o objetivo fundamental das *rodas de conversa*, consultar a respeito de suas realidades e implicá-los na procura de alternativas para o estado de vulnerabilidade em que se encontram. Se existe a possibilidade de reversão desse quadro ela reside em parte na análise das experiências desse segmento social, suas táticas e estratégias de sobrevivência. Resulta daí a importância de convocar esse segmento social para a busca de soluções.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Nesse sentido, mais do que constatar o problema – redundando informações já fornecidas por estudos e estatísticas – esta pesquisa é também uma sugestão metodológica para abordar os jovens, propondo uma parceria para a formulação de políticas publicas, tendo os jovens como principais formuladores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

9.

Referências bibliográficas

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano**, Escrita, São Paulo, 1994.

ABRAMO, H,W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Juventude e contemporaneidade.** Brasília, DF: UNESCO: MEC: ANPED, 2007. 281 p. (Coleção Educação para todos ; 16) ISBN 9788576520648(Broch.)

ABRAMO, H. & BRANCO, P.P. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, M. et al. **Juventude, Violência e vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABRAMOVAY, M. et al. **Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ABRAMOVAY, M; ANDRADE, E.R; ESTEVES, L.G. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2009.

ARENDT, R.; TSALLIS, A. Os cotidiano(s) do(s) Rio(s) de janeiro. In: **Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais.** São Paulo: Cortez, 2006.

AYRES, J. R. C. M. **Vulnerabilidade e avaliação de ações preventivas: HIV/AIDS e abuso de drogas entre adolescentes**. São Paulo: Fac. de Medicina da USP, 1996.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

AYRES, J. R. C. M.; CALAZANS, G. J.; FRANÇA JÚNIOR, I.Vulnerabilidade do adolescente ao HIV/Aids. IN: **Seminário Gravidez na Adolescência**. [Brasília]: Ministério da Saúde/Usaid, 1998.

ADORNO, R.C.F. **Um Olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social**. 1ª Ed. São Paulo: AAPCS –Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1999

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BIRMAN, J. **O mal estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BRANCO, P. P. Juventude e Trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

CALLADO, A. A. O texto em veículos impressos. In: **Deu no jornal**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2002.

CANO, I e RIBEIRO, E. Homicídios no Rio de Janeiro e no Brasil: dados, políticas públicas e perspectivas. In: **Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CANO, I. O estado omisso quer aumentar a inseguranç*a.* **Jornal O Globo** 14 fev. 2007, p.07; disponível em http://www.lav.uerj.br/docs/art/ic/ic_14-02-07-OGLOBO.pdf. Acessado em 19 de outubro de 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

_____. Como substituir o poder paralelo. **Jornal do Brasil** 11 jun. 2002, p.15; disponível em http://www.lav.uerj.br/docs/art/ic/ic_11-06-02-JB.pdf. Acessado em 02 de abril de 2009.

_____. A vivência subjetiva da violência entre jovens do Rio de Janeiro. In: **Juventudes, subjetivações e violências**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

_____. Nós e eles: Direitos Humanos, a polícia e a visão dicotômica da sociedade. In: **Direitos Humanos: temas e perspectivas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

_____. **Letalidade da ação policial no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Iser; 1997.

CARA, D. e GAUTO, M. Juventude: percepções e exposição à violência. In: **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007.

CARRANO, P. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Revista Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 11-27, 2000.

CASTRO, M., G., ABRAMOVAY, M. Juventudes no Brasil: vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas. In: **Família sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar.** Petropolis: Vozes, 2005.

_____. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. Cadernos de Pesquisa**. [online]. 2002, n.116, pp. 143-176. ISSN 0100-1574.

_____. **Para um novo paradigma de fazer políticas de/para/com juventudes**. Unesco, 2004.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

CASTRO, L. R. de; CORREA, J. (Orgs.). **Juventude Contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais.** Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2005.

CASTRO, L.R et all. **Mostrando o real: um retrato da juventude pobre do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2005.

COSTA, J.F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CRUZ, M.V.G; BAITUCCI, E.C. (org.). – **Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. In: **Juventude e contemporaneidade.** Brasília, DF: UNESCO: MEC: ANPED, 2007. 281 p. (Coleção Educação para todos ; 16) ISBN 9788576520648(Broch.)

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1990.

EHRENBERG, A. **La fatigue d'être soi : dépression et société**. Paris: Éditions Odile Jacob, 2000.

FAVERO, O. **Juventude e contemporaneidade.** Brasília, DF: UNESCO: MEC: ANPED, 2007. 281 p. (Coleção Educação para todos ; 16) ISBN 9788576520648(Broch.)

FERNANDES, R.C. Segurança para viver: propostas para uma política de redução da violência entre adolescentes e jovens. In: **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

GONÇALVES, H.S. **Juventude Brasileira, entre a tradição e a modernidade.** Tempo Social revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2, Nov. 2005.

GUATTARI. F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

HOBSBAWN, E. **A era dos extremos - o breve século XX**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

IHA*:* **Índice de Homicídios na Adolescência: Análise preliminar dos homicídios em 267 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes**, Julho de 2009.
Disponível em: http://www.lav.uerj.br/relat2009.html Acessado em: 13 de agosto de 2009.

JOBIM E SOUZA, S. **Infância e linguagem: Benjamin, Bakhtin e Vygotsky.** Campinas: Papirus, 1994.

LEMGRUBER, J.; MUSUMECI, L.; CANO, I. **Quem vigia os vigias? Um estudo sobre controle externo das polícias no Brasil.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

KEHL, M.R. A juventude como sintoma da cultura. In: **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MANN, J. et al. (Org.). **A Aids no mundo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/IMS-UERJ, 1992.

MEDRADO, B. Texto em cena: a mídia como prática discursiva. In: **Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas**. 3.ed.São Paulo: Cortez, 2004.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: **Juventude e contemporaneidade.** Brasília, DF: UNESCO: MEC: ANPED, 2007. 281 p. (Coleção Educação para todos ; 16) ISBN 9788576520648(Broch.)

MESQUITA NETO, P. et al. **A Violência do cotidiano**. Konrad Adenauer Stiffung, p. 75-92, 2001.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

MIRANDA, L. L. Subjetividade: a (des)construção de um conceito. In: **Subjetividade em questão. A infância como crítica da cultura** (pp. 29-46). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

NOVAES, R & VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

NOVAES, R. Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In: **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

_____. Juventude, conflito e solidariedade. **Comunicações do ISER**. Nº 50. Ano 17, 1998.

_____. "Polícia, polícias: as percepções dos jovens". In: O Galo e o Pavão. **Comunicações do ISER**. Nº 58. Ano 22, 2003

_____.**Direitos Humanos: temas e perspectivas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

OLIEVENSTEIN, C. **Destino do toxicômano**. São Paulo: Almed, 1985.

PAIS, J. M. As múltiplas 'caras' da cidadania. In: **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005. p. 107-133.

PAIS, J.M. *Culturas Juvenis.* Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PAULILO, M.A.S & JEOLÁS, L.S. Jovens, drogas, riscos e vulnerabilidade: aproximações teóricas. **Serv. Soc. Rev**., Londrina, v. 3, n. 1, p.27-37, jul./dez. 2000.

PERALVA, A. **Violência e Democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

PERALVA. A. O jovem como modelo cultural. In: **Juventude e contemporaneidade.** Brasília, DF: UNESCO: MEC: ANPED, 2007. 281 p. (Coleção Educação para todos ; 16) ISBN 9788576520648(Broch.)

PERES, M.F.T. – Homicídios, risco e vulnerabilidade: para uma discussão da dinâmica da vitimização por homicídios In: **Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RAMOS, S. & LEMGRUBER, J. **Criminalidade e respostas brasileiras à violência. Observatório da Cidadania**, 2004.

RIBEIRO, R. J. Política e Juventude: o que fica de energia. In: **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANT`ANNA, A. Homicídios entre adolescentes no Sul do Brasil: situações de vulnerabilidade segundo seus familiares. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, jan-fev, 2005.

SANTOS, J.V.T – A agonia da vida: mortes violentas entre a juventude do país do futuro In: **Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SARTI, C.A. O jovem na família: o outro necessário. In: **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SPINK, M. J. (org) **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano.** São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SPINK, M.J.(org). **Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais**. São Paulo: Cortez, 2006.

SPINK, M. J. P. & FREZZA, R. M., Práticas discursivas e produção de sentidos: A perspectiva da psicologia social. In: **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**. São Paulo: Cortez Editora,2004.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. and MELLO, R.P. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na mídia. ***Psicol. Reflex. Crit***. [online]. 2002, vol.15, n.1, pp. 151-164. ISSN 0102-7972.

SODRÉ, M. Violência, mídia e política. In: **Reflexões sobre a violência urbana: (in)segurança e (des)esperanças**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

_____. **O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia.** Editora Cortez, São Paulo, 1992.

SPOSITO, M.P. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPED, n.5 e 6, p. 37-52, 1997.

SOARES, L. E.; MV BILL; ATHAYDE, C. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOARES, L.E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOARES, G.A.D. **Não matarás: desenvolvimento, desigualdade e homicídios.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

THOMPSON, J. **The media and modernity: A social theory of the media**. Cambridge: Polity Press, 1995.

VELHO, G.; ALVITO, M. (orgs.) **Cidadania e violência**. 2º ed. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ: FGV, 2002.

VELHO, G. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: **Drogas e Cidadania: repressão ou redução de riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VIANA, H. **Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

VIGNOLI, J. R. Vulnerabilidad demográfica em América Latina: qué hay de nuevo? In: **CEPAL. Seminario Vulnerabilidad.** Santiago: Cepal, 2001

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência IV: Os Jovens do Brasil-Juventude, Violência e Cidadania,** Brasília, UNESCO, 2004.

WAISELFISZ, J J. (coord.). **Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2003**. Brasília, UNESCO, 2004.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

Anexo

DATA	SEÇÃO	NOTÍCIA.
26.05.08	Capa	**Acidentes em Guadalupe e Campo Grande matam 6 jovens.**
27.05.08	Capa	**Parentes de vítimas do trânsito fazem apelo.** Pais dos jovens mortos em acidentes no fim de semana alertam para a mistura álcool e direção.
27.05.08	Capa	**Rio tem feriado mais violento em sete anos.**
27.05.08	Rio 11	**Acidentes: 1/3 das vítimas é jovem.** Segundo Detran, de 22 mil acidentados, no ano passado, 7,6 mil tinham até 29 anos.
27.05.08	Rio 13	**Feriado nas estradas foi o mais violento em 7 anos.** Dez pessoas morreram e 46 ficaram feridas em 123 acidentes nas rodovias federais do Rio.
02.06.08	Rio 9	**Polícia prende 38 jovens com drogas em rave.** Projeto Noite Legal apreende maconha, ecstasy e anestésico veterinário em festa em Cachoeiras de Macacu.
02.06.08	Rio 9	**Pontos de LSD foram achados em pirulitos.** Parte dos jovens foi detida durante de revistas de mochilas e bolsas na entrada da festa.
16.06.08	Capa	**Militares são presos por entregar jovens para o tráfico.** Delegado acusa 11 homens pela morte de moradores da Providência.
16.06.08	Rio 8	**Decretada prisão de militares.** Onze integrantes do Exército são acusados do homicídio de três jovens 'vendidos' ao tráfico.
16.06.08	Rio 9	**Morador viu a entrega dos jovens.**
16.06.08	Rio 9	**Morador que testemunhou a entrega dos jovens diz que não esperava isso do Exército.**
16.06.08	Rio 9	**Relembre outros casos de envolvimento de militares com o crime organizado.**
16.06.08	Rio 10	**Protestos se estendem até o asfalto.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

		Moradores pedem justiça e gritam “fora, exército assassino”.
16.06.08	Rio 10	**O calvário de uma mãe.** Busca de Lílian Gonzaga pelo corpo do filho Wellington durou mais de 30 horas.
17.06.08	Capa	**Tenente confessa crime e o Exército entre em choque com moradores.**
17.06.08	Capa	**Perguntas sem respostas.**
17.06.08	Rio 14	**Sem arrependimento.** Tenente diz que só queria dar um ‘corretivo’ nos 3 jovens que entregou a traficantes.
17.06.08	Rio 15	**Morro, de luto, retira a bandeira do Brasil.** Hospital cancela consultas, restaurante popular recebe ameaça de bomba, ônibus são desviados e camelôcromo fecha.
17.06.08	Rio 16	**Bombas para conter protestos.** Manifestantes entram em confronto com soldados do Exército em frente ao CML, após enterro dos três jovens.
18.06.08	Capa	**Ministro sobre a Favela e pede perdão por crime de militares.**
18.06.08	Rio 12	**Ofensiva contra o Exército.** Defensoria pedirá retirada de tropas da Providência e indenização para famílias de jovens mortos.
18.06.08	Rio 16	**Todos dizem que cumpriam ordens.** Militares alegam que obedeciam ao tenente. Advogado do oficial afirma que ele não foi o mentor.
19.06.08	Rio 16	**Polícia ainda não agiu para prender assassinos.** Secretaria alega que estão faltando informações precisas.
19.06.08	Rio 17	**Delegado pedirá prisão preventiva de acusados.** Inquérito deverá ficar pronto hoje. Ministério Público Militar também quer que quatro dos 11 acusados sejam detidos.
20.06.08	Rio 14	**Exército ainda ocupa Providência.** Governo recorre contra liminar que ordena saída de soldados.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

20.06.08	Rio 15	**Polícia indicia 11 militares por homicídio triplo.** Delegado disse acreditar que houve contato prévio com traficantes que mataram jovens do Morro da Providência. **Antes da morte, sessão de tortura.**
20.06.08	Capa	**Acaba a tolerância com motoristas alcoolizados.**
20.06.08	O País 12	**Agora é tolerância zero para álcool e direção.** Lei que prevê perde de habilitação para quem for flagrado dirigindo com qualquer teor alcoólico no sangue é sancionada.
21.06.08	Rio 18	**Justiça manda Exército ficar apenas em uma rua.** Juiz diz que União prometeu solução conciliatória.
21.06.08	Rio 19	**Celebrada missa pelos três rapazes assassinados.** Padre compara vítimas a Jesus Cristo. Cerca de duzentas pessoas rezam na Vila Olímpica pelos mortos.
23.06.08	Rio 8	**Lei seca e dura de pegar.** Sem fiscalização, cariocas desrespeitam proibição ao consumo de álcool antes de dirigir.
23.06.08	Rio 8	**Uma mistura de conseqüências trágicas.**
24.06.08	Capa	**Mães pedem proteção a Lula.**
24.06.08	Capa	**PM começa a substituir Exército na Providência.**
24.06.08	Rio 15	**Lula recebe família das vítimas da Providência.** Secretaria Nacional de Direitos Humanos estuda incluir parentes de jovens no Programa de Proteção à Testemunha.
24.06.08		**Vítimas teriam sido vendidas por R$ 20 mil cada.** Bandido responsável por tripla execução pode estar morto.
24.06.08	Capa	**Jovem escapa do 'tribunal' do tráfico.**
24.06.08	Rio 11	**Salvo do 'tribunal' do tráfico.** PM liberta jovem acusado de roubos que seria queimado vivo na Cidade de Deus.
25.06.08	Rio 15	**Justiça Federal decreta a prisão de 11 militares.** Sete seriam postos em liberdade hoje pela Justiça Militar, que alega que eles não tiveram participação direta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

25.06.08	Rio 11	**Parte do bando da mineira identificada.** Militares reconhecem três traficantes em fotos.
25.06.08	Rio 11	**Saiba mais sobre o caso.** Resumo do crime do Morro da Providência.
29.06.08	Capa	**Estudante é morto por PM em Ipanema.**
29.06.08	Rio 24	**Jovem é morto em porta de boate em Ipanema.** PM que fazia segurança de filho de promotora atira em estudante durante briga, é preso e confessa o crime.
29.06.08	Rio 24	**Um esportista que gostava de morar no Rio.** Parentes e amigos pedem justiça e afirmam que Daniel Duque era um 'menino de paz'.
30.06.08	Rio 11	**Boêmios do Rio mudam seus hábitos para se adaptar à lei seca no trânsito.** Grupos optam por táxis ou elegem 'anjo da guarda', que passa a noite sem beber.
30.06.08	Capa	**Procuradoria investigará assassinato de estudante.** Para chefe da PM, no entanto, versão de legítima defesa é coerente. Família reage.
30.06.08	Rio 8	**MP investigará morte de jovem.** Soldado acusado de assassinato em Ipanema é um dos 200 PMs cedidos à Procuradoria.
01.07.08	Capa	**Segurança de promotores será revista.** MP investiga se PM que matou jovem extrapolou a função de guarda-costas.
02.07.08	Rio 13	**A dor dos colegas.** Amigos mandam rezar missa por Daniel.
02.07.08	Segundo Caderno	**Um tiro em frente a uma boate de Ipanema.** Filhos de promotoras ameaçadas por Fernandinho Beira-Mar não podem ter uma vida normal.
02.07.08	Capa	**Número de homicídios no Rio cai 18,7% em um ano.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

		Abril registrou taxa mais baixa de assassinatos desde 1991.
04.07.08	Capa	**Lágrimas do acusado.** O tenente Vinicius Ghidetti, acusado de entregar três jovens da Providência a traficantes, chora ao depor: “Quis dar susto neles para não ficar desmoralizado”.
04.07.08	Rio 23	**Providência: relatório cita conivência com o crime.** Conselho diz em documento ter encontrado indícios de promiscuidade entre militares do Exército e traficantes.
07.07.08	Rio 11	**Promotor do caso Baronetti oferece denúncia por homicídio contra PM.** Marcelo Monteiro quer que testemunhas sejam novamente ouvidas.
08.07.08	Capa	**Pai acusa PM de metralhar carro da família e matar filho.** Secretário admite que policiais se confundiram e diz que a ação foi desastrosa.
08.07.08	Rio 10	**Que polícia é essa?** Pai de menino baleado na Tijuca diz que PMs mataram seu filho e nega ter havido tiroteio.
08.07.08	Rio 12	**Tiro em menino deve ter partido da PM.** Polícia faz reconstituição do crime ocorrido no dia 28 na Favela do Muquiço, em Guadalupe.
08.07.08	Ancelmo Gois	Colunista traz recortes de jornais expondo ações desastrosas da PM do Rio nos últimos meses.
09.07.08	Rio 12	**Polícia do Rio mata mais que o crime em SP.** Taxa de autos de resistência na cidade supera a de homicídios na capital paulista.
10.07.08	Rio 20	**Lei Seca: menos feridos em hospitais.** Levantamento mostra queda de 14% a 21% no movimento das 3 principais emergências do Rio.
11.07.08	Rio 10	**PMs são presos por morte de barman no Jacarezinho.** Policiais alegam que houve confronto. Família nega.
	O País 9	**Morte de jovens por PMs causa revolta.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

15.07.08		Governador do Paraná classifica a ação de injustificável e diz que policiais serão punidos.
15.07.08	O País 8	**Lei Seca: atendimentos do Samu caíram 24%.** Levantamento foi feito em 14 centrais de grandes cidades; maior queda no número de resgates foi em Niterói.
16.07.08	Capa	**PM erra e mata mais um inocente.**
16.07.08	Rio 12	**Vítima do bandido e da PM.** Inocente mantido refém por bandidos é morto em ação desastrosa da polícia.
17.07.08	Rio 14	**Pouco bafômetro para muito bêbado.** Fiscalização deficiente impede de motoristas suspeitos de embriaguez sejam examinados e punidos.
18.07.08	Capa	**Bêbado atropela e deixa jovem em coma.**
18.07.08	Rio 23	**Mãe do rapaz que atropelou jovem no Leblon pede perdão à família da vítima.** Com lesões no cérebro, na clavícula e no pulmão, Júlia continua em coma.
24.07.08	Rio 19	**Ato lembra 15 anos de Chacina da Candelária.** Cerca de 800 pessoas passeata e missa em memória de seis menores e dois adultos assassinados em 93.
27.07.08	Ancelmo Góis	**Meu Deus...** Cresce na Barra, o número de jovens que tentam driblar o bafômetro com torpedos. Um amigo avisa ao outro onde há blitz pelo celular.
25.08.08	Capa.	**Aluguéis em favelas do Rio rendem R$ 107 milhões.**
25.08.08	Rio 10	**Aluguéis rendem R$ 107 milhões.** Pelo menos 12% dos imóveis não são próprios.
25.08.08	Rio 11	**Os novos ricos da construção.** Ex-moradores dominam mercado de quitinetes na Rocinha.
26.08.08	Capa.	**Indústria da invasão em favelas cobra até 'luvas'.** Rio teve 1.455 ocupações em um ano e meio; Cabral dará isenções ao comércio.
26.08.08	Rio 13	**Invasões em série.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

		Desde 2007, cidade teve pelo menos 1.455 novas ocupações.
26.08.08	Rio 14	**As 'luvas' da miséria.** Invasor cobra taxa de R$ 500 por lote em nova comunidade.
26.08.08	Rio 15	**Cabral quer criar a zona franca das favelas.** Proposta é reduzir impostos e burocracia para aumentar formalidade.
27.08.08	Capa.	**Tráfico e milícias disputam lucros de serviços ilegais.**
27.08.08	Rio 17	**Os mercadores da desilusão.** Milicianos e traficantes impõem serviços a moradores e faturam R$ 280 milhões por ano.
27.08.08	Rio 18	**De traficante a 'concessionário'.** Bandido da Ilha repassa pontos para se dedicar a 'gatonet' e pedágio de vans.
28.08.08	Capa.	**Milícia investigada por prostituição infantil.**
28.08.08	Rio 16	**Milícia mostra sua cara.** Grupo que atua na Gardênia Azul é investigado por exploração de prostituição infantil.
28.08.08	Rio 17	**A violência como 'commodity'.** Só em cinco comunidades, milícia e tráfico faturam R$ 256 milhões por ano.
28.08.08	Editorial	**Outro mundo.**
29.08.08	Capa.	**Deputado do PT denunciado por chefiar milícias em favela.** Entre acusados, Babu é o único beneficiado pela imunidade parlamentar.
29.08.08	Rio 17	**O miliciano do PT.** Ministério Público denuncia deputado Babu por chefiar grupo paramilitar na Zona Oeste.
29.08.08	Rio 18	**De olho no voto e no lucro.** **Pelo menos 180 políticos disputam a preferência dos moradores de comunidades.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

29.08.08	Rio 19	**Cortesia com chapéu alheio.** Com recursos públicos, políticos fazem trabalhos assistencialista em comunidades pobres.
01.09.08	Capa.	**Classe média chega a 8% nas favelas.**
01.09.08	Rio 10	**A classe média do morro.** Pesquisa revela que 8% dos moradores da favela ganham mais que 5 salários.
02.09.08	Capa.	**Agressão e morte depois de corte de cabelo.**
02.09.08	Rio 15	**Morre estudante espancado em Silva Jardim.** Segundo parente, Samuel foi agredido por colegas, numa 'brincadeira' após cortar o cabelo.
02.09.08	Rio 15	**Vila Cruzeiro protesta contra o Bope.** Secretaria de Segurança diz que manifestação foi incitada por bandidos.
02.09.08	Megazine	**Desrespeito à Lei Seca.** Dois anos depois do acidente que matou cinco estudantes na Lagoa e chocou o Rio, boêmios ainda se arriscam a combinar álcool e direção.
03.09.08	Rio 19	**Agressores de estudantes são todos menores.** Polícia diz que pelo menos 4 adolescentes espancaram em Silva Jardim o aluno que morreu dias depois.
03.09.08	Rio 20	BarraBacana já diminui número de crimes.
04.09.08	Rio 21	**Delegado: Morte de rapaz espancado foi fatalidade.** Policial acha que agressores apenas 'exageraram na dose',
05.09.08	Rio 16	**Traficantes torturam e matam jovem deficiente.** Vítima passou por favela controlada por facção rival; moradores incendeiam ônibus em protesto.
09.09.08	Rio	**PM mata 2 em tiroteio na favela Beira-Mar e uma menina é ferida.** Segundo família, criança levou tiro, mas hospital diz que ela foi esfaqueada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

10.09.08	Rio 17	**Favela Blindada.** Moradores do Morro do Fogueteiro reforçam paredes de prédios e constroem muros para evitar tiros.
12.09.08	Rio 19	**Juiz decide que PM do caso Baronetti vai a júri popular por homicídio doloso.** Policial que matou Daniel Duque será julgado em outubro.
15.09.08	Capa.	**Poder paralelo faz TRE pedir tropas para 2º turno no Rio**. Após sobrevôo em favela, desembargador diz que situação é apavorante.
15.09.08	Rio 3	**Militares também no 2º turno.** Presidente em exercício do TRE diz que vai pedir manutenção das tropas no Rio.
15.09.08	Rio 11	**Morre jovem baleado em São Gonçalo.** Estudante de 17 anos fica sete dias em coma; PM é suspeito.
19.09.08	Capa	**Lei Seca: blitz some e acidentes aumentam.** Atendimentos de emergência se aproximam de índices antigos.
19.09.08	Rio 14	**Trânsito mais violento.** Três meses depois da entrada em vigor da Lei Seca, número de vítimas de acidentes volta a subir.
22.09.08	Capa.	**O desafio das escolas em área de risco.**
22.09.08	Rio 3.	**Boletim da violência.** Escolas em área de risco diminuem desempenho dos alunos e são desafio para os candidatos.
23.09.08	O País 15	**Lei Seca: ritmo de quedo de acidentes diminui.** Número de acidentes fatais é maior do que nos primeiros meses de vigência; PRF alerta para a falta de fiscalização.
26.09.08	Rio 18	**Bala perdida mata estudante em Cordovil.**
06.10.08	Rio 32	**O carro como uma arma.** Atropelamento e colisão matam três pessoas em Copacabana, na Barra e em Niterói.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA

		Jovem de 18 anos morto era filho único.
19.10.08	O País 13	**A estudante Eloá Pimentel foi refém do ex-namorado por 100 horas.** No desfecho do seqüestro, a jovem e a amiga Nayara foram baleadas.
21.10.08	O País 11	**Multidão recebe com aplausos o corpo de Eloá.** Mais de 11,8 mil pessoas tinham passado no cemitério até a noite; amigos rezavam e dividiam lembranças.
21.10.08	O País 10	**Ex- namorado mata namorada em Sorocaba.** Preso por tráfico de drogas, Daniel deixou a cadeia e atirou em Camila, de 16 anos, porque ela não quis reatar o namoro.
25.11.08	Megazine	**"Eu saí da escola"** Gravidez, falta de grana ou de interesse: seis jovens contam por que abandonaram os estudos.
23.12.08	O País 4	**Morte no navio: Isabella bebeu demais e foi asfixiada pelo vômito, diz a PF.** Segundo delegado, primeiros depoimentos não confirmaram consumo de drogas.
23.12.08	O País 4	**Drogas e vandalismo em alto-mar.** Comportamento de jovens durante o cruzeiro choca tripulantes.
23.12.08	O País 4	**Alunos burlaram segurança.** Segundo estudante, drogas foram escondidas em bolsas.
21.01.09	Rio 10	**Tragédia no reduto da boêmia.** Morre universitário atingido por tiro enquanto bebia com amigos em frente a bar na Lapa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0812170/CA